



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

GABRIELI DE ASSIS MARCOLINO

**A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTAÇÃO ESCOLAR NA
CONSTRUÇÃO DO ACERVO DO MEL – MUSEU ESCOLAR
LONDRINENSE**

Londrina
2021



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Londrina
2021

GABRIELI DE ASSIS MARCOLINO

**A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTAÇÃO ESCOLAR NA
CONSTRUÇÃO DO ACERVO DO MEL – MUSEU ESCOLAR
LONDRINENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção de título de mestre em Educação

Orientadora: Profa. Dr^a. Sandra Regina Ferreira de Oliveira

Londrina
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Marcolino, Gabrieli.

A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTAÇÃO ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DO ACERVO DO MEL – MUSEU ESCOLAR LONDRINENSE / Gabrieli Marcolino. - Londrina, 2021.
151 f.

Orientador: Sandra Oliveira.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Escola, História Cultural, Fotografia, Londrina, Cultura, Cultura Escolar, História da Fotografia - Tese. I. Oliveira, Sandra . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37

GABRIELI DE ASSIS MARCOLINO

**A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTAÇÃO ESCOLAR NA
CONSTRUÇÃO DO ACERVO DO MEL – MUSEU ESCOLAR
LONDRINENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção de título de mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Orientadora. Dr^a. Sandra Regina Ferreira
de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Tony Honorato Universidade Estadual
de Londrina – UEL

Profa. Dr^a. Marisa Noda Universidade Estadual
do Norte do Paraná – UENP

Londrina, 28 de Outubro de 2021.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos sempre pareceram a parte mais distante do trabalho. Fico surpresa em estar escrevendo os mesmos neste momento e pensando em todas as pessoas que gostaria de mencionar. Nesta escolha cruel, percebi que preciso agradecer a todos que passaram pelo meu caminho e contribuíram com a minha jornada, direta e indiretamente. Aos meus amigos conquistados durante a vida e aos meus familiares.

Agradecer a todos os meus professores que me mostraram a Educação como um caminho criativo e de múltiplas possibilidades. Agradecer à minha base fundadora, UNESP/Assis, por me acolher e me ensinar os caminhos da História. Agradeço também aos professores da UENP em Jacarezinho, sempre incentivadores e apoiadores dos alunos, e aos professores da UEL, que são guerreiros na empreitada de ensinar e, juntamente com isso, lutar pela Universidade. Os professores da UEL me ensinaram que o conhecimento acadêmico está atrelado à luta e aos amigos que se constroem nessa trajetória.

Agradeço aos meus pais, Lídia e Marcos, por sempre me apoiarem nesse sonho e em todos os outros, vocês sempre foram minha luz e inspiração para trilhar meus objetivos e persistir. Agradeço à minha irmã Giovana, minha “cobaia” na leitura, minha melhor amiga: obrigada por sempre me ajudar e apoiar em minhas decisões.

Gostaria de agradecer a uma pessoa muito importante nessa jornada, minha orientadora Sandra: muito obrigada por me ajudar a trilhar essa jornada de conhecimento. O Mestrado foi o local em que aprendi o que é ser pesquisadora, historiadora, professora e uma pessoa. Professora, sua luz e conhecimentos foram essenciais para essa jornada. Mesmo com os percalços que ocorreram, ainda sou muito grata por essa oportunidade. Obrigada por me acolher e ser minha inspiração de vida.

Agradeço à CAPES pela bolsa concedida. O auxílio no Mestrado foi essencial para a dedicação exclusiva em parte da pesquisa, isso influencia diretamente nos resultados. A pesquisa no Brasil, principalmente em Ciências Humanas, se fundamenta e se enriquece graças a estes apoios. Obrigada, CAPES, por me tornar uma pesquisadora com dedicação exclusiva.

RESUMO

MARCOLINO, Gabrieli de Assis. **A fotografia como documentação escolar na construção do acervo do mel – museu escolar Londrinense**. 2021. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

Nessa pesquisa trabalha-se com fotografias pertencentes ao Museu Escolar Londrinense — MEL. Tem-se como problema central identificar quais são as tipologias de ações fotografadas e quais as possibilidades para o estudo da Cultura Escolar. No intuito de responder ao problema formulado, a pesquisa se efetivou por meio de estudos bibliográficos e da análise das fotografias como fonte. Foram analisadas onze coleções, totalizando setecentas e trinta e sete fotografias datadas de 1950 a 1985. A abordagem recaiu no estudo da organização, ações registradas e anotações constantes nas legendas. O referencial teórico ancora-se no campo da História Cultural a partir de Peter Burke, Roger Chartier e Sandra Pesavento; e na Cultura Escolar, com aportes em Jean Claude Forquin, Dominique Julia e Agustin Escolano Benito. Aproxima-se o conceito da Cultura Escolar com o campo da História da Educação recorrendo, principalmente, às autoras Rosa Fátima de Souza e Diana Gonçalves Vidal. Os resultados obtidos indicam que as fotografias são representações de ações que foram entendidas, naquele contexto, como importantes a ponto de serem registradas e podem ser classificadas em quatro tipologias: ações do cotidiano escolar, ações políticas, ações relacionadas às datas comemorativas e ações da gestão municipal. Conclui-se que tais imagens documentam para além da Educação e que se trata de um importante acervo sobre a história da cidade de Londrina, pois registram a relação sempre presente entre a Educação Escolar e os movimentos da cidade em todos os seus aspectos.

Palavras-chave: escola; história cultural; fotografia; Londrina.

ABSTRACT

MARCOLINO, Gabrieli de Assis. **Photography as school documentation in the construction of the honey collection - London school museum.** 2021. 151 p. Dissertation (Master's Degree in Education) - Center for Education, Communication and Arts, State University of Londrina, Londrina, 2021.

This research works with photographs belonging to the Londrinense School Museum - MEL. The central problem is to identify the types of actions photographed and the possibilities for the study of School Culture. In order to answer the formulated problem, the research was carried out by means of bibliographic studies and analysis of photographs as a source. Eleven collections were analyzed, totaling seven hundred and thirty-seven photographs dating from 1950 to 1985. The approach fell on the study of the organization, recorded actions and annotations contained in the captions. The theoretical reference is anchored in the field of Cultural History from Peter Burke, Roger Chartier and Sandra Pesavento; and in School Culture, with contributions in Jean Claude Forquin, Dominique Julia and Agustin Escolano Benito. The concept of School Culture is close to the field of the History of Education, using, mainly, the authors Rosa Fátima de Souza and Diana Gonçalves Vidal. The results obtained indicate that the photographs are representations of actions that were understood, in that context, as important to the point of being recorded and can be classified into four typologies: school daily actions, political actions, actions related to commemorative dates and actions of municipal management. It is concluded that such images document beyond education and that it is an important collection on the history of the city of Londrina, as they record the always present relationship between school education and the movements of the city in all its aspects.

Keywords: school; cultural history; photography; Londrina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Casa na qual estavam os documentos no antigo IBC	16
Figura 2	– Uma das salas da casa com os documentos.....	17
Figura 3	– Centro de Documentação do MEL.....	18
Figura 4	– Caixas com as fotografias.....	20
Figura 5	– Título de uma das coleções	20
Figura 6	– Anúncio Mesbla: Mês do Fotógrafo Amador – 1950	42
Figura 7	– Cultura da Escola por Escolano Benito.....	62
Figura 8	– Floricultores.....	86
Figura 9	– Centro de interesses.....	87
Figura 10	– Alunos em frente à “Escola”.....	88
Figura 11	– Secretárias e Tesoureiras.....	89
Figura 12	– Presidente da escola e responsáveis pela limpeza	90
Figura 13	– Cerimônia de inauguração da Escola “Carlos de Almeida”	91
Figura 14	– Crianças no ônibus da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Cultura de Londrina	92
Figura 15	– Pessoas em frente à Escola Municipal “Joaquim Bernardes Martins”	93
Figura 16	– Inauguração de escola municipal: Sítio do Sr. Lázaro	94
Figura 17	– Professora adoentada (parto) durante o Curso de Treinamento	95
Figura 18	– Campanha de matrículas antecipadas nos bairros de Londrina dezembro de 1970.....	97
Figura 19	– Festa do Dia da Criança, realizada na Associação dos Funcionários Municipais em outubro de 1972	98
Figura 20	– Embarque de material para reforma de escolas.....	99
Figura 21	– Posse do Secretário de Educação e Cultura, professor Daniel Hatti.....	101
Figura 22	– Visita do Secretário de Educação de Kioto (no Japão) à gráfica do Colégio Canadá.....	101
Figura 23	– Meninas dançam Balé	103
Figura 24	– S/L - Evento com mesa posta e discurso	104
Figura 25	– Posse da professora Hylceia V.Boas de Oliveira, como Secretária de Educação e Cultura	105

Figura 26 – Figueira do Rebojo Tibagí.....	106
Figura 27 – S/L - Evento com mesa posta e discurso	107
Figura 28 – Enlace matrimonial de um casal indígena - posto indígena “Dr. Xavier daSilva”, em Tamarana.....	108
Figura 29 – Tagul.....	112

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Representação do percentual de fotografias com e sem legendas.....	111
---	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados das coleções	p.21 e p.83-84
Tabela 2 – Mapa de palavra.....	p.112 e p.113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SMED	Secretaria Municipal de Educação e Cultura
MEL	Museu Educacional de Londrina
PML	Prefeitura Municipal de Londrina
IPEADATA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
PDE	Programa de Desenvolvimento Educacional Sigla
UEL	Universidade Estadual de Londrina
SMEC	Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	AS FOTOGRAFIAS EM MEIO A UM ACERVO EM CONSTRUÇÃO	31
2.1	AS FOTOGRAFIAS COMO FEIXES DE ILUMINAÇÃO DO PASSADO.....	34
2.2	A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA.....	39
2.3	A FOTOGRAFIA COMO FONTE PARA A PESQUISA HISTÓRICA.....	43
2.4	FOTOGRAFIA COMO FONTE DE PESQUISA.....	51
3	A CULTURA ESCOLAR COMO CHAVE INTERPRETATIVA PARA COMPREENDER A ESCOLA	58
3.1	A CULTURA ESCOLAR: FRAGMENTOS MATERIAIS E IMATERIAIS DO COTIDIANO ESCOLAR	59
3.2	AS INTER-RELAÇÕES ENTRE A CULTURA ESCOLAR E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	68
3.3	DOCUMENTOS ESCOLARES EM SITUAÇÕES DE ARQUIVO: A PRESERVAÇÃO COMO CONDIÇÃO BÁSICA PARA A PESQUISA SOBRE AS HISTÓRIAS DAS ESCOLAS.....	72
4	AS AÇÕES REGISTRADAS NAS FOTOGRAFIAS: POSSIBILIDADES E ANÁLISES	80
4.1	AS COLEÇÕES: O QUE SE ELEGE PARA SER REGISTRADO POR MEIO DA FOTOGRAFIA?.....	83
4.1.1	Coleção 1: Álbum 0.	84
4.1.2	Coleção 2: Álbum 1.	88
4.1.3	Coleção 3: Carlos De Almeida.....	91
4.1.4	Coleção 4: Inaugurações Na Zona Rural.....	93
4.1.5	Coleção 5: Diversos.....	95
4.1.6	Coleção 6: Álbum 5.	96
4.1.7	Coleção 7: Reformas Escolares	99
4.1.8	Coleção 8: Secretaria Municipal De Educação E Cultura E Cultura.....	100
4.1.9	Coleção 9: Prefeitos Fernandes Sobrinho E Milton Menezes	103

4.1.10	Coleção 10: Pessoal Da SEC.....	104
4.1.11	Coleção 11: Promoções Da SEC.....	107
4.2	LEGENDAS: INDÍCIOS E ANÁLISES.....	108
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
	ANEXO	126
	ANEXO – Porta de entrada e mapa da bricolagem	126
	APÊNDICE	127
	APÊNDICE – Catalogação das legendas contidas nas coleções	127

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada se desenvolveu em paralelo com a construção do Museu Escolar Londrinense (MEL) e do arquivo de documentos escolares das escolas rurais e urbanas da cidade de Londrina (PR). A opção por realizar a pesquisa nestas condições foi tomada devido à importância da preservação dos documentos, fator preponderante para a realização de estudos sobre a Educação Escolar. Inicialmente, narramos em linhas gerais como entramos em contato com o acervo, como se consolidaram as ações para a viabilização da construção do arquivo e como recortamos as fontes e tema para essa investigação. A primeira demanda com a qual nos deparamos tratava da necessidade de se retirar os documentos do lugar onde estavam acondicionados em precárias condições e de serem transferidos para um local mais adequado. Foi neste contexto que, dentre toda a documentação encontrada, elegemos trabalhar com um grupo de fotografias alocado em uma caixa de papelão.

As fotografias com as quais trabalhamos na pesquisa estavam localizadas em uma casa, parte integrante de uma grande estrutura física que foi sede do Instituto Brasileiro do Café (IBC) durante anos, na cidade de Londrina (Figuras 1 e 2). O acervo pertence à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Londrina (SMED) e, desde o ano de 2018, estabeleceu-se uma parceria entre a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a SMED quanto à guarda e preservação da documentação. Na UEL, os integrantes do Grupo de Estudo e Pesquisa “Lugares de Aprender: relações entre escola, cidade, cultura e memória” e do Grupo de Pesquisa “Processos Civilizadores” viabilizam as ações de trabalho com tal documentação por meio de projetos de pesquisa e extensão. Nossa pesquisa é parte desse grande projeto.

No desenrolar do projeto, um dos passos mais importantes foi a realocação do acervo da casa do IBC para a UEL com a finalidade de compor o Centro de Documentação do MEL¹. Após um longo processo de negociação entre os docentes responsáveis pelo projeto na UEL e os representantes da SMED, no ano de 2019, houve concordância em transferir os documentos para as instalações da universidade, ocupando, inicialmente, dois espaços: a sala 164 do Centro de Letras

¹ Ainda não temos uma definição quanto ao nome do Centro de Documentação. Por esse motivo, vamos usar o termo “Centro de Documentação do MEL” quando mencionarmos o arquivo.

e Ciências Humanas (CLCH) e, depois de um ano, uma sala no Prédio do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). A transferência do acervo se deu em duas etapas: a primeira em março de 2020 e a segunda em maio de 2021. Esse espaço de tempo se justifica pela paralisação das atividades em todos os setores em decorrência da pandemia da Covid-19.

Figura 1 - Casa na qual estavam os documentos no antigo IBC.



Fonte: Acervo do MEL. Foto de Gabrieli de Assis Marcolino, 2019.

Figura 2 - Uma das salas da casa com os documentos.



Fonte: Acervo do MEL. Foto de Gabrieli de Assis Marcolino, 2019.

No ano de finalização desse texto, em 2021, a organização do Centro de Documentação do MEL está em processo de efetivação. Toda a documentação é retirada das caixas de arquivo de papelão e transferida para caixas plásticas. Cada caixa é etiquetada para viabilizar as próximas etapas de organização, catalogação e digitalização e, ainda que não se tenha um arquivo organizado, este já é utilizado como local de pesquisa (Figura 3).

Figura 3: Centro de Documentação do MEL.



Fonte: Acervo do MEL. Foto de Gabrieli de Assis Marcolino, julho de 2021.

1.1 UMA CAIXA E MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES: ESCOLHAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS NA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Nessa pesquisa, temos como problema central identificar quais são as ações fotografadas e o que elas nos revelam sobre a Educação Escolar? No intuito de responder ao problema formulado, a pesquisa se efetivou por meio de estudos bibliográficos e da análise das fotografias como fonte.

Avançamos no estudo da História Cultural para compreender como a fotografia, objeto da cultura material, é utilizada enquanto fonte para a pesquisa em História. Tratamos também sobre a História da Fotografia para entender como a possibilidade de se registrar um momento - que pode significar para muitos o congelamento do tempo - alterou as relações sociais ao proporcionar mais uma forma de representar o passado. Recorremos aos escritos de Peter Burke (2004; 2005), de Roger Chartier (1990) e de Sandra Pesavento (1995; 2005; 2006; 2007; 2008; 2012) quanto ao campo da História Cultural.

No que se refere à História da Fotografia e à relação dela com as pesquisas no campo da História, os autores selecionados foram: Kossoy (2001), Canabarro (2015), Ana Maria Mauad (1996; 2016), Mônica Bastos (2018), Pedro Vasquez

(2002), Lucas Menezes (2013; 2018), Rosangela Silva Oliveira e Nilton Ferreira Bittencourt Junior (2013), Sandra Regina Franchi Rubim e Terezinha Oliveira (2010), Regina Franchi Rubim e Terezinha Oliveira (2010) e Maria Augusta Martiarena de Oliveira e Elomar Antonio Callegaro Tambara (2004).

O segundo aporte teórico que nos ajuda na construção de respostas para nosso problema de investigação recai na Cultura Escolar. Na mesma linha indicada por Jean Claude Forquin (1993, 2001), Dominique Julia (2001) e Agustín Escolano Benito (2017), compreendemos a Cultura Escolar como a área de conhecimento que investiga a escola a partir de fragmentos da cultura material e imaterial produzida no cotidiano escolar. Para relacionar de forma mais estreita a Cultura Escolar com o campo da História da Educação no Brasil, recorreremos aos escritos de Rosa Fátima de Souza (2000), Luciano Mendes de Faria Filho, Irlen Antônio Gonçalves, Diana Gonçalves Vidal e de André Luiz Paulilo (2004).

Como já exposto, nossa pesquisa se desenvolve em paralelo com a construção de um arquivo escolar. Por essa razão, entendemos ser essencial nos aproximar de outras experiências relacionadas à construção de arquivos escolares, o que fizemos a partir dos estudos e vivências dos pesquisadores Iomar Barbosa Zaia (2005), Elizabeth Madureira Siqueira (2005), Wagner Rodrigues Valente (2005), Nailda Marinho da Costa Bonato (2005) e Maria João Mogarro (2005), reunidos e publicados no dossiê “Arquivos escolares: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação”, organizado por Diana Gonçalves Vidal.

O campo documental foi composto por 1.094 fotografias que estavam em uma caixa de papelão na antiga sede do IBC (Figura 4). Ao nos depararmos com a quantidade de fotos, visualizamos a potencialidade de tal material para a pesquisa sobre as escolas londrinenses. A primeira sensação ao entrar no espaço no qual os documentos estavam alocados (Figuras 1 e 2) foi a de reconhecer que o local não era adequado para a manutenção dos materiais. Na casa, que se encontrava em condições precárias devido à ação do tempo, havia muitas caixas rasgadas e o mofo proliferava em todo o ambiente.

Figura 4: Caixas com as fotografias.



Fonte: Acervo do MEL. Foto de Gabrieli de Assis Marcolino, julho de 2021.

A primeira pergunta que nos fizemos sobre essas fotografias foi sobre a forma como elas estavam organizadas. Verificamos a existência de álbuns e de fotografias soltas. Optamos, então, por denominar por “coleções” as imagens agrupadas em álbuns. Foram identificadas 12 coleções, que continham, ao todo, 737 fotografias e 357 fotografias soltas. Podemos identificar certa padronização em nove dessas coleções, pois as fotografias estão dispostas em pastas com capa dura nas cores preta e azul, que acondicionam sacos plásticos, dentro dos quais estão as fotografias coladas na frente e no verso de folhas de papel sulfite. Das 12 pastas, sete contêm título impresso em fita adesiva produzida por um aparelho denominado rotulador (Figura 05) e três coleções são álbuns comuns e da mesma tipologia de álbuns de família, com folhas cartonadas autocolante, acompanhadas de um papel adesivo transparente que protege as fotografias. Em dois álbuns, as folhas são de papel cartonado na cor cinza, separadas por folhas de papel de seda. Em um deles, as fotografias estão coladas. Em outro, cantoneiras de papel foram usadas para fixar as imagens.

Figura 5: Título de uma das coleções.

Fonte: Acervo do MEL. Foto de Gabrieli de Assis Marcolino, julho de 2021.

Essas coleções foram organizadas por alguém em algum local do tempo.

Optamos, como recorte para essa investigação, trabalhar com as coleções fechadas por estabelecermos a hipótese de que elas poderiam nos fornecer pistas sobre uma determinada escola ou um determinado assunto, ou seja, estaríamos frente a uma coletânea. No desenrolar da pesquisa, essa hipótese se concretizou parcialmente, pois identificamos que parte das coleções - as que estão em pastas pretas e azuis - provavelmente foram montadas na SMED, assunto ao qual retornaremos mais adiante.

Uma única coleção que não apresenta título foi nomeada de Álbum 0. No quadro a seguir constam os dados das coleções.

Tabela 1: Dados das coleções

Coleções	Quantidade de fotos	de Com legendas
Coleção 1 - Álbum 0	16	16
Coleção 2 - Álbum 1	75	8
Coleção 3 - Carlos de Almeida	73	0
Coleção 4 - Inaugurações Zona Rural	136	132
Coleção 5 - Diversos	51	51
Coleção 6 - Álbum 5	19	19
Coleção 7 - Reformas escolares	17	17
Coleção 8 - Álbum 4	15	15
Coleção 9 - Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Cultura	42	42
Coleção 10 - Prefeitos Fernandes Sobrinho e Milton Menezes	178	71
Coleção 11 - Promoções da S.E.C	47	47
Coleção 12 - Pessoal da SEC	68	67
TOTAL	737	485

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Na sequência da pesquisa, cada coleção foi analisada em seus pormenores. Atualmente, as fotografias estão presentes em nosso cotidiano e podem ser acessadas por um simples clique no aparelho celular smartphone. As fotografias estudadas na caixa mostram um outro tipo de fotografia e, em decorrência, uma outra lógica quanto ao que registrar, sendo quadros do passado selecionados por

alguém. Nas palavras de Barthes (1984), podemos ver as escolas através do olho do fotógrafo. A partir desta perspectiva, redigimos a resposta para a indagação posta nesta investigação: quais são as ações fotografadas e o que elas nos revelam sobre a Educação Escolar?

1.2 O LUGAR DAS ESCOLAS: A CIDADE DE LONDRINA

As fotografias das coleções com as quais trabalhamos datam de 1950 a 1987. É fato que muitas imagens estão sem data, portanto esse recorte temporal foi definido considerando as informações constantes nas legendas ou nas imagens, como data de revelação da fotografia, placas de inauguração, períodos de gestão dos Prefeitos e outros indícios encontrados.

Como era a cidade de Londrina neste período? Londrina passou por uma série de transformações a partir da década de 1960. O cenário urbano da cidade se modificou graças aos reflexos positivos das safras de café, que trouxeram fortunas aos agricultores e grandes empreendimentos para a cidade. Os investimentos nas construções foram resultado desta fase agrícola próspera. No ano de 1965, a economia londrinense passa por uma transição, pois a cultura do café começa a entrar em declínio, o que gera a necessidade de uma diversificação da cultura agrária. O incentivo às indústrias começou neste período, no qual empresas foram se instalando no cenário urbano, sendo que, em 1970, já havia 442 indústrias na cidade de Londrina (UNFRIED, 2014, p. 6). O aumento de indústrias provocou um êxodo rural e a crescente demanda de mão de obra incentivou o aumento da população nas zonas urbanas: “Passou de 77.382 pessoas residindo na área urbana em 1960 para 163.528 em 1970, ao mesmo tempo em que a porcentagem de habitantes da área rural diminuiu de 43% para 28%” (JANUZZI, 2005, p. 87 *apud* UNFRIED, 2014, p. 6).

O período da pesquisa relacionado às décadas de 1950, 1960, 1970 e de 1980 compreende também o momento de atuação do fotógrafo Oswaldo Leite. Não caberá a esta dissertação inferir se as fotografias são registro do fotógrafo ou não, mas há indícios de que boa parte das fotografias com as quais trabalhamos podem ser de autoria de Leite. Unfried (2014, p.7) indica que Oswaldo Leite era chefe da Secretaria de Obras da Prefeitura de Londrina e fotografava as obras em construção em seu início, meio e fim, captando, portanto, o momento das inaugurações.

A pesquisa de Unfried (2014) expõe que estas fotografias de Oswaldo Leite eram realizadas de forma despreziosa, sem um fim de armazenamento. Porém, no período em que Dalton Paranaguá foi Prefeito, ele convida Leite para ser o fotógrafo oficial da prefeitura.

No que se refere ao local no qual os documentos da SMED estavam armazenados, destacamos que, nos anos de 1950, o IBC teve grande importância para a cidade de Londrina. Tratava-se de uma fase economicamente boa para o café.

O IBC foi criado em dezembro de 1952 para executar toda a política econômica do café. No entanto, o órgão foi extinto em 1990. (...) Quase duas décadas depois, ainda existem muitos barracões vazios, que aos poucos ganham novos usos nas diversas cidades em que foram implantados (OGAWA, 2019, s/p).

Com o declínio da cultura cafeeira, o prédio passa a ter novas funções, sendo uma delas a de servir de depósito da prefeitura, não apenas de documentos relacionados à educação, mas também de maquinários, móveis e outros objetos.

1.3 TRAJETÓRIAS DE VIDA: UMA PESQUISADORA EM FORMAÇÃO

Essa dissertação é influenciada diretamente pelo trilhar acadêmico e pessoal construído ao longo de minha jornada. A História entrou em minha vida muito cedo e de uma forma diferenciada, desde que a elegi como disciplina preferida na escola. Nunca houve dúvidas sobre qual curso iria frequentar na faculdade. Assim, minha primeira graduação realizada foi em História na Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus de Assis e, no processo de construção desse texto, várias vezes recorri às memórias e às aprendizagens advindas do tempo da graduação.

Iniciei os estudos no tema da fotografia na UNESP – Campus de Assis, graças à influência do Prof. Dr. Carlos Alberto Barbosa. Fui sua aluna na disciplina “História da América Latina” e, por me interessar pela abordagem que o professor formulava sobre a fotografia e seus usos na História, frequentei a disciplina optativa “História da Fotografia”. Nesta, o professor trazia abordagens sobre exposições fotográficas e sobre fotógrafos, o que possibilitou realizar entrevistas com profissionais desta área e avançar na compreensão da fotografia como fonte para o estudo da História. Graduei-me em História no ano de 2015.

Na Universidade Estadual de Maringá (UEM), nos anos de 2016 e 2017,

cursei a especialização em “História das Revoluções e Movimentos Sociais”, produzindo a monografia “O Neoliberalismo na Bolívia 1985-2006”, sob a orientação do Prof. Dr. Zeus Homero.

Em 2016, iniciei o curso de Pedagogia, na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) - Campus Jacarezinho. Pretendia explorar mais as disciplinas relacionadas à escola, pois a abordagem pedagógica era limitada no curso de História. Para a minha surpresa, me descobri cada vez mais interessada pela Educação. Durante o curso de Pedagogia, o interesse pela Pós-Graduação foi crescendo. Nos anos de 2018 e 2019, fiz outra especialização, dessa vez na UENP, em Humanidades, na qual trabalhei com análises de jornais, o que resultou na monografia “Evo Morales e a expropriação do petróleo: análise dos jornais brasileiros sobre a política do governo popular da Bolívia”, orientada pelo Prof. Dr. Carreri.

Fiz a seleção para o Programa de Pós-Graduação em Educação na Linha 1, Perspectivas Filosóficas, Históricas, Políticas e Culturais de Educação, Núcleo 2, História, Cultura, Escola e Ensino. Apresentei um projeto que tinha como tema um estudo histórico da marginalização escolar. Durante a banca de arguição, fui questionada sobre o interesse por desenvolver uma pesquisa com fotografias de escolas que estavam em um acervo em construção. Aceitei de imediato a proposta, pois, como anteriormente mencionado, o estudo de fotografias já compunha a minha história acadêmica e a proposta me interessou muito. Aceitei o desafio, mas, confesso, não tinha dimensão das dificuldades e dos prazeres que é trabalhar na construção de um arquivo e, paralelamente, pesquisar sobre ele.

Em meus primeiros anos da graduação em História, um dos primeiros autores aos quais fui apresentada foi Marc Bloch (2001), por meio de seu livro “Apologia da História, ou ofício do Historiador”. Reconheço que sempre quis ser historiadora, porém, ao final do curso, quando relemos o livro, ainda não me sentia historiadora tal como coloca Bloch em seu livro. A imaturidade não me fez perceber, na época, que apenas frequentar o curso de graduação ou as especializações e receber os diplomas não bastavam para ser historiador ou pesquisador. Foi no Mestrado que pude entender, entre tropeços e acertos, as linhas de Bloch e realmente compreender o “ofício do historiador”.

Durante meu percurso no Mestrado, fui contemplada com a bolsa CAPES no ano de 2020. Antes mesmo de receber a primeira cota da bolsa, que foi paga no

mês de abril, mudei-me para Londrina para me dedicar exclusivamente à pesquisa e ficar próxima de minhas fontes, vivenciando o dia a dia do processo de construção do arquivo. Ocorre que no dia 17 de março de 2020 a UEL decretou a paralisação de todas as atividades presenciais na instituição devido à epidemia causada pelo vírus “severe acute respiratory syndrome coronavírus” (**SARS-CoV-2**), que ocasionou a pandemia da Covid-19. O mundo todo foi atingido, assim como o prosseguimento de todas as pesquisas em desenvolvimento. No meu caso, menos de um mês depois de me estabelecer em Londrina, tive que retornar à minha cidade natal, Ourinhos (SP), e começar a trabalhar utilizando o acesso online das bibliotecas digitais e parte do acervo do Museu Escolar Londrinense (MEL), que já estava digitalizado. As limitações trazidas pela pandemia à pesquisa foram muitas, afinal, quando entramos em um programa de Pós-Graduação presencial, principalmente com o intuito de trabalhar dentro de um arquivo, almejamos vivenciar uma trajetória acadêmica carregada de encontros e em nenhum momento imaginávamos um distanciamento entre as pessoas e o fechamento de lugares.

No mês de julho de 2021, voltei presencialmente ao arquivo, depois de mais de um ano. O significado que essa volta teve em minha pesquisa foi de reavivar as sensações que alimentam o desejo de realizar a pesquisa em meio às caixas que despertam minha curiosidade para saber o que trazem sobre as escolas.

1.4 TRAJETÓRIAS COLETIVAS: UMA PESQUISADORA EM FORMAÇÃO DENTRO DE UM GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA

O trabalho com um grupo de pessoas que se coloca no processo de aprender sobre variados temas em diferentes pesquisas cria uma rede de apoio mútuo que contribui significativamente com nosso processo formativo. O Grupo de Pesquisa “Lugares de Aprender: relações entre escola, cidade, cultura e memória”, liderado pela professora Dra. Sandra Regina Ferreira de Oliveira, cumpriu essa função. O Grupo agrega pesquisadores e outros interessados que se dedicam a entender o espaço escolar, com especial interesse para o ensino de História e para as práticas pedagógicas inovadoras. Esta pesquisa é feita a partir das relações que se estabelecem entre a escola e a cidade, nesse ponto assumindo que é por meio da cultura que essas relações são potencializadas. Assim, no Grupo, compreende-se que a escola é um espaço definido para além dos muros, ou seja, para além de suas

instalações físicas.

O Grupo influenciou não apenas a pesquisa, mas também minha formação como professora, pois me fez entender os lugares de aprendizagem a partir de várias portas de entrada, conforme explicita Joe Kincheloe e Kathleen Berry (2007, p. 130), me levando a escolher uma delas para adentrar em meu campo de pesquisa: a História Cultural. Com Joe Kincheloe e Kathleen Berry (2007), aprendemos que um tema pode ser pesquisado a partir de várias composições e é necessário explicar, primeiro, a porta de entrada pela qual o tema será abordado e, após a construção de um desenho composto por várias partes correspondentes às possibilidades de prosseguimento para a investigação, explicitar quais serão as escolhas do pesquisador, pois para a realização de uma pesquisa recortes² são inevitáveis.

Os recortes, constantes nas pesquisas realizadas no âmbito do Grupo “Lugares de Aprender”, recaem nas práticas educativas e culturais realizadas nas escolas e nas cidades, no presente e no passado, tentando compreender como elas interferem no processo de construção de conhecimento de todos os sujeitos envolvidos. Entendemos ser importante apresentar algumas das pesquisas realizadas para elucidar o que estamos a argumentar. Seleccionamos as de Rafael Silva (2016), Silvana Muniz Guedes (2018) e de Eliane Aparecida Candoti (2019).

Rafael Nascimento da Silva (2016), em sua dissertação de Mestrado, construiu uma narrativa sobre o processo de emancipação política do município de Tamarana, no estado do Paraná. Para realizar essa construção, o autor se valeu de duas fontes: o uso de jornais e o relato dos moradores com suas lembranças sobre o fato. Na dissertação, o pesquisador buscou entender também como a emancipação era abordada pelos professores em salas de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental, tendo em vista, conforme coloca o autor, que se trata de um processo político recente, que ainda continha testemunhos de pessoas que presenciaram o fato.

O diferencial da pesquisa de Silva (2016, p. 24) foi a forma de seleção dos entrevistados, pois o autor buscou entrevistar as pessoas que transitavam na praça. O pesquisador fazia uma interação inicial e buscava conduzir o assunto para o momento da emancipação. A princípio, o autor explica que as pessoas

² No Anexo, trazemos o desenho proposto por Joe Kincheloe e Kathleen Berry, que corresponde à explicação realizada no texto.

manifestavam receio em participar das entrevistas, mas depois acabavam aderindo. O autor conclui que havia marcas em toda a cidade sobre o fato denominado “emancipação política”, mas ele em si não era entendido como um conteúdo a ser ensinado na escola, ainda que, na data de tal fato, fossem realizadas diversas comemorações na cidade por meio de seus gestores, inclusive um desfile com as crianças das escolas.

As conclusões da pesquisa de Silva (2016) corroboram a investigação dessa dissertação, pois nos incita a pensar que uma fotografia pode representar um fato como um desfile cívico, mas não nos diz sobre como esse tema será tratado em sala de aula. Assim, é necessário aguçar o faro investigativo para tecer redes de comunicação entre diferentes tipologias de fontes.

A pesquisa de Mestrado de Silvana Muniz Guedes (2018) analisa historicamente o Calçadão da cidade de Londrina, a partir do estudo de reportagens de jornais e de entrevistas com mulheres que trabalhavam nesse lugar. A autora argumenta:

É no sentido de valorizar a experiência transmitida de boca em boca que trabalhamos com as falas de pessoas que vivenciam um espaço da cidade de Londrina cotidianamente, o que se justifica pela teoria benjaminiana, que nos mostra que eram os eventos cotidianos que se traduziam em experiência comunicável e transmitida. Ademais, a experiência transmitida de geração em geração nos vincula ao passado e tudo que a ele pertenceu, são como fios na mão de um tecelão, que vão tomando forma conforme a trança. Assim, as experiências trançadas nas convivências sociais e com forma definida se tornam nosso patrimônio cultural à medida que as reconhecemos e nos identificamos como sendo parte do que nos foi transmitido (GUEDES, 2018, p. 25).

As mulheres escolhidas, segundo a autora, atuam há mais de vinte anos no calçadão em atividades ligadas à sua sobrevivência. Essas mulheres construíram suas narrativas se apropriando desse local da cidade. As mulheres trazidas pela dissertação têm histórias incríveis e diferentes, mas não são contempladas quando se ensina sobre a cidade.

Eliane Candoti (2019), em pesquisa realizada com professores da cidade, participantes do Projeto “Conhecer Londrina”, trabalhou as possibilidades de aprendizado que a cidade oferece, considerando as configurações materiais e imateriais que permitem ampliações dos saberes dos professores sobre a cidade e, em decorrência, provocam alterações na forma como eles ensinam sobre a cidade

aos alunos na escola. Para a autora, conhecer a cidade é tomar consciência dela e as aulas elaboradas a partir das andanças pelas ruas da cidade têm especial significado nesse processo.

As conclusões de Guedes (2018) e de Candoti (2019) nos ajudam a pensar sobre os espaços da cidade que são eleitos para adentrarem no cotidiano das escolas. Em nossa pesquisa, identificamos que as escolas geralmente levavam seus alunos para as praças para participarem de cerimônias cívicas, para os ginásios de esportes nas festividades e para os salões nas cerimônias de formaturas e de entregas de premiação.

As pesquisas colocadas em destaque dialogam com Silvia Alderoqui (2009), que escreve sobre a experiência vivenciada no desenvolvimento de projetos que envolvem o conhecimento da cidade a partir de alguns objetivos demarcados, como: desenvolver identidade e afetividade, promovendo aos jovens e às crianças os direitos da cidadania. A autora discute o patrimônio da cidade na relação entre museu e escola e, com isso, nos remete ao trabalho com a cultura que se expressa por meio de vários objetos, ações e datas e que são entendidos como heranças sociais. Assim, a cidade e a escola se constituem como espaços educadores e as pesquisas que se situam na relação entre ambas possibilitam a análise sobre os diversos aprendizados que são obtidos quando a escola ocupa as ruas da cidade e quando a cidade ocupa os bancos das escolas. Neste sentido, entendemos que as fotografias com as quais trabalhamos nesta investigação fazem parte de uma Cultura Escolar expressa na cidade de Londrina e dialogam com o cenário nacional, nos levando a conhecer com maior profundidade as relações pedagógicas em diferentes tempos e espaços.

No ano de 2018, o contato dos pesquisadores do Grupo de Estudos e Pesquisas “Lugares de Aprender” foi intensificado com os documentos armazenados na casa do IBC pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Londrina. Tal contato foi ampliado pela parceria estabelecida com o Grupo de Pesquisa “Processos Civilizadores”, da UEL, liderado pelo Prof. Dr. Tony Honorato.

Os resultados produzidos pela pesquisa realizada por Bruna Yamashita (2019), orientada pelo professor Tony Honorato, evidenciaram a necessidade de olhar severamente para as condições nas quais se encontravam os documentos escolares da cidade de Londrina. Bruna Yamashita (2019), em sua dissertação, realizou uma investigação sobre como o município de Londrina modificou seu

processo de escolarização do espaço rural para o espaço urbano em um curto período. Em nossa investigação, o postulado por Yamashita se confirma, pois os registros fotográficos mais antigos da década de 1950 são em sua maioria referentes às escolas rurais. Nas fotografias encontradas da década de 1970 - periodicidade não abarcada na pesquisa de Yamashita, que cobre até os anos de 1960 - o argumento da autora é comprovado, pois são vários os registros de cerimônias de inauguração de escolas na zona urbana da cidade de Londrina.

As jornadas individuais definem quem somos e é por meio das nossas experiências, memórias e aprendizados que construímos nossas pesquisas. A participação em um coletivo dá sustentação a essa trajetória individual e amplia nossos conhecimentos. Em cada estudo que apresentamos anteriormente, identificamos elementos que contribuem para as definições da pesquisa apresentada.

O trabalho com coleções fotográficas apresenta um desafio bem peculiar: é impossível apresentar ao leitor, no corpo do texto da dissertação, todas as fotografias contidas na caixa com a qual trabalhamos. A proposta de conduzir o leitor para que possa compreender as tipologias de cada coleção é feita por meio da descrição e análises realizadas para cada coleção. A parte complexa dessa missão, que cabe ao pesquisador, é honrar a riqueza e a pluralidade de cada coleção e dar subsídios para que o leitor possa entender e vivenciar as sensações que as fotografias transmitem, incluindo as sensações sentidas pela pesquisadora no ato de folhear cada página dos álbuns.

1.5 DESENHO FINAL DA PESQUISA

Para além da Introdução, denominada de “seção um”, a dissertação se dividiu em mais três seções. Na seção dois, como tenho grande apreço pela Literatura e compreendo que toda história tem um início, recorri ao romance “A misteriosa chama da Rainha Loana”, de Umberto Eco, para construir um argumento sobre a importância da fotografia na constituição de um passado. A seção se intitula “As fotografias em meio a um acervo em construção” e é subdividida em quatro subseções: a primeira intitulada “As fotografias como feixes de iluminação do passado”, na qual discorreremos sobre a importância da fotografia transformada pela pesquisa em fonte e que se traduz como vestígios para entender e reconstruir parte

da História; a segunda subseção recebe o nome de “A História da Fotografia”, na qual abordamos brevemente parte da História da Fotografia e sua entrada no Brasil; a terceira subseção é “A fotografia como fonte para a pesquisa histórica”; e na quarta e última subseção, com o título de “Fotografia como fonte de pesquisa”, discorreremos sobre a fotografia e sua consolidação como uma fonte de pesquisa a partir de autores que utilizam de tal recurso, indagando as possíveis interpretações e armadilhas que as imagens podem nos trazer.

A seção três recebeu o nome de “A Cultura Escolar como chave interpretativa para compreender a escola a partir das pesquisas em arquivos”. Nela, avançamos no estudo da Cultura Escolar e tratamos a respeito da importância dos arquivos. Esta seção foi subdividida em três subseções: sendo a primeira “A Cultura Escolar: fragmentos materiais e imateriais do cotidiano escolar”, na qual as reflexões são sobre Cultura Escolar; a segunda subseção intitulada como “As inter-relações entre a Cultura Escolar e a História da Educação no Brasil”, traz dois estudos à Cultura Escolar e sua influência nas pesquisas no campo da História da Educação; na terceira subseção - “Documentos escolares em situação de arquivo: a preservação como condição básica para as pesquisas sobre as histórias das escolas” - constam as reflexões sobre construções de arquivos.

A quarta seção se denomina “O conteúdo das fotografias: o que podemos conhecer sobre a Educação Escolar?”, na qual trouxemos as coleções fotográficas e toda a tipologia trabalhada a partir deste material. Foram realizados dois estudos e os resultados foram apresentados em duas subseções: a primeira, chamada “As coleções: formas de juntar e guardar”, se realizou a partir do estudo das legendas em paralelo com o estudo das imagens, verificando as ações que se pretenderam registrar nas imagens que compõem onze coleções; a segunda subseção, intitulada “Legendas: indícios e análises”, traz o resultado do estudo realizado com as legendas, entendendo estas como um direcionamento de olhar realizado pelo organizador, que parou em um determinado tempo e reafirmou o constante nas imagens, redigindo sobre as mesmas.

O caminho escolhido para apresentar a pesquisa realizada partiu do mais amplo em direção ao mais específico quanto ao objeto de estudo. O objeto escolhido foi a caixa de fotografias e o campo teórico escolhido para dissertar sobre a questão foi a História Cultural. Desta forma, trouxemos parte da História da Fotografia, sua invenção e consolidação no Brasil, além de como esse documento foi entendido

como fonte para a História. Ao prosseguir, a análise entrará na Cultura Escolar, área do conhecimento que auxilia a História da Educação a compreender as relações estabelecidas na escola a partir de outras ênfases. A partir desse campo teórico, a importância dos acervos escolares que alimentam as pesquisas nesta temática será discutida. Esse caminho foi percorrido para dar subsídio para a análise das coleções e das legendas. A busca por vestígios nas coleções se efetivou com base no olhar dos signos nas imagens e dos elementos que compõem as legendas.

2. AS FOTOGRAFIAS EM MEIO A UM ACERVO EM CONSTRUÇÃO

Nesta seção, apresentamos uma contextualização do processo de consolidação da fotografia como fonte para a pesquisa no campo da História e enquanto ferramenta nas investigações sobre a História da Educação Escolar Brasileira. Os autores utilizados partem do campo da História Cultural, como Peter Burke (2004; 2005), Roger Chartier (1990) e Sandra Pesavento (1995; 2006; 2007; 2012). Os pesquisadores escolhidos para trazerem a legitimidade da Fotografia para o estudo da História foram Kossoy (2001) e Canabarro (2015). Para dar suporte à abordagem com relação à História da Fotografia, utilizamos as pesquisas de Bastos (2018), Vasquez (2002) e Menezes (2013; 2018). Com relação à Fotografia como fonte para a pesquisa histórica, escolhemos trabalhar com Rosangela Silva Oliveira e Nilton Ferreira Bittencourt Junior (2013), Sandra Regina Franchi Rubim e Terezinha Oliveira (2010), Ana Maria Mauad (2016), Maria Augusta Martiarena de Oliveira e Elomar Antonio Callegaro Tambara (2004).

Conforme relatamos na Introdução, esta pesquisa situa-se dentro dos limites impostos pela organização de um arquivo escolar. Nesse sentido, o recorte utilizado se refere às fotografias que se encontravam em uma caixa localizada em meio ao acervo da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Londrina. A caixa, que não pode ser entendida como um acervo, mas sim como parte de uma documentação ainda não conhecida totalmente, começou a ser estudada em meio ao processo de digitalização e de catalogação dos documentos. No ano de 2020, o acesso presencial ao lugar da pesquisa foi interrompido devido às imposições

sanitárias advindas da pandemia da Covid-19. Portanto, essa pesquisa se inclui em um rol de investigações sobre arquivos escolares que provocam reflexões sobre a preservação dos documentos que constituem a História Escolar, reconhecendo a importância da preservação e do cuidado com as instalações, da organização e da forma de acesso a estes documentos (MOGARRO, 2005). Os arquivos com seus documentos têm alcançado importância na área da História da Educação por conterem informações que permitem a construção de narrativas sobre professores, funcionários, alunos e sobre o cotidiano escolar.

Para os historiadores e estudiosos da História da Educação “um documento escolar pode caracterizar-se como fonte e objeto de pesquisa” (BONATO, 2005, p. 199) e, como não bastam os escritos oficiais, precisamos das fotografias, livros didáticos, desenhos, cadernos e tudo o que é produzido no espaço escolar ou que a ele nos remete. No entanto, pesquisadores têm anunciado que documentos mais relacionados à prática pedagógica são encontrados em menor quantidade nos arquivos.

Fotografias e imagens: observação e análise de um variado leque de documentos iconográficos da/sobre a escola, que permite apreender a riqueza dos espaços, dos ambientes, dos objectos e das pessoas. Também esta documentação raramente se mantém no arquivo da instituição escolar a que diz respeito (MOGARRO, 2005, p. 85).

A pesquisa apresentada se coloca nesta situação, pois já foi identificado, a partir de sondagens prévias realizadas junto ao pessoal da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Londrina (SMED), que as escolas não mantêm em suas instalações documentos em situação de arquivo e encaminham o que julgam necessário ser guardado para a SMED. Ainda não sabemos quais os critérios de seleção e arquivamento dos documentos encaminhados, assim como sobre a tipologia destes documentos. Todas essas questões demandam investigações para serem respondidas. O fato é que o acervo com o qual trabalhamos nesta pesquisa ainda está sendo catalogado, mas já se confirma que, por meio dos documentos, será possível, como afirma Mogarro (2005), apreender acerca do cotidiano das escolas londrinenses.

Nesta pesquisa, assumimos o campo da História Cultural como base para avançarmos no trabalho com as fotografias. Compreendemos que a fotografia contribuiu para a ampliação do conceito de fonte, o que redimensionou o uso da

imagem na pesquisa historiográfica. A quebra de uma estrutura metodológica rígida quanto à busca de fontes ocasionou o aumento das pesquisas com imagens que assumiram uma importância significativa também no campo da História da Educação.

Ao definir o campo da História da Educação, Mogarro coloca que nós, os investigadores, estamos situados:

[...] numa zona de fronteira, de cruzamento, das novas perspectivas da História da Educação, da história cultural, da história social e também das ciências da educação. Assiste-se a uma renovação das problemáticas teóricas e de uma reinvenção dos terrenos de pesquisa, das fontes de informação, das práticas de investigação e do apetrechamento metodológico, em que a perspectiva historiográfica se afirma ante as antigas abordagens de matriz essencialmente sociológica. A afirmação de uma história que se reclama de um pensamento cultural crítico estabelece uma agenda de diálogo entre as preocupações do presente e as realidades do passado, num esforço de compreensão em que se interrogam estas últimas para alcançar a inteligibilidade dos tempos presentes (MOGARRO, 2005, p. 90-91).

Na busca por compreender essas trajetórias do uso da fotografia como fonte para o campo da História da Educação, construímos essa seção e a dividimos em quatro partes. Na primeira, intitulada “As fotografias como feixes de iluminação do passado”, buscamos traçar uma relação entre a Fotografia e a História por meio da Literatura e da Filosofia. A Fotografia contém marcas culturais deixadas pela sociedade e oferta múltiplas possibilidades de análises. Iniciamos narrando a história de Yambo, personagem criada por Umberto Eco em seu livro “A misteriosa chama da rainha Loana” (2005), que, a partir do contato com seus próprios objetos, coletados durante toda a sua vida, elabora uma nova narrativa para si, pautada no seu presente. Aproximando-nos do campo da Filosofia, abordamos a relação da Fotografia com o terceiro olho que registra e pode guardar para a posteridade os mais variados acontecimentos, tanto fatos políticos - uma inauguração de escolas, por exemplo - como fatos afetivos, tal qual uma recordação de amigos de uma turma da escola.

Na segunda parte da seção, apresentamos brevemente um recorte sobre a história da câmera fotográfica no Brasil, sua relação com Dom Pedro II e a Família Real e estabelecemos uma relação do preço da câmera com os salários das épocas.

A terceira parte apresenta a base teórica que sustenta a pesquisa, a História

Cultural, corrente historiográfica que vem crescendo desde 1980. A fundamentação teórica se faz necessária para consolidar nosso ponto de partida de leitura das imagens e indicar quais autores nos auxiliam no processo de separação, leitura, construção e organização dos argumentos que norteiam as análises apresentadas nesta dissertação.

Na quarta parte, avançamos no estudo de autores que trabalham com a fotografia como fonte para pesquisa, alguns autores que relatam pesquisas realizadas em outros acervos e que nos levaram a compreender as possibilidades que as fotografias podem ofertar. Nesse sentido, as fotografias na caixa encontrada no arquivo da SMED eram documentos, contudo, quando passaram pela leitura e indagação, transformaram-se em fontes que nos ajudaram a escrever parte da História da Educação Escolar na cidade de Londrina.

2.1 AS FOTOGRAFIAS COMO FEIXES DE ILUMINAÇÃO DO PASSADO

Escolhemos iniciar a discussão sobre a fotografia como recurso disparador da memória e como fonte para a escrita da História recorrendo à Literatura. A obra “A misteriosa chama da rainha Loana”, de Umberto Eco (2005), traz a história de Giambattista Bodoni, apelidado de “Yambo”, que, após um acidente, desperta numa cama de hospital e não se lembra da própria história. Yambo é capaz de falar sobre a história do país e do mundo, mas não se recorda de nada sobre si e sua família.

Podemos estabelecer uma relação comparativa entre a pesquisa que aqui se apresenta e o enredo criado por Umberto Eco (2005). Como proceder para que Yambo, que se recorda de Napoleão, Kennedy e reconhece as obras de Picasso, mas não a si próprio e a sua família, lembre-se de seu passado? A história prossegue com as tentativas de aproximação entre Yambo e os elementos de seu passado que possam auxiliar na retomada de memórias sobre ele. A primeira aproximação da personagem com um objeto retratado na obra é a apresentação de uma fotografia de seus pais que, em uma primeira leitura, Yambo define como pessoas desconhecidas. Ao receber a informação de que as pessoas retratadas na imagem são seus pais no dia em que se casaram, Yambo demonstra inquietação e tristeza por não reconhecer sua própria história.

Esta passagem da obra de Umberto Eco (2005) é utilizada por diferentes

historiadores para abordar a relação entre esquecimento, memória, história e a questão da investigação histórica. Cabral (2017) coloca Yambo como detetive de si, onde a personagem se esforça para encontrar vestígios de sua narrativa e de sua história. Ao buscar suas memórias individuais nos objetos de sua infância, a personagem se depara com objetos culturais que fazem referência à sua geração, mostrando que a memória individual parte do coletivo. O fio condutor que auxilia Yambo a reconstruir sua identidade são as memórias coletivas armazenadas em objetos.

Yambo tinha a ambição de reestabelecer sua memória e sua história. Ainda que esse desejo possa não ter sido atendido, segundo Rosa (2017), Umberto Eco obteve êxito na discussão sobre a relação de história e memória, traçando as relações possíveis que a história pode fazer a partir dos objetos coletados.

[...] Eco parece ter atingido seu suposto objetivo de tornar a história de Yambo a história de uma geração. Ao demonstrar que as memórias são múltiplas e formadoras da história pessoal, que por sua vez estão sempre amarradas a uma história social (ROSA, 2017, p. 13).

Peter Burke (2004), quando se refere a Ginzburg e sua metodologia de pesquisa pelas pistas, o paradigma epistemológico, cita Umberto Eco, colega de Ginzburg na Universidade de Bologna que, no livro “O Nome da Rosa”, coloca o monge detetive para achar os vestígios. “A misteriosa chama da Rainha Loana” também traça essa relação, conforme apontado por Rosa (2017), de investigação e de detetive da história trabalhados a partir das obras literárias de Eco.

Teixeira (2007) analisa a passagem à qual nos reportamos acima quando Yamb/o é colocado diante da fotografia de seus pais:

Foi diante de uma fotografia [...] A perturbação de Yambo foi notória a ponto de perceberem não somente que ele não tinha reconhecido seus pais, como também que, de certa forma, havia sido tocado pela imagem. Sua esposa revelou quem era aquele casal, e o médico constatou que algumas imagens poderiam servir como instrumentos para a recuperação de seu paciente. O incômodo causado pela imagem em Yambo compreende o significado atribuído por ele à expressão “misteriosa chama”. Em outras passagens, ele [o autor] fornece mais elementos que melhor definem essa sensação como algo nunca experimentado e que não se sabe dizer o que é; uma leve taquicardia (TEIXEIRA, 2007, p. 70).

A narrativa prossegue, onde Yambo é apresentado a vários objetos e

fotografias acumuladas por ele e seu avô ao longo da vida. Assim, a personagem vai criando elementos e construindo cadeias narrativas para contar sua história.

No processo de leitura desta obra-prima de Umberto Eco (2005), o leitor é conduzido pela narrativa com a expectativa de que, a qualquer momento, um único objeto será o estopim para que a personagem se lembre de toda a sua história. No entanto, essa descoberta impetuosa não ocorre. Lentamente, reflexão após reflexão, Eco (2005) reconstrói, por meio de indagação sobre as fontes, ou seja, pelo procedimento da pesquisa, peça por peça, a história de vida de Yambo. O mistério do desconhecido, neste caso, a vida privada de Yambo, é pedaço a pedaço desvelado pelo conhecimento advindo das fontes. Por isso inferimos que o título seja “A misteriosa chama”.

Nesta dissertação, compreendemos a fotografia como uma “misteriosa chama” que nos possibilitou conhecer o passado das escolas, eleito para ser registrado por meio de fotografias, estabelecendo, assim, uma ponte com o presente. As fotografias, mesmo antes de interrogadas, tocam-nos e despertam compreensões sobre a cena registrada.

Ocorre que uma fotografia é o registro de uma cena previamente selecionada e enquadrada por um autor, o fotógrafo. Deleuze (1983) faz uso da ideia de “terceiro olho” para se referir à câmera ou, em última instância, ao fotógrafo. O fotógrafo tem papel fundamental no recorte eleito para registro, pois é ele o sujeito que captura um momento em detrimento de outro. De fato, há fotógrafos oficiais cuja função é registrar determinados eventos a partir de uma narrativa já definida.

No entanto, não podemos nos distanciar da concepção do fotógrafo enquanto um artista, como propõe Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992). Para estes, a arte conserva e essa conservação não se dá de maneira industrial. A noção de duração e conservação do passado, se entendermos o fotógrafo como um artista, se dá pelo viés da sensibilidade e das sensações que provoca no receptor: “o que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 209).

O entrelaçamento das reflexões elaboradas a partir do romance de Umberto Eco, junto aos estudos de Deleuze (1983), nos auxiliou para pensar a fotografia não somente como uma cópia fiel da realidade, mas também como uma ampliação para a leitura a partir do olhar e da sensibilidade do artista.

Canabarro (2008) coloca a fotografia como de valor inestimado para a

reconstrução de interpretações sobre a História. A fotografia é vista pelo autor como um produto social, cabendo ao historiador constituir os discursos a partir da inferência sobre as cenas entendidas como fragmentos históricos. Assim, todas as imagens fotográficas são passíveis de serem estudadas, pois são referências aos códigos de leitura da sociedade. O autor debate que, mesmo que a fotografia seja uma prática registrada no país há mais de 150 anos, os trabalhos de pesquisa sobre este tema são recentes no Brasil, incluindo os acervos fotográficos que são muitos e estão espalhados pelo país, mas ainda não foram descobertos (CANABARRO, 2008).

Canabarro (2008) destaca que os estudos sobre a fotografia se baseiam na importância de se considerar o contexto social de produção, reconhecendo a imagem fotográfica como um produto social a partir do qual se pode conhecer uma sociedade composta por grupos sociais diferentes:

Estes mesmos grupos podem utilizar-se da fotografia para divulgar e legitimar o seu poder em um determinado momento e como forma de divulgação e de imposição de representações sociais, sendo estas matrizes para as práticas sociais, que podem interferir na construção de modelos ideais de comportamentos a serem seguidos pelos demais grupos de uma sociedade. Esta forma impositiva de legitimação das representações, por intermédio das fotografias, serve também como um meio importante para a construção da identidade, tanto individual quanto coletiva (CANABARRO, 2008, s/p).

A fotografia enquanto um produto cultural se coloca como um meio alternativo de leitura. Trata-se de uma construção, que tem como mediador o fotógrafo que enquadra pessoas e objetos “na bidimensionalidade de um espaço a ser recortado” (CANABARRO, 2008, s/p). Para Canabarro (2008), o pesquisador que busca compreender a história social da fotografia, primeiramente deve reconstruir a história daquela fotografia, o que significa situá-la no tempo e identificar as linguagens usadas. Portanto, para estudar uma fotografia é preciso considerar as intenções, o contexto histórico e as condições tecnológicas de produção da imagem. Essa função cabe ao historiador, que situa a fotografia em um determinado tempo e espaço. Barbosa (2009) afirma que as fotografias são mudas se não forem questionadas e o que leva ao questionamento são as buscas no presente perante o passado.

Considerando esse pressuposto, pensar a fotografia em Londrina nos anos de 1950 é pensar o que a fotografia representava naquele momento na sociedade, pois

registrar essas determinadas escolas e esses determinados momentos é uma escolha que traz as marcas de um tempo específico.

Canabarro (2015) mostra que a fotografia dentro do universo da História Cultural é um produto e uma forma de expressão, sendo uma mediação entre tecnologia e dimensão de olhar.

A fotografia democratizou a memória social, trazendo elementos que também passaram a constituir o nosso mundo social, são dimensões do mundo distante que começam a integrar a nossa cultura, ou pelo menos, transformaram o modo como passamos a ver a complexidade das distintas realidades. É uma maneira de circulação da cultura que possibilita a constituição de elementos comparativos entre o nosso cotidiano e o mundo distante, é a relação com o outro que nos constitui como seres de alteridade cultural (CANABARRO, 2015, p.19).

Seguindo a análise de Canabarro, a fotografia possibilitou conhecer outros olhares e outras culturas e o uso das fotos começou a ganhar cada vez mais presença, tanto na imprensa quanto nos livros.

Boris Kossoy (2001) reafirma que uma fotografia é um registro com uma pré-intenção. A reflexão que deve prevalecer da fotografia é que cada pessoa que a pesquisa terá um olhar diferente. Na presente pesquisa, selecionamos algumas fotos para análise e, possivelmente, outros pesquisadores teriam escolhido diferentes recortes, pois a fotografia permite que cada pessoa se identifique com as fotos de acordo com suas próprias experiências.

Desta forma, deve-se pensar na melhor maneira de trabalhar com as fotografias quanto à questão metodológica e a obra de Kossoy (2001) traça alguns caminhos possíveis, como a importância da contextualização e a compreensão das técnicas e tecnologias da época de cada fotografia. Contudo, existem diversas teorias de análises que apontam possibilidades diferentes de trabalho, são elas: História da Fotografia, história da técnica fotográfica e história através da fotografia. Pensando a partir de Kossoy (2001), é possível perceber que esta pesquisa caminha para uma história através da fotografia, porque busca identificar quais são as ações do cotidiano escolar que são representadas, isto é, uma história da memória através dos registros fotográficos.

As fotografias trazem várias representações. Dentro destas, existem significados e diversos apontamentos, por isso é preciso dialogar com a teoria para não cair no campo da especulação (KOSSOY, 2001). Perguntas devem ser feitas e

delineadas para que a pesquisa tenha relevância social de fato.

Neste item, discorreremos sobre a fotografia como possibilidade para o estudo da História, pois ambas armazenam memórias. No próximo item, prosseguimos abordando como esse processo se constituiu no Brasil. Recorreremos ao estudo da História da Fotografia a fim de compreender como e quando as fotografias começaram a ser um artefato nas escolas, possibilitando registros que culminaram com a composição do acervo com o qual estamos trabalhando nesta pesquisa.

2.2 A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA

A primeira câmera fotográfica foi criada no século XIX na França por Nicéphore Niépce e sua disseminação foi rápida (OLIVEIRA, 2006). A fotografia tem uma história interessante. Os primeiros registros fotográficos datam do século XIX, entretanto, o processo de massificação da fotografia esteve diretamente relacionado ao acesso à máquina fotográfica. No período compreendido entre as décadas de 1950 e 1990, a câmera já estava sendo comercializada de forma mais acessível, porém, seu uso ainda era restrito a algumas pessoas.

No Brasil, Dom Pedro II admirava muito a inovação. O Brasil teve acesso à fotografia poucos meses após sua invenção. Dom Pedro II não podia se dedicar a fotografar, mas admirava e incentivava as fotografias³. Vasquez (2002) relata que a corte brasileira prestigiava as exposições anuais nas Academias de Artes. Castro (2013) mostra que o imperador criou o título “Photographo da Casa Imperial”, que foi usado de 1851 a 1889. Este título foi o primeiro do mundo a reconhecer o valor artístico da fotografia e “entre os fotógrafos foram concedidos apenas 26 títulos, sendo seis deles para profissionais atuantes no exterior” (CASTRO, 2013). Segundo Bastos (2018, p. 47), a vida da família imperial era registrada regularmente via fotografia.

Vasquez (2002) relata que o imperador Dom Pedro II apoiou e incentivou a publicação do primeiro livro fotográfico lançado na América Latina de autoria de Victor Frond, que tinha como tema o “Brazil pitoresco”. A Princesa Isabel realizou aulas de fotografia com Klumb, profissional que ganhou o título de fotógrafo da casa

³ Castro (2013) expõe que Dom Pedro II, por ter uma demanda de trabalho grande relacionada às tensões do momento político da época, não conseguiu dispor de tempo para aprender sobre o manuseio da câmera fotográfica.

imperial em 1861.

Boris Kossoy (2007) mostra que a construção de imagens com referências políticas sempre ocorrera no Brasil. Partindo da análise sobre Dom Pedro II, Bastos (2018) expõe em sua pesquisa que o imperador usava os meios iconográficos a seu favor e, durante seu governo, se valeu das imagens para associá-lo ao símbolo da nação.

O imperador forja imagem que o aproxima dos cidadãos. A partir da Guerra do Paraguai (1864), essas representações vão ficando cada vez mais constantes. As imagens trazem o imperador em situações cotidianas. Facilitadas pela introdução do daguerreótipo e depois da fotografia como linguagens que permitiam a representação, essas imagens mostram a família imperial em momentos de suposta intimidade, mostram o imperador rodeado de símbolos de intelectualidade, com uniformes de guerra, vestindo jaquetão – termo cunhado pelos jornalistas da época, referindo-se ao casacão usado pelo imperador (BASTOS, 2018, p. 46).

As fotografias que eram produzidas no período que Dom Pedro II estava no poder mostravam a família e o cotidiano do monarca e da corte.

As fotografias trazem representações mais informais do imperador. Mostram-no como alguém muito próximo do cidadão comum. As representações mostram uma monarquia austera, que não ostentava, comedida quase como a burguesia. Assim, o monarca associava-se, cada vez mais, à imagem de alguém cujos interesses e gastos direcionavam-se para o patrocínio das artes e das ciências. Mostram um homem de letras, com interesses que o situavam como “civilizado”, alguém de seu tempo e não como o representante de uma instituição envelhecida, decadente (BASTOS, 2018, p. 51).

A História da Fotografia no Brasil é marcada pela limitação de acesso aos equipamentos que, por serem caros, ficavam restritos à elite (CASTRO, 2013). Para além do preço da câmera fotográfica, seu manuseio era complexo, o que limitava ainda mais o seu uso (MENEZES, 2018).

Aproximando a História da Fotografia com o período estudado nesta pesquisa, em 1938 a Kodak lança a Super Kodak Six-20, que apresentava um mecanismo mais prático para os registros. Seu valor de venda era de 225 dólares e a taxa de câmbio do dólar para o dinheiro da época (réis) era de 6,41 US (IPEADATA, 2021). Portanto, a Super Kodak Six-20 custava 1.442,14 réis⁴. Ao

⁴ Segundo o Banco Central Brasileiro, nos anos de 1695, foram criadas as patacas, que eram

compararmos o valor da câmera ao salário mínimo, instituído dois anos depois por Getúlio Vargas, que era de 240 réis (ADVFN, 2021), podemos concluir que se tratava de um objeto inacessível para grande parte da população brasileira da época, pois uma câmera custava seis vezes o valor do salário mínimo.


Nos anos de 1950, começa a ser fabricada a primeira câmera no Brasil, chamada Kapsa, produzida pela D. F. Vasconcelos, situada em São Paulo (MENEZES, 2013). Em 1960, a Agfa traz a tecnologia Automatic e surge o modelo Agfa Optima. Segundo Menezes (2018), com o sucesso das câmeras automáticas, a indústria japonesa começa a produzir as máquinas fotográficas por preços acessíveis. O sucesso comercial das máquinas, de acordo com a pesquisa de Menezes (2018), não se pautava apenas no preço, mas também na praticidade.

Menezes (2018) ilustra seu artigo reproduzindo um panfleto de uma loja de Minas Gerais (Figura 6), datado de 1951. Na imagem, podemos observar os valores das câmeras a partir de 118 cruzeiros e até 675 cruzeiros. Os dados do panfleto nos possibilitaram construir uma relação entre o valor da máquina fotográfica no ano de 1950, data da fotografia mais antiga encontrada na caixa, e o salário mínimo da época. Naquele período, em 1952, a moeda era o Cruzeiro e o salário mínimo era de Cr\$ 1.200,00 (ADVFN). Verifica-se que o equipamento mais barato poderia ser adquirido com menos de 10% de um salário mínimo. Comparando os valores indicados no ano de 1938, concluímos que, em pouco mais de uma década, o preço de uma máquina fotográfica reduziu drasticamente. No entanto, junto à dificuldade de manuseio do equipamento aliava-se o custo da revelação da fotografia, que encarecia sobremaneira a produção. Assim, o acesso continuava limitado à maioria da população (MENEZES, 2018).

Figura 6 - Anúncio Mesbla: Mês do Fotógrafo Amador, 1950.

OFERTAS
especiais...

Cameras fotograficas para amadores ou principiantes com preços especiais para o Natal



CORDNET
Cr\$ 252,00

SWISS BOX
Cr\$ 109,00

BIG BOX
Cr\$ 113,00

ROLEX BOX
Cr\$ 225,00

GRATIS!
A compra de uma camera fotografica lhe dá direito a dois filmes, gratuitamente.

LUMEREX
Cr\$ 675,00

A PARTIR DE HOJE ABERTA ATÉ AS 22 HORAS

MESBLA

LOJA — Rua da Bahia, 986

Fonte: MENEZES (2018, s/p).

A partir do contexto apresentado sobre a História da Fotografia e seus entrelaçamentos com o campo político e econômico, podemos compreender como e porque a fotografia era entendida como uma cópia fiel da realidade, justamente por retratar um determinado momento histórico. No entanto, com as mudanças advindas

das novas correntes historiográficas, principalmente a partir da História Cultural, avançamos no sentido de compreender a fotografia como uma representação, um recorte carregado de leituras. Prosseguimos, no próximo item, tratando da História Cultural, que se apresenta como suporte teórico da pesquisa.

2.3 A FOTOGRAFIA COMO FONTE PARA A PESQUISA HISTÓRICA

Marc Bloch (2001), um expoente da corrente historiográfica denominada “Escola do Annales”, argumenta que a questão metodológica é primordial para entender a História. Ao escrever que o historiador é o ogro da História, que fareja sabendo que ali tem uma possível caça, o autor nos possibilita compreender a nossa relação com a fonte de pesquisa estudada nesta dissertação: percebe-se nestas fotos os vestígios que, por meio da investigação, podem auxiliar quanto à compreensão das ações que as fotografias representam no período estudado. A História se relaciona com o homem e a fotografia é o registro do homem em duas dimensões, enquanto seu produto e representando-o.

Bloch (2001) trabalha com a relação do homem no tempo e como se relacionam o passado e o presente. O autor expõe também que não podemos compreender o passado sem entender o presente, sem saber de onde partimos e para onde queremos chegar. Nesta dissertação, transitamos nesse diálogo entre o presente e o passado por meio das fotografias.

A análise de Bloch (2001) apresenta a observação explorando os métodos de pesquisa em História, sendo que o método é o olhar a partir do qual lemos o registro, a fonte. O fato, para Bloch (2001), é o que movimenta as perguntas e os questionamentos. Por meio destes, podemos aprender sobre os costumes, culturas e conhecimentos do passado. Os testemunhos, indicados por Bloch (2001), estão na dissertação na forma de fotos e estas foram questionadas tendo como recorte identificar as ações que as fotografias representam. Em suas argumentações, Bloch (2001) afirma que documentos não falam e, portanto, se não forem interrogados, não dizem nada. Bloch (2001) complementa argumentando que o pensar histórico é constituído de diversidades e indica, nesse sentido, que o historiador encontrará multiplicidades, devendo tomar cuidado para não fragmentar o conhecimento. A História é como um grande quebra-cabeça: um pesquisador pode juntar algumas

peças e formar uma imagem, mas não pode esquecer que essas peças fazem parte de uma imagem maior que se liga a tantas outras imagens.

As contribuições de Marc Bloch invadem o campo da História Cultural. Peter Burke (2005), ao encerrar o livro “O que é história cultural?”, deixa-nos a sensação de incômodo sobre não acreditar no que é visível e a necessidade de ir além pelo caminho da pesquisa, pois os questionamentos devem promover o aprofundamento e a metodologia é um guia. Argumentamos que essa incompletude anunciada por Burke já é exposta por Bloch quando nos apresenta às incertezas da História.

Para Peter Burke (2005), já há abordagens nos parâmetros da História Cultural desde 1897. O autor destaca a análise realizada por Kalt Lamprecht, que aponta que essas narrativas acabavam sendo marcadas pela longevidade e sem a clara definição de um método.

Pensar na História Cultural no mundo contemporâneo é um exercício muito reflexivo, pois nos parece que a cultura está permeando todas as dimensões da sociedade; há muito tempo deixou de ser um mero arranjo e passou a ser parte integrante do mundo social (BURKE, 2005, p. 20).

Burke (2005) levanta a questão sobre o que é Cultura. Existem várias modificações sobre o termo desde o século XX que podem ser explicadas devido à aproximação com a Antropologia. Peter Burke (2004) trabalhou a relação da História Cultural com a imagem. Para o autor, quando começou a ser utilizada, era apresentada no contexto histórico sempre acompanhando textos e testemunhos, o que sublinhava a tendência de trabalhar com essas imagens como ilustração, isto é, sem explorá-las. O historiador já havia chegado às respostas por outro meio e não buscava na imagem novas questões. Com o passar do tempo, Burke (2004) mostra que o uso da imagem se modificou, ela começou a ser usada em estudos, porém, trazendo um “olhar inocente”, como se a imagem fosse livre de qualquer influência, como se não fosse construída.

O realismo fotográfico foi utilizado, segundo Burke (2004), por George Francis, que considerava a fotografia a melhor forma de representação de maneiras de viver, não problematizando a imagem e confiando na imparcialidade da câmera. Burke (2004) mostra que imagens são documentos e devem ser contextualizadas, porém, os pesquisadores tinham dificuldade com as fotografias por algumas não conterem data ou nome do fotógrafo.

Burke (2004) dialoga que a investigação dos documentos começa a partir do momento em que são questionados. Desta forma, as imagens, quando questionadas, consolidam-se como fonte. Mesmo não tendo o nome do fotógrafo e sua intencionalidade, a investigação na fotografia ocorre pelos símbolos e representações. Para Chartier (1990), o autor só pode ser entendido a partir do momento em que se compreende o contexto no qual seu trabalho foi publicado.

Peter Burke (2004) demonstra como a imagem é importante “como evidência da cultura material do passado” (2004, p. 29), o que indica a importância de o pesquisador realizar uma leitura crítica das fotografias. Bloch (2001) contribuiu com as reflexões sobre a condição parcial da fonte, ressaltando a importância de se questionar o que foi dado e não aceitar passivamente o que foi dito. Nisto, constitui-se a História. A cultura material pode ser analisada a partir das imagens, pois “as imagens podem testemunhar o que não pode ser colocado em palavras” (BURKE, 2004, p. 38).

O que marca o estudo da História Cultural é a preocupação com a análise de símbolos, porque são encontrados em todos os lugares. As fotografias trazem parte destes símbolos. Peter Burke (2004) justifica que “embora a História Cultural não tenha essência, ela possui uma história própria” (p. 10). No período de 1970 a 2000, ocorreu uma mudança nos estudos no campo da História sob a influência da História Cultural. Assim, as pesquisas em História da Educação foram beneficiadas com este movimento.

Pesavento (2012) traça o percurso histórico da História Cultural e destaca as possibilidades de análises sociais e do passado devido à nova forma de trabalhar a Cultura. A imagem entrou nessa ampliação da História Cultural e forneceu o suporte teórico para que as fotografias fossem reconhecidas e validadas como documentação.

No plano das imagens, cartazes de propaganda, anúncios de publicidade, fotografias, mapas, e plantas, caricaturas, charges, desenhos, pinturas, filmes cinematográficos, tudo se oferece ao historiador, que não se limita mais ao domínio das fontes textuais. Das imagens às materialidades do mundo dos objetos, o Historiador da Cultura se dispõe a fazer as coisas falarem. Casas, prédios, monumentos, traçados das ruas, brinquedos apontam no sentido de que as coisas materiais são detentoras de significados e se prestam à leitura (PESAVENTO, 2012, p. 59).

Segundo Pesavento (2012), uma das principais características da História

Cultural é a multiplicidade de documentos com a qual o pesquisador pode trabalhar. Para a autora, a História Cultural passa a ser um avanço em relação às outras pela sua abrangência, possibilitando, portanto, análises que antes eram deixadas de lado.

Partindo das leituras feitas de Pesavento, grande parte de seus escritos fazem alusão a Clio. Em seu livro “História e História Cultural” (2012), a autora trouxe parte da história desta personagem, que é a musa da História e do tempo. No tempo dos homens, foi eleita rainha das Ciências pelos seus tributos em registrar fatos de outro tempo escolhendo o que deveria ser lembrado. A autora questiona qual seria o perfil de Clio nestes novos tempos e conclui que hoje a musa seria a História Cultural (2012, p. 1).

As mudanças que ocorreram no âmbito da História acompanharam um contexto social e Pesavento (2012) coloca que, no panorama internacional da época, estavam ocorrendo a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, a expectativa de paz e do movimento pós-guerra. A crise dos paradigmas provocou rupturas epistemológicas e “puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História” (PESAVENTO, 2012, p. 5). A realidade vivida passará a não se enquadrar mais apenas nos modelos existentes até então.

Para Pesavento (2007, p. 1), cada geração se coloca frente aos problemas e busca as respostas com o arsenal conceitual de sua época. Nesse sentido, a crise dos paradigmas foi um questionamento sobre como as respostas eram buscadas. Queria-se, por assim dizer, a ampliação das possibilidades do arsenal. A História Cultural começa a ser pensada para ser a ressignificação do passado a partir de outro olhar.

A dinâmica social mudou, pois novas questões e interesses diferentes surgem com novos grupos, o que indicava que os modelos precisavam ser renovados para atender à diversidade que surgiu (PESAVENTO, 2012, p. 6). A autora, ao conduzir sua pesquisa sobre o surgimento da História Cultural, expõe que os pensadores da época fizeram críticas e denúncias ao modelo que se tinha de fazer História. Mas qual modelo era este? O marxismo e a escola dos Annales (PESAVENTO, 2012, p. 6).

A nova História passou a se desenvolver dentro e fora do marxismo. O meio marxista de vertente inglesa passou a combater a ortodoxia das interpretações da História. Pesavento (2012) coloca que, entre os neomarxistas que merecem

destaque, temos Thompson, pois assume uma postura crítica perante ao materialismo histórico. Thompson centralizava sua crítica na postura positivista, denunciando o viés puramente econômico e a parte mecânica da análise.

Mesmo mantendo uma análise classista, como seria de esperar dentro do marxismo, Thompson abandonou a clássica definição marxista-leninista, que identificava a classe pela posição ocupada junto aos meios de produção. Alargou o conceito, entendendo que a categoria deveria ser apreciada no seu fazer-se, no acontecer histórico, na sua experiência como classe. Cabia ao historiador surpreender os nexos entre pequenas alterações de hábitos, atitudes, palavras, ações, de atitudes que iam mudando ao longo do tempo. Com isso, Thompson resgatava para o historiador a dimensão do empírico: a pesquisa de arquivo era indispensável, e nesse ponto se abriam não só novos enfoques temáticos como nova documentação. O fazer-se de uma classe implicava observar modos de vida e valores, implicava entrar nos caminhos da construção de uma cultura de classe (PESAVENTO, 2012, p. 15).

Pesavento (2012) coloca que, desta forma, Thompson mostrou como explorar os silêncios que a teoria marxista colocava e, assim, realizar estudos que possibilitaram as abordagens dos domínios políticos, das crenças, dos hábitos e dos ritos (PESAVENTO, 2012, p. 17). A exploração destes silêncios precisa ser feita a partir de aspectos não explorados e encarar novas fontes como as festas, jornais, fotos, músicas, entre outras.

Uma grande virada no marxismo, sem dúvida, ainda mais se considerarmos que Thompson denunciava a predeterminação dos níveis, alegando que, em cada contexto, era preciso surpreender os nexos entre os diferentes traços do comportamento da classe (PESAVENTO, 2005, p. 17).

Na Grã-Bretanha, de acordo com Pesavento, outro autor que trabalhou junto a Thompson nesta reviravolta dentro dos quadros marxistas foi Raymond Williams, sendo que a nova tendência neomarxista passa a trabalhar a Cultura. A autora ressalta que nem todos os autores que vieram depois seguiram a tendência em que se preservava o fundo marxista para as reflexões, porém um nome que merece destaque no cenário mundial fazendo o uso da História Cultural é Peter Burke.

A teoria marxista acaba não sendo a única possibilidade para se estudar e entender a História. Cada vez mais, a História Cultural começa a ser utilizada. Ela possibilita abordagens e possibilidades, mas não deixa de lado a parte investigativa e a essência da História de ser uma ciência crítica e reflexiva, buscando entender as

relações do homem no tempo.

No Brasil, todas essas alterações foram assim sintetizadas por Pesavento (2012):

Na virada dos anos 1980 para o decênio de 90, essas maneiras de fazer história passaram a ser questionadas no Brasil. No plano internacional, com a decantada crise dos paradigmas, foi a fundamentação teórica marxista que sofreu as mais severas críticas, condenação esta auxiliada pelo desempenho, mundial, dos regimes políticos embasados nessa postura nas décadas de 1950 a 80, acabando com o acontecimento emblemático da queda do muro de Berlin em novembro de 1989 (PESAVENTO, 2012, p. 7).

Os pressupostos postulados pela História Cultural forçam uma abertura nas pesquisas para novas possibilidades. As grandes correntes de pensamentos e nomes devem continuar sendo exploradas e estudadas, conforme expõe Pesavento (2006), contudo, as novas abordagens com ênfase na Cultura permitiram o espaço para o estudo das pessoas simples e dos fatos cotidianos.

Assim, nesse percurso de vinte anos foram também superadas concepções que opunham a cultura erudita à cultura popular, esta ingenuamente concebida como reduto do “autêntico”. Faz também bastante tempo que o historiador Carlo Ginzburg veio enriquecer essa proposta, ao introduzir a idéia da “circularidade cultural”. Traços culturais movem-se por entre os grupos, as camadas ou as classes sociais, permitindo reelaborações contínuas, o que torna mais instigante a análise do passado, vendo o reaproveitamento e a reapropriação dos mesmos valores, que perpassam o tecido do social, em novas criações de sentido. Mais do que isso, se passou a entender que os valores culturais, traduzidos em idéias e imagens, viajam no tempo e no espaço, em reconfigurações e transfigurações de significado (PESAVENTO, 2006, p. 47-48).

O conceito desenvolvido pela História Cultural envolve pressupostos de representação em uma relação de ausência e presença. A representação se coloca como a “presentificação” desta ausência, fornecida por uma imagem material ou mental que deve ser trabalhada numa atribuição do sentido (PESAVENTO, 1995, p. 280).

Os conceitos para a autora são artifícios mentais que buscam entender o mundo por meio de perguntas e respostas, bem como a articulação dos conceitos “resultam em constelações teóricas” (PESAVENTO, 2007, p. 1). Pesavento afirma que uma das críticas sofridas pelos historiadores que utilizam a História Cultural é a

negação da realidade, o que a autora compreende ser uma acusação absurda, pois todo pesquisador parte do real (2007, p. 2).

Pensar o social através de suas representações é, a nosso ver, uma preocupação contemporânea do nosso fim de século, balizada pela crise dos paradigmas explicativos da realidade que pôs em xeque a objetividade e racionalidade das leis científicas no domínio das ciências humanas (PESAVENTO, 1995, p. 280).

A autora enfatiza em suas pesquisas a importância da representação no estudo da História Cultural, pois o representar é uma ação humana, seja pela linguagem, gestos e/ou sons. A representação ocupa um lugar de “estar no lugar de”. As representações são as combinações do “ser” e do “não ser”, que geram um desafio, um enigma que precisa ser questionado (PESAVENTO, 2006, p. 49).

Neste ponto, desembocamos em um outro conceito, vital para os estudos da cultura, e que diz respeito às representações. Trata-se, digamos, de uma redescoberta dos historiadores na sua maneira de enxergar o mundo e, sobretudo, o passado, proporcionando uma renovação nos domínios de Clio, no que diz respeito a novas questões e problemas, tal como novos temas e objetos. Representações são presentificações de uma ausência, onde representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento (PESAVENTO, 2006, p. 29).

O sistema de representações é coletivo. Os homens o constroem por meio da História para atribuir significados às coisas. Nesse sentido, o mundo, tal como vemos, é construído e pensado socialmente. Desta forma, a imagem ou o imaginário é composto por representações do mundo vivido e experimentado, dos sonhos e desejos de cada época (PESAVENTO, 2006, p. 50).

Apoiado num novo paradigma centrado na cultura, utilizando conceitos tais como os da representação e do imaginário ou o princípio do cruzamento das práticas sociais com as imagens e discursos de representação do real, escorado na estratégia metodológica detetivesca da montagem por contraste e justaposição, resta ao historiador a difícil tarefa de resgatar o que pensavam ou tentavam expressar os homens do passado (PESAVENTO, 1995, p. 287).

Na cidade, os lugares têm memórias, narrativas e lugares na História. Essas narrativas “presentificam” a ausência, conforme coloca Pesavento (2007), são

representações de um “acontecido que, a rigor, não é mais verificável ou sujeito à repetição” (p. 4). O tempo passado não é perdido, afinal o imaginário se consolida por meio dos discursos e nas representações deixadas. A cidade, de acordo com Pesavento (2007), é detentora de história e memória.

Os lugares de memória de uma cidade são também lugares de história. História e memória são, ambas, narrativas do passado que presentificam uma ausência, reconfigurando uma temporalidade escoada. São representações que dão a ver um “acontecido” que, a rigor, não é mais verificável ou sujeito à repetição. Mas o tempo passado não é irrecuperável, uma vez que, através do imaginário, se faz presente no espírito, dando-se a ler e ver através de discursos e imagens. Uma cidade é, pois, detentora de história e memória, assim como também o é desta comunidade simbólica de sentido a que se dá o nome de identidade. O centro de uma cidade foi, por muito tempo, o cartão de visitas de uma cidade. Mesmo que tais espaços tenham sofrido degradação, deixaram marcas, que funcionam como padrões de referência identitária para uma cidade (PESAVENTO, 2007, p. 4).

As representações detêm simbolismos, que carregam significados ocultos aos nossos olhos por serem construídos num determinado tempo social (PESAVENTO, 2012, p. 22).

No caso de se ver uma imagem simbólica, existe a necessidade de perguntar para chegar a uma decifração, conseguindo coerência com o contexto dado pelo tempo. Partindo dos argumentos de Pesavento, podemos pensar que as fotografias nos ajudam a compreender os símbolos que estão representados. O seu estudo vai além da identificação do ano em que foi clicada, pois é necessário construir um paralelo com os sinais encontrados e as pessoas representadas, pensando em como funcionava o imaginário social que ali está representado.

Para a autora (2012, p. 23), as representações do passado podem se reconstruir pelas fontes e documentos e o historiador pode investigar os indícios por meio de questões.

A História Cultural se torna, assim, uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado. Neste ponto, um novo conceito se apresenta como fazendo parte do elenco de mudanças epistemológicas que acompanham a emergência da História Cultural: o imaginário. Entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo. A ideia do imaginário como sistema remete à compreensão de que ele constitui

um conjunto dotado de relativa coerência e articulação. A referência de que se trata de um sistema de representações coletivas tanto dá a ideia de que se trata da construção de um mundo paralelo de sinais que se constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica (PESAVENTO, 2012, p. 23).

Roger Chartier (1990), ao realizar uma breve história da Historiografia, relata que, nos anos de 1950/60, investigações técnicas foram feitas com base em teorias e estatísticas. Porém, surge uma nova tendência hegemônica em 1970/80 e, com isto, uma nova forma de interrogar a realidade, graças ao domínio da História Cultural e às representações. Para Chartier (1990), a História Cultural é o trabalho com completude de conexões com outras ciências para se criar o diálogo mais amplo, pois antes o saber era mais fechado na própria ciência “História”.

Segundo Chartier (1990), a História Cultural possibilita diferentes leituras, sendo um estudo do processo: o processo seria a relação da história dos textos, a história dos livros, em outras palavras, a história dos elementos que permitem uma reflexão mais ampla para se compreender o presente.

Tomando como base a História Cultural, conforme Chartier (1990) afirma:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler (CHARTIER, 1990, p.16-17).

A História Cultural possibilitou o estudo das fotografias, e muitos autores, como Canabarro (2015) e Kossoy (2001), reafirmam sua legitimidade como fonte de pesquisa. Dando prosseguimento aos nossos estudos, partiremos para a reflexão da fotografia como fonte de pesquisa, trazendo autores que trabalham a partir dessa perspectiva.

2.4 FOTOGRAFIA COMO FONTE DE PESQUISA

A fotografia é resultado do conjunto de técnica, oportunidade e engenho. Seu surgimento causou comoção no meio artístico por retratar paisagens de maneira extremamente realista, o que deixava em segundo plano as pinturas (MAUAD, 2016).

A fundamentação da realidade gerou discussões, pois a foto carregava o

valor de prova irrefutável. A História da Fotografia foi marcada por polêmicas, sendo uma delas a concepção de que uma fotografia é a realidade. Essa compreensão já foi criticada por diversas áreas do conhecimento, que começaram a pautar que a fotografia é escolha, ou seja, o fotógrafo, dentre as cenas possíveis, escolhe uma para registro. Depois da captura da imagem que se transforma em fotografia, segundo Mauad, “nada será como antes”, um processo de mediação e interpretação da imagem é iniciado. Os sentidos que uma única fotografia produz são múltiplos.

A fotografia vem acompanhando o mundo contemporâneo, registrando a História numa linguagem iconográfica e lançando ao historiador o desafio de questionar o que não foi revelado pelo fotógrafo. Desta forma, a fotografia é uma fonte que exige do historiador um novo tipo de crítica. Não importa qual foi o objetivo do fotógrafo no momento do registro, o testemunho fotográfico é válido. Valendo-se da teoria de Jacques Le Goff, Mauad enfatiza que a fotografia é imagem/documento e imagem/monumento.

No primeiro caso considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, onde objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado, tais como: condições de vida, moda, infra-estrutura urbana ou rural, condições de trabalho, etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, àquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, portanto se a fotografia a informa também conforma uma determinada visão de mundo (MAUAD, 2016, p. s/p).

Para compreender a fotografia ao longo da História, torna-se necessário entender o controle dos meios técnicos de produção cultural e quem os detêm, compreendendo o grupo ao qual servem. Os meios técnicos de produção de cultura até os anos de 1950 eram privilégio da classe dominante.

O historiador deve olhar através das imagens e, para fazer isto, o contexto auxilia no *locus* interpretativo. As imagens, segundo Mauad (2016), não falam por si só, por isso perguntas precisam ser feitas, compreendendo as relações estabelecidas da época com base nas temporalidades.

A pesquisa de Albuquerque e Klein (1987) sobre o acervo fotográfico da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) indicou que a instituição acumulou fotografias com informações significativas contidas nas imagens, fotos importantes para se compreender o passado histórico do Brasil. Ao trabalharem com a preservação de

fontes iconográficas que se acumularam pela Fiocruz, os pesquisadores indicaram a necessidade de se ler as informações nas imagens, trabalho indispensável para a organização do acervo. O pesquisador, na leitura de qualquer fonte, faz um trabalho de reflexão e formula hipóteses, estabelecendo perguntas que deseja fazer aos documentos (ALBUQUERQUE; KLEIN, 1987).

Vale reforçar que a preocupação com a utilização da fotografia como fonte histórica é recente, uma vez que, até há pouco tempo, a fotografia servia mais para ilustração (prova), ou seja, como forma de referendar uma afirmação textual. Sua função estava restrita ao papel de cristalizar a imagem de uma "verdade", já confirmada e subsidiada pelos textos escritos (ALBUQUERQUE; KLEIN, 1987, s/p).

Albuquerque e Klein (1987), utilizando a teoria de Maurício Lissovsky, mostram que, para o pesquisador em fotografia, não existe um método que possibilite entender a perspectiva do fotógrafo. Para Lissovsky, a produção de uma fotografia se fundamenta na combinação de três elementos: o fotógrafo, a tecnologia usada e o conteúdo da imagem. A primeira identificação que ocorre na fotografia é com o “momento histórico que ela está retratando” (LISSOVSKY *apud* ALBUQUERQUE; KLEIN (1987, s/p). Outras identificações são possíveis na fotografia como a aproximação de conteúdo.

A leitura de imagens precisa da compreensão dos entendimentos e significações, indo além do que se vê, rompendo com a superficialidade do que é visível, aprofundando, assim, o debate proposto. Para as autoras, Rubim e Oliveira (2010), somos espectadores críticos de textos, imagens, cenas e pinturas. Para que a análise seja eficaz, é preciso observar diferentes produções tanto de épocas passadas quanto atuais e fazer um mergulho teórico observando as linguagens da pesquisa. Por meio deste procedimento, ao historiador a possibilidade de ampliar seu olhar é oferecida.

É relevante considerar a multiplicidade de significados dos símbolos e sinais culturais, bem como da contextualização social e da dinâmica histórica daí resultante, pois isso nos oferece oportunidade para investigar e produzir conhecimentos acerca da realidade, estabelecer relações críticas e nos expressarmos como sujeitos produtores de história e de saber (RUBIM; OLIVEIRA, 2010, p. 2).

A partir de 1920, com a escola dos Annales e seus representantes, foi

possível conceber novos documentos e novas possibilidades para se estudar história. O historiador deve analisar e levar em conta os contextos ideológicos e sociais tanto da produção quanto da recepção: “Assim, o foco do historiador das imagens deve ser os problemas da especificidade da arte e as relações, às vezes conflituosa, entre as diferentes formas simbólicas de uma mesma sociedade” (RUBIM; OLIVEIRA, 2010, p. 9).

É possível observar que, para avançar na reflexão sobre uso de imagens como evidência histórica, é preciso entender essa linguagem, seus limites e possibilidades. Para interpretar a imagem, paciência, questionamento e contexto são necessários:

A leitura de imagens implica compreensão, entendimento, significação e conhecimento. É preciso ir além do que se vê, rompendo com a superficialidade do visível e imediato e aprofundar o diálogo sugerido na obra (RUBIM; OLIVEIRA, 2010, p. 10).

A imagem possibilita o aprendizado de valores e informações que outras fontes de linguagem não substituiriam: “As imagens são representações do mundo elaboradas para serem vistas” (RUBIM; OLIVEIRA, 2010, p. 11). A fotografia se conecta num primeiro momento com a realidade que a gerou. Em muitos casos, não se tem como localizar tais registros, o que ressalta a necessidade de bons acervos de pesquisas. As análises com pesquisas iconográficas não se esgotam estudando os dados visíveis, portanto o pesquisador precisa ir além e estudar a construção dos imaginários.

Para Oliveira e Tambará (2004, p. 5): “não só os fotógrafos manipulam as fotografias como, em certa medida, os pesquisadores estabelecem o que deve ser visto”. O estudo da imagem contribui grandemente para o entendimento dos múltiplos pontos de vista que os homens e as mulheres constroem a respeito de si mesmos e dos outros, de seus comportamentos, seus pensamentos, seus sentimentos e suas emoções em diferentes tempos e espaços (OLIVEIRA; TAMBARA, 2004). Uma mesma fotografia faz parte de uma teia de construções ideológicas que partem desde a casa que a publicou até os receptores em diferentes momentos.

Quanto à sua utilização, é correto dizer que imagens fotográficas de outras épocas, na medida que identificadas e analisadas objetiva e sistematicamente a partir de metodologias adequadas, se constituem

em fontes insubstituíveis para a reconstituição histórica dos cenários, das memórias de vida (individuais e coletivas), de fatos do passado centenário como do mais recente. A reconstituição através da fotografia, não se esgota apenas na análise iconográfica, na qual apenas são descritos os dados visíveis na imagem, pois requer uma sucessão de construções imaginárias. O estudo da imagem contribui grandemente para o entendimento dos múltiplos pontos de vista que os homens constroem a respeito de si mesmos e dos outros, de seus comportamentos, seus pensamentos, seus sentimentos e suas emoções em diferentes tempo e espaço (OLIVEIRA; TAMBARÁ, 2004, p.3).

Tanto as fontes escritas quanto as fontes iconográficas precisam de uma metodologia para serem analisadas. Assim, dois pontos devem ser ressaltados nessa pesquisa: a “procedência” e a “trajetória da imagem”. Para que se possa realizar esta interpretação, é preciso estar ciente de que uma única imagem pode conter inúmeras informações sobre um determinado momento passado, porém, ela continua sendo um fragmento do real visível, destacado do contínuo da vida (OLIVEIRA; TAMBARÁ, 2004).

Ao preservar um instante no tempo, a imagem aponta para uma memória que é intrínseca a ela própria, mas envolve também uma memória externa, a memória do espectador. A realização destas interpretações parte do pesquisador, mas precisa de uma metodologia a ser escolhida para traçar os parâmetros de análises junto ao documento. A fotografia é uma escolha do que se queria lembrar, talvez por um governo para lembrar de suas glórias e não de seus fracassos.

O conteúdo presente nas imagens é vasto e possibilita diferentes enfoques e pesquisas (OLIVEIRA; TAMBARÁ, 2004). As dimensões que uma imagem carregada de significados que direcionam nosso olhar para a interpretação dependem da nossa reconstrução cultural, assim como do entendimento do contexto em que o ato foi fotografado, compreendendo a identidade dos sujeitos no evento registrado. Se o contexto em que a imagem foi fotografada for desconsiderado, segundo Oliveira e Tambará (2004), sua interpretação fica incompleta. Ao preservar um instante no tempo, por meio da fotografia, a imagem aponta para uma memória que é intrínseca a ela própria, mas envolve, também, uma memória externa, relacionada ao contexto histórico e à memória do espectador (TAMBARÁ; OLIVEIRA, 2004, p. 6).

As fotografias trabalham em duas realidades: uma antes e outra depois do clique da máquina. Os pesquisadores Oliveira e Bittencourt (2013) colocam que,

para fazer a análise iconográfica, é necessário realizar críticas como fonte e documento. Os registros fotográficos permitem observar de forma mais cuidadosa as continuidades e rompimentos nos ambientes sociais, culturais e urbanos em diversas épocas.

Entre as fontes históricas existentes há um consenso de que os registros fotográficos se revelam de pertinaz importância por permitirem a observação cuidadosa das rupturas e continuidades nos ambientes urbanos, sociais e culturais em épocas distintas tornando possível compreender estes processos pelas informações que o material fotográfico fornece (OLIVEIRA; BITTENCOURT, 2013, p. 1).

As pesquisas com imagens podem ser mais expressivas que alguns documentos escritos, pois fotografar é registrar e falar do mundo de outra forma. A fotografia não é a representação fiel dos fatos, não se explica por si mesma, mas confirma mudanças e permanências que ocorreram ao longo do tempo.

A fotografia/imagem analisada no diálogo com outras fontes permite múltiplas reflexões sobre as ações humanas nos espaços, possibilitando estudar o imaginário social, econômico e político, ao qual pertencem os sujeitos das imagens observadas. Uma coletânea fotográfica oferece um testemunho mais confiável do que uma fotografia isolada. O pesquisador em História, mais especificamente em História da Educação, tem, naturalmente, um zelo por buscar preservar os documentos e registros, a preservação assegura que pesquisas futuras ocorram. Os autores Oliveira e Bittencourt (2013), recorrendo à Diana Vidal, reafirmam a necessidade de uma política de preservação e de descarte para assegurar um legado para o futuro.

O capítulo trouxe uma contextualização do processo no qual a fotografia se consolidou como fonte de pesquisa para a História, auxiliando na busca de respostas a perguntas feitas pela História e pela História da Educação. Os autores usados nesta seção foram o suporte teórico para que as compreensões fossem estabelecidas, tal como a ampliação de possibilidades feitas a partir da entrada das fontes iconográficas. A História Cultural possibilitou definir como a fotografia deixa de ser mera ilustração em textos e passa a ser fonte de pesquisa, alcançando seu espaço. Apontamos para a legitimidade da fotografia e como parte das abordagens pode ser realizada através desta fonte. No debate sobre a História da Fotografia, buscou-se trazer o entendimento de como a fotografia entra no Brasil, contextualizando o uso da imagem e seus fins.

Os autores elencados ao longo desta seção tornam-se base para a próxima discussão a ser realizada na dissertação, na seção três, em que se realizará uma aproximação do debate sobre Cultura Escolar, o campo da História da Educação e a importância dos acervos escolares, reconhecendo a importância destes para compreender a História da Educação e as ações que as fotografias representam nesta pesquisa.

3. A CULTURA ESCOLAR COMO CHAVE INTERPRETATIVA PARA COMPREENDER A ESCOLA

Nesta seção, apresentamos uma aproximação com o tema “Cultura Escolar”, priorizando os autores Jean Claude Forquin (1993), Dominique Julia (2001) e Agustín Escolano Benito (2017). Avançamos com o estabelecimento de relações entre o conceito de Cultura Escolar e o campo da História da Educação, recorrendo aos autores Rosa Fátima de Souza (2000), Luciano Mendes de Faria Filho, Irlen Antônio Gonçalves, Diana Gonçalves Vidal e André Luiz Paulilo (2004). Tratamos também sobre a importância dos arquivos escolares para a História da Educação a partir do estudo do dossiê “Arquivos escolares: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação”, organizado por Diana Gonçalves Vidal (2005).

O tema “Cultura Escolar” possibilita interpretações aprofundadas sobre a escola ao longo do tempo, porque se volta para as permanências e mudanças nas relações estabelecidas nas escolas, uma investigação enriquecedora para se compreender as nuances da escola, ampliando as interpretações do passado escolar. Trata-se, portanto, de um campo adequado para ser compreendido nas relações com a História da Educação, uma área clássica da pesquisa no campo da Educação, que congrega estudos sobre currículo, escola e métodos de aprendizagem, dentre outros utilizados ao longo do tempo.

Nesta pesquisa, nos aproximamos dos estudos da Cultura Escolar para fundamentar as leituras das imagens, entendendo, assim, o enriquecimento que tal referencial gera na interpretação das ações escolares. A partir da Cultura Escolar, percebemos pela repetição identificada no acervo que algumas ações registradas

fazem parte de uma tradição escolar, como as fotos de classe, dos desfiles escolares ou de momentos fora da escola, sobre os quais há menos registros, pois acontecem poucas vezes e fogem do cotidiano.

A Cultura Escolar propiciou uma leitura mais rica do contexto escolar, pois, para compreender uma escola, é necessário pensar nesse espaço inserido em outro espaço (a cidade) influenciado por políticas e diretrizes. Dessa forma, podemos perceber que muitas ações representadas estão fundamentadas em sua própria época, sendo reflexo apenas daquele momento em específico, como o grande número de inaugurações. Outra análise interessante que foi realizada é sobre os projetos desenvolvidos dentro dos contextos escolares, como o projeto “Horta”, que aparece representado em algumas coleções, transitando entre as décadas estudadas.

A Cultura Escolar se tornou um alicerce teórico para trazer categorias de análise que auxiliaram na leitura das ações fotografadas. Ler a imagem por ela mesma não gera reflexão, os questionamentos devem ser direcionados e o olhar ensinado a ver as permanências e modificações que se estabelecem no tempo. Nos próximos itens, trouxemos parte da teoria que fundamenta a Cultura Escolar a partir do cotidiano e as interpretações que podem ser realizadas junto à fotografia.

3.1 A CULTURA ESCOLAR: FRAGMENTOS MATERIAIS E IMATERIAIS DO COTIDIANO ESCOLAR

Nessa pesquisa, a Cultura Escolar é compreendida como um campo de conhecimento que se dedica ao estudo da Escola a partir de fragmentos da cultura material e imaterial produzida no cotidiano escolar. Podemos afirmar que existe uma estreita relação entre a História Cultural e a Cultura Escolar, pois a primeira forneceu embasamento para que a História da Educação Escolar se constituísse a partir de múltiplas fontes e com valorização de todos os sujeitos e de todas as práticas vivenciadas no espaço escolar.

As fotografias com as quais trabalhamos nesta pesquisa pertencem à SMED da cidade de Londrina e registram cenas variadas ocorridas dentro das escolas ou ações escolares realizadas fora delas. No trilhar da dissertação, a aproximação com os pressupostos teóricos cunhados pelos pesquisadores do campo da Cultura Escolar foi essencial, visto que nos possibilitou compreender as fotografias como resultantes de um contexto de ações, normas e vestígios que formam as escolas,

mas também caracteriza de forma diferente cada uma delas, segundo Forquin (1993).

A França foi o país no qual o debate sobre a Cultura Escolar ganhou amplitude, principalmente a partir dos estudos de Jean Claude Forquin. Este autor teve e ainda tem grande influência nos estudos brasileiros sobre Escola e Cultura. Forquin dedicou-se a entender as relações entre Escola, Educação e Cultura. Em seu livro “Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar”, publicado no Brasil no ano de 1993, o autor questiona o porquê de alguns grupos conseguirem melhores resultados do que outros no que diz respeito ao domínio de alguns saberes (1993, p. 192). A construção das respostas para essa questão transita pela análise de quais ensinamentos cabem à Escola e à Cultura transmitir, o que, conseqüentemente, leva às reflexões sobre quais são os saberes que devem compor um currículo escolar.

Ao colocar em destaque as relações entre os campos da Escola e da Cultura, Forquin também define as especificidades de cada uma delas. Por isso, confere importância para o fato de que os estudos sobre a Escola se voltem para as questões internas, mas sem desconsiderar o contexto econômico, político e social em que as escolas estão inseridas. Para o autor, a Escola seleciona aspectos culturais que são valorizados como saber escolar e é essa reformulação que a Escola faz que o autor define como Cultura Escolar (FORQUIN, 1993, p. 14). Ocorre que os saberes advindos dessa seleção - que pode ser a mesma para um determinado grupo de escola, uma cidade e até mesmo um país - ao adentrarem no cotidiano de alunos, professores, pais e agentes educativos e ao se relacionarem com os aspectos culturais de cada localidade, são vivenciados de modo peculiar, com aderências e rupturas que agregam ou excluem outros saberes aos temas previamente selecionados. O resultado é denominado de “cultura da escola”.

Faria Filho (1998) coloca que a construção da Escola e da Cultura Escolar tal como conhecemos começa na construção da cidade, tanto em estrutura física quanto simbólica, no Brasil Republicano, momento em que uma reformulação era esperada. O autor estuda a cidade de Belo Horizonte e afirma que é impossível pensar os processos de escolarização sem pensar o contexto da Escola no mundo urbano. Segundo Faria Filho (1998), defendia-se que a Escola devia ser uma instituição socializadora, inserindo também as crianças no mundo urbano. Nesse sentido, parte das fotografias que a caixa trouxe tem exemplificações de

representações de fachadas modernas ou reformas de escolas rurais com construções urbanas, substituindo os registros de escolas em madeira em registros de escolas com tijolos e cimentos.

A referência à escola (física e simbolicamente falando), como o lugar mais apropriado para a formação das novas gerações; isso implica, não custa dizer, afirmar a legitimidade da intervenção da instituição escolar na sociedade e, ao mesmo tempo e por isso mesmo, a sua inserção e autonomia neste social (FARIA FILHO, 1998, s/p).

Outro estudioso fundamental para compreender o conceito de Cultura Escolar é o pesquisador Dominique Julia (2001). O autor enfatiza que as pesquisas sobre escolas podem ser realizadas por meio de vários documentos produzidos nos movimentos que elas estabelecem a partir de suas relações cotidianas. Alguns desses documentos vão para arquivos, outros não. Para Julia (2001), os arquivos são importantes centros de pesquisa e o pesquisador deve ter cuidado no trato com esses materiais, pois eles são um registro inestimável à pesquisa sobre as práticas escolares. No entanto, o que vai compor um arquivo escolar representa uma ínfima parte das práticas escolares.

O desafio que se coloca para um pesquisador no campo da Cultura Escolar é estabelecer um equilíbrio entre o registrado e preservado em arquivos e o não preservado que, muitas vezes, se apresenta ainda que de forma ausente. Em relação à caixa de fotografia com a qual trabalhamos, podemos inferir que as imagens organizadas em álbuns nomeados podem representar os feitos eleitos para serem guardados. É fato que muitas questões ficam sem respostas quando tratamos de um acervo em construção, mas tais situações oferecem questões a serem investigadas em estudos futuros.

Segundo Julia (2001):

(...) a Cultura Escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular (JULIA, 2001, p.11).

Nas relações estabelecidas entre todas essas culturas, o estudo da Escola pode ser efetivado de vários ângulos. Julia se distancia da Escola como lugar de repetição de saberes e de formatação de corpos e mentes, aproximando-se de um desenho de Escola no qual as relações sociais são colocadas em destaque.

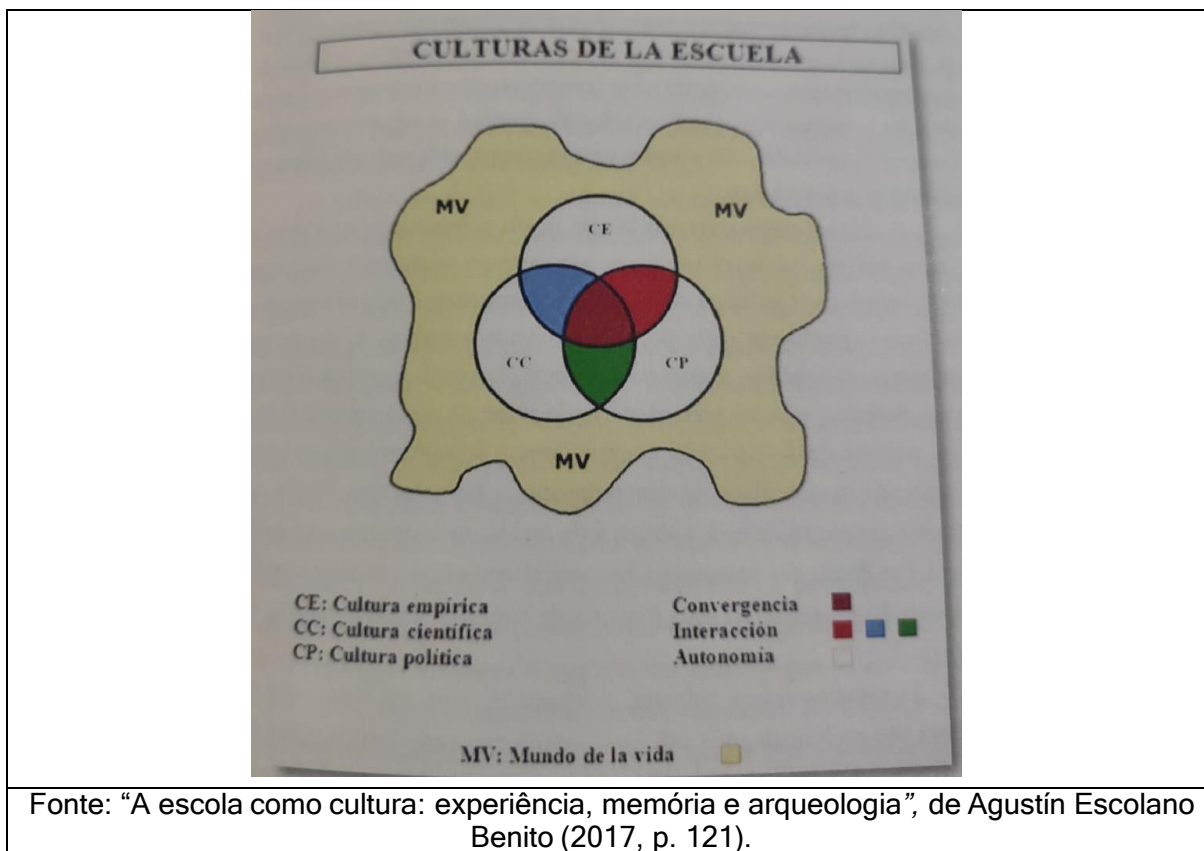
Julia destaca a importância do pesquisador de se ater aos aspectos históricos quando efetuar uma leitura da Escola e de seu funcionamento por meio dos documentos. O autor argumenta que uma ancoragem histórica evita interpretações como a que afirma que na Escola ocorreram poucas inovações ao longo do tempo. É o olhar atento para as mudanças e constâncias que ditará ao pesquisador os movimentos pelos quais a Escola passou, seja em pequenos ou em amplos espaços temporais.

É de Dominique Julia (2001, p. 15) a afirmação de que o pesquisador da Cultura Escolar fará “flecha com qualquer graveto”, aludindo para a necessidade da escuta e do olhar atento e sensível para os documentos em estado de arquivo, pois eles não trazem, a princípio, o movimento que buscamos compreender em nossas pesquisas sobre as escolas. No entanto, o movimento está lá, por vezes em mudanças muito pequenas, mas capazes de amplas transformações quando analisadas ao longo do tempo.

Recorremos também aos estudos de Agustín Escolano Benito (2017) que, dentre os autores já mencionados nessa seção, é o menos citado nos estudos no campo da História da Educação, talvez por sua predileção por abordar a Cultura Escolar a partir do campo dos estudos do currículo.

Em sua análise, Benito (2017, p. 121) apresenta três culturas que movimentam a Escola: “cultura empírica; cultura científica; e cultura política”. Ele explica ainda a Cultura Escolar a partir das inter-relações entre essas três tipologias.

Figura 7: Cultura da Escola por Escolano Benito.



O modelo de Escolano Benito (2017) possibilita várias reflexões, pois como o autor coloca: "três culturas que operam no âmbito da Escola (empírica, científica e política) [...] inserem no plasma global e totalizadora do mundo da vida, que impõe condicionamentos à escola e dela recebe respostas" (BENITO, 2017, p. 121). O mundo da vida, segundo o autor, impõe condições à Escola que devem ser respondidas por ela.

Benito (2017) dialoga que convém do ponto de vista sócio-histórico entender a Escola como construção cultural. Isso nas reflexões mostra que a tendência é que a Escola seja pensada a partir de um contexto que se influencia pela cultura. O autor ressalta que deveríamos considerar a Escola como uma instituição que se transforma e se organiza a partir de impulsos e motivações culturais, mas que se insere em outros contextos que interagem entre si.

Todos esses parâmetros da cultura que precedem do magma no qual se insere a escola servem apenas para ratificar que a instituição educativa faz parte de uma determinada estrutura social, sendo ela própria ao mesmo tempo uma microssociedade. Porém, tais constatações, aliás extremamente óbvias e bem conhecidas, não são suficientes para explicar a cultura da escola (BENITO, 2017, p. 119).

Escolano Benito (2017) reflete que, no interior do espaço escolar, criou-se uma cultura específica, advinda do diálogo de três culturas percebidas pelo autor: empírica, acadêmica e política. O autor afirma que a própria Escola, por meio de suas práticas, cria e transmite modelos culturais, o que nem sempre é visível, mas opera no funcionamento institucional. Os integrantes deste espaço, professores e alunos, internalizam essa cultura e a extrapolam para o mundo da vida.

A Cultura Escolar e a vida da instituição devem ser entendidas como um conjunto de práticas e discursos. Benito (2017) enfatiza que as três culturas dialogam e jogam entre si, em relações em que uma cultura influencia a outra. O autor coloca, assim, a cultura empírica como sendo a do âmbito da experiência, por meio de ações docentes que criam e fazem adaptações ao modelo de ensino e aprendizagem. A cultura empírica se coloca presente no material de ensino da Escola.

A nova história cultural recriou a imagem de escola como centro de reprodução de cultura, e não como uma instituição gregária e reprodutora das formas culturais estabelecidas - imagem que havia sido difundida anteriormente pela sociologia e pela história de corte idealista e estruturalista (BENITO, 2017, p.119).

A cultura acadêmica, de acordo com Benito (2017), é a reflexão e investigação sobre o universo escolar, sendo o conhecimento especializado e legitimado, sendo que esse saber só se legitimou a partir dos saberes pedagógicos. Essa legitimação modificou a Escola, momento em que o conhecimento positivista se tornou critério de valor. A cultura acadêmica se refere aos textos científicos produzidos pela comunidade intelectual que produz e divulga “os resultados alcançados nas instituições em que se desenvolvem os estudos educativos” (BENITO, 2017, p. 122).

A cultura política está ligada à parte burocrática e de administração dos sistemas educativos, materializando-se em textos e ações que são planejados por gestores da educação formal, sendo, então, os currículos, conteúdos, disciplinas, indicadores e avaliações formativas. As culturas operam e coabitam, dando origem a formações culturais com as quais a Escola interage.

Isso dá origem a uma ampla diversificação dinâmica de formações culturais, em função do estrato social dos sujeitos, dos níveis institucionais, das culturas de seus professores, do tipo de escola, das formações sociais em que se originam e que se dirigem, além de outras variáveis socioculturais (BENITO, 2017, p. 124).

Para o autor a cultura empírica se impõe em muitos momentos, principalmente em relações de modos de gestão burocráticas das reformas e dos discursos acadêmicos. Portanto, as reais mudanças conseguem ser alcançadas nas práticas escolares e ações dos professores influenciados pela ação do cotidiano da Escola. As práticas foram deslegitimadas pelas teorias pedagógicas e ignoradas pela cultura política. A nova Historiografia produzida veio a reafirmar a importância das práticas nas quais se materializa a cultura empírica da Escola: “na construção sócio-histórica do conjunto da educação formal” (BENITO, 2017, p. 125).

Por meio dos estudos de Forquin (1993), de Dominique Julia (2001) e de Agustín Escolano Benito (2017) percebe-se que, além de ensinar, a Escola transmite cultura. Por sua vez, essa cultura está além do conteúdo curricular, pois traz elementos forjados entre as relações econômicas e políticas, que também forjam a Escola como uma instituição. As fotografias guardadas na caixa mostram ações da escola, como registros de alunos em frente à escola com a professora, cena bastante comum nas fotografias que registram cenas escolares do século XX, conforme coloca Souza (2000), além de outras ações como as festas juninas, desfiles cívicos, cerimônias comemorativas, ou seja, ações que foram eleitas como importantes para serem registradas pelo fotógrafo ou por quem contratou o fotógrafo. Cabe ressaltar que estamos tratando de fotografias realizadas em uma época na qual elas eram reveladas *a posteriori* e cada *click* não podia ser desfeito com apenas um toque de tela, como ocorre nos dias atuais.

No ano de 2004, Luciano Mendes de Faria Filho, Irlen Antônio Gonçalves, Diana Gonçalves Vidal e André Luiz Paulilo publicam na Revista “Educação e Pesquisa” um artigo com uma síntese sobre as apropriações que os pesquisadores no campo da História da Educação efetuavam quanto ao conceito de Cultura Escolar em suas investigações. Neste artigo, os autores apresentam também uma compilação das produções que começam a ser elaboradas sobre o tema e se questionam sobre as reformas educacionais, levando em conta a influência de tal conceito na Educação Escolar Brasileira.

Abordando historicamente a construção do campo de investigação sobre a Educação Escolar, os autores assumem a polissemia que envolve a categoria de análise Cultura Escolar e optam por prosseguir com as reflexões circunscritas aos estudos da História da Educação. Eles definem que, desde 1994, aproximadamente: “a categoria Cultura Escolar vem subsidiando as análises históricas e assumindo

visibilidade na estruturação propriamente dita de eventos do campo.” (FARIA FILHO; GONÇALVES; VIDAL; PAULILO, p. 142). Os autores partem da grande e inicial influência dos estudos de Dominique Julia para pensar a Escola para além do estabelecido em normas e colocar em destaque as práticas escolares.

Julia convidava os historiadores da educação a se interrogarem sobre as práticas cotidianas, sobre o funcionamento interno da escola. A metáfora aeronáutica da “caixa-preta” adquiria valor de argumentação. Recusando estudos essencialmente externalistas, como a história das idéias pedagógicas, das instituições educativas e das populações escolares, que tomavam como fontes privilegiadas os textos legais, propunha uma história das disciplinas escolares, constituída a partir de uma ampliação das fontes tradicionais. A defesa de uma viragem nos estudos históricos em educação não se fazia acompanhar por um desdém às análises macropolíticas. Pretendia, ao contrário, a aproximação entre estas e os estudos voltados para o interior das instituições de ensino (FARIA FILHO; GONÇALVES; VIDAL; PAULILO, 2004, p. 144).

Na abordagem que fazem da obra de Jean Claude Forquin, os autores colocam em evidência as distinções que ele estabelece entre Escola e Cultura e como esse pesquisador vai, no decorrer de sua obra, afastando-se da concepção de uma Cultura Escolar como uma cultura de segunda, construindo a compreensão da Escola como *locus* produtor e criador de formas peculiares de fazer o mundo e estar nele (FARIA FILHO; GONÇALVES; VIDAL; PAULILO, 2004, p. 147).

António Viñao Frago também é requerido no artigo em análise pelos autores, que colocam em destaque a importância que ele concede à questão do tempo e do espaço escolar como dimensões efetivas no campo da educação para a definição de práticas culturais. Tais dimensões:

[...] ao contrário, constituíam corporeidades dos sujeitos escolares, impondo por sua materialidade uma determinada aprendizagem sensorial e motora, bem como disseminavam símbolos estéticos, culturais e ideológicos (FARIA FILHO; GONÇALVES; VIDAL; PAULILO, p. 148).

No artigo em questão, são apresentadas as contribuições de cada um desses autores quanto à categoria Cultura Escolar, bem como uma cartografia das investigações brasileiras que tomam tal categoria como referência. Os autores concluem que:

A noção de Cultura Escolar tem significado, sem dúvida, um

refinamento metodológico e analítico de nossas pesquisas e tem possibilitado o fortalecimento do diálogo, por um lado, com a Historiografia e, por outro, com as demais áreas e ciências da educação (FARIA FILHO; GONÇALVES; VIDAL; PAULILO, 2004, p. 153).

Eles também destacam a preocupação de estudos sobre a Escola, a partir do viés cultural, recaírem em pormenores sem uma devida base no campo histórico que dê sustentação a tais investigações. Os autores reconhecem a necessidade de adentrar em pesquisas que abordem as questões escolares articuladas a outras instituições e lugares e advogam sobre a peculiaridade das pesquisas em relação ao estudo das práticas sem cair no campo do estudo das prescrições de práticas, o que acaba ocorrendo, visto que são escassos os registros de práticas do cotidiano escolar nos arquivos. Por fim, alertam que: “virou lugar-comum na História da Educação brasileira, sobretudo nos textos publicados em congressos, a explicitação de que se trabalha com história cultural, com práticas e representações” (FARIA FILHO; GONÇALVES; VIDAL; PAULILO, 2004, p. 153).

No que tange à apropriação das contribuições dos autores para nossa pesquisa, podemos concluir, a partir do estudo apresentado no artigo “A Cultura Escolar como objeto historiográfico”, que à importância da prática, indicada por Julia, somam-se as inter-relações advindas de diferentes campos culturais, nos quais a Escola é um campo, postulado de Forquin. Acrescenta-se a isso a questão do tempo e do espaço como dimensões formadoras da Cultura Escolar, postulado por Viñao Frago. O afastamento do lugar comum quanto à utilização das premissas da História Cultural e da Cultura Escolar se concretiza com a construção de análises ancoradas em fontes criteriosamente selecionadas e na escolha de caminhos investigativos trilhados a partir de claras delimitações teóricas. Acima de tudo, na construção de perguntas que coloquem em destaque as ações dos envolvidos na efetivação da Escola cotidiana. No caso específico de nossa pesquisa, que tem como questão central responder ao que a Escola registra por meio da fotografia, a dimensão temporal impera quanto à compreensão de que esses registros, considerando a necessidade de um equipamento caro para o período estudado, podem desvelar ações não cotidianas, o que também aponta para um interessante campo de análise.

Por meio das fotografias com as quais trabalhamos no Centro de Documentação do MEL, é possível identificar as modificações no âmbito do que compreendemos por Cultura Escolar: existe o registro do primeiro Concurso de

Normalista - que foi substituído pelo Magistério e/ou graduação em Pedagogia - há registro de diversas escolas rurais nos anos de 1950/1960 e é possível identificar a ampliação nos anos de 1970/1980 das inaugurações de unidades escolares na zona urbana. Assim, as narrativas trazidas pelas fotografias são múltiplas e a categoria da Cultura Escolar, ou Culturas Escolares, possibilita este olhar para a fonte a partir do enfoque crítico das relações e tensões que se desenvolvem na Escola.

As fotografias escolares são vestígios, representações de um tempo, de um recorte da realidade. As fotos constituem um rico arsenal de investigação, podendo ser usado também como fonte para a Cultura Escolar. Podemos conhecer as escolas do passado e nos aproximar de seu cotidiano por meio do que foi registrado nos cadernos dos alunos, nos livros didáticos, nas fotografias, nas marcas na arquitetura escolar, dentre outras formas. As fotos marcam um momento, uma parte é recortada para ser registrada. Ainda que toda foto tenha uma intencionalidade, esse registro se torna um documento nas mãos do pesquisador que se coloca em frente à fonte interrogando-a, o que possibilita conhecer aspectos da Cultura Escolar.

3.2 AS INTER-RELAÇÕES ENTRE A CULTURA ESCOLAR E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

A Cultura Escolar começa a ser discutida no Brasil nos anos de 1973/1975, numa busca por referenciais teóricos que ajudassem a entender as compreensões sobre o universo da Escola. No ano de 2000, Rosa Fátima de Souza escreve um artigo intitulado “Um itinerário de pesquisa sobre a Cultura Escolar”. Nele, a autora relata que o processo de construção da Cultura Escolar como categoria de análise dentro da História Cultural caminha em paralelo com a apropriação dos conceitos de representação e apropriação. A autora prossegue dialogando com vários autores para compreender o conceito, dentre eles, Viñao Frago. Do referido pensador, a autora destaca a importância que ele confere ao estudo da Escola a partir da análise de ritos, condutas, modo de vida e modo de pensar.

Souza também se refere a Dominique Julia e se apropria da importância que tal autor confere às práticas que, ainda de acordo com ele, devem ser sempre tratadas considerando o contexto no qual se estruturam. Em tal contexto, devem ser

consideradas as normas, os agentes, o que é obrigatório e os dispositivos pedagógicos que são acionados a depender do que se espera como resposta para uma determinada ação. Souza complementa argumentando que o estudo da Cultura Escolar não deve se limitar apenas à documentação estrutural de base pedagógica, pois a Escola passa pelo viés político, tem suas festividades e uma dinâmica de vivência que, nessa pesquisa, pretendemos abordar por meios dos registros fotográficos.

Rosa Fátima de Souza (2000) coloca que o uso das imagens tem sido ampliado no estudo da História da Educação. O desafio se consolida em usar a imagem como fonte e um testemunho do passado para conseguir ampliar as análises das escolas como instituições escolares e o movimento da Educação, isso tudo por meio deste material.

São duas as dificuldades para o uso dessas fontes iconográficas para o estudo histórico da Cultura Escolar; por um lado, o levantamento e a localização das fotografias; por outro lado, a interpretação das imagens (SOUSA, 2000, p. 18-19).

Durante o processo de construção da pesquisa, esses dois problemas foram identificados: por um lado, o material localizado ainda na casa do IBC não continha qualquer registro ou inferência de como e porque foi realocado para aquele espaço. O levantamento de imagens foi feito apenas a partir da caixa encontrada. Como a pesquisa transcorreu com a organização do arquivo, novas fotografias foram utilizadas pela equipe do MEL, mas não foram inseridas para fechar a pesquisa em número de análises e tipologias a serem estudadas.

A organização das fotografias tomou grande parte do tempo da pesquisa, pois, no primeiro contato com a caixa, vários estímulos e encaminhamentos de pesquisa surgem, sendo que então a caixa durante um tempo foi trabalhada como um todo. Após o período de reflexão e delineamentos de pesquisa, por opção, respeitou-se e decidiu-se trabalhar com as organizações das coleções fechadas.

No caso de arquivos já organizados, a autora destaca que as imagens escolares, no que se refere às representações das escolas paulistas, podem ser encontradas em acervos, como o do Museu Paulista e do Centro de Memória na UNICAMP, junto a outros arquivos constituídos ao longo do tempo (SOUZA, 2000). O tipo de representação encontrado é característico do século XX, sendo o mais

popular a fotografia de classe com os alunos e alunas dispostos de forma organizada, geralmente pela estatura dos estudantes e com a professora ao lado ou atrás deles que, muitas vezes, como coloca a autora, tinha uma finalidade comercial, sendo um “objeto-mercadoria para a recordação” (SOUSA, 2020, p. 19). A reflexão deste tipo de fotografia poderia ser feita no âmbito de se pensar como a fotografia neste momento ainda não era difundida em larga escala, então as imagens funcionavam como um artefato de memória individual e coletiva para ser comercializado.

As fotografias escolares ainda hoje funcionam como esses artefatos, as analogias que podem ser realizadas é a que tal comercialização ainda é realizada dentro das escolas, pois as fotografias que registram as turmas no final do ano ou de festas em datas específicas, em sua maioria das vezes, contam com fotógrafos especializados que vendem essas memórias aos estudantes.

Rosa Fátima de Souza (2000) afirma que podemos compreender a fotografia a serviço da memória e um objeto cultural, seja parte presente da memória da instituição ou pessoal daquele aluno, para o qual aquele registro fica presente em seu álbum de família. Sobre as fotografias que ficam resguardadas em arquivos escolares, a autora registra:

Em relação às instituições educativas, as fotografias fazem parte dos arquivos escolares. Em geral, são conservados pelo artifício da boa vontade de alguns ou pela casualidade, contendo nenhuma referência temporal, espacial, e dos figurantes, além de manterem silêncio em relação aos motivos que levaram à sua produção. Embora elas sejam consideradas patrimônio da escola, depende da memória de ex-alunos, de professores, funcionários e diretores para potencializar sua significação (SOUZA, 2000, p. 19).

A pesquisa apresentada no estudo da caixa de fotografias também não nos possibilita saber quem foi o organizador inicial ou os reais motivos pelos quais as fotos foram clicadas, impressas e legendadas. Sobre os locais e pessoas, conseguimos parte das inferências graças às legendas e reconhecendo os locais e as pessoas representadas. O valor das fotografias da caixa é de patrimônio das escolas, assim como da História da Educação de Londrina. O resgate das memórias em que se espera potencializar as significações das ações das fotografias não será feito nesta pesquisa, mas o campo é aberto para pesquisas futuras, as possibilidades com o acervo fotográfico do MEL não se esgotam nessas linhas.

Nos acervos municipais, grande parte das fotografias é fruto de doações, sendo que parte destas fotografias contém poucos dados com identificação. Segundo Souza, podemos considerar as fotografias escolares como monumentos, sendo vestígios da História, “democratizando a memória coletiva” (p. 20). Contudo, quando se usa a fotografia como fonte, começa o trabalho do historiador em transformar essa fotografia em documento, precisando fazer uma interpretação e a identificação dos símbolos na imagem.

Rosa Fátima de Souza (2000) escreve que, com base nas pesquisas em fotografias escolares desenvolvidas, parece existir uma padronização do tipo de fotografia sobre as ações escolares, sendo muito comum encontrar registros de atos comemorativos das escolas, sobre os primeiros professores das instituições, fotografias do prédio que abriga a escola, registros de festas, cerimônias, solenidades, exposições e de outras atividades escolares. Parte do que Souza (2000) afirma pode ser diretamente relacionada com as fotografias encontradas no acervo do MEL, pois muito do que se encontra registrado nas imagens refere-se às ações já descritas pela autora.

Assim, de acordo com Souza, perguntas devem ser feitas, como: “Qual a contribuição da fotografia como fonte de pesquisa para o estudo da Cultura Escolar?” (p.20) Entendendo o cotidiano imaginário construído na fotografia, as fotografias observadas no acervo do MEL, são, em sua maioria, posadas, por isto partimos da ideia da construção de uma realidade que queria ser perpassada. O historiador, dessa forma, precisa recorrer à “alfabetização do olhar”, precisa submeter as imagens a uma crítica, para, assim, empreender em um processo de compreensão delas. Dessa maneira, é necessário fazer uma crítica em que se analise os contextos humanos e as relações sociais internas e externas nas quais a imagem se insere. Nas fotografias de classe, segundo Souza (2000), é possível observar a teatralização no universo escolar, em que cada classe é representada por um professor e uma organização, muitas vezes, esse professor é uma mulher, mostrando o universo feminino presente no Magistério. As fotografias de fachadas querem remeter à urbanização e modernização das construções dos edifícios. A autora mostra que a formação de um acervo com diferentes tipos de representações de escolas públicas e particulares é fundamental para estimular as pesquisas no campo da História da Educação.

Rosa Fátima de Souza (2000), ao trazer o pensamento de Le Goff, emprega a

foto como um vestígio do passado, como “instrumento de democratização da memória coletiva” (SOUZA, 2000, p. 20). A autora elabora uma tese que distingue os conceitos de imagem e de ilustração, pois uma imagem sem indagação é compreendida como uma ilustração.

Ana Mauad avança nos estudos da imagem, seja como ilustração ou como fonte, pois, segundo a autora, a imagem como ilustração também oferece amplo campo de abordagem. Ao aproximarmos a discussão à fotografia, uma tipologia de imagem, muitas questões surgem, como a técnica da imagem fotografada, o próprio ato de fotografar e a mensagem que está contida nas imagens. Para responder tais questões, é preciso assumir uma proposta, segundo Mauad (1996, p. 10), transdisciplinar. A autora questiona a posição e o papel da fotografia na História e define que a fotografia é uma mensagem que se elaborou no tempo como testemunha direta ou indireta do passado. Inicialmente, quando a fotografia surge como um objeto associado à técnica, à tecnologia e à oportunidade, ela era considerada realidade extrema. No entanto, no âmbito interpretativo da História Cultural, a fotografia ganhou seu espaço. Nesse sentido, Mauad (1996) argumenta a respeito da independência da imagem frente às fontes escritas e, com isso, os historiadores viram a necessidade de problematizar a imagem como fonte. Ampliam-se os estudos dos temas sobre a vida privada, o cotidiano, as relações sociais, entre outros, verificando então a necessidade do diálogo com outras ciências como a Sociologia e a Antropologia, tornando o historiador um detetive para “decodificar sistemas de signos e decifrar vestígios” (MAUAD, 1996, p. 6).

Os documentos escolares nos fornecem indícios das relações entre secretarias da educação e escolas, gestão e professores, professores e alunos, bem como entre escolas e comunidades. Desta forma, a pesquisa busca trazer as ações registradas que as escolas elegeram para registrar, mostrando a importância deste registro tanto para o momento do fato, do ato fotográfico, como para agora, no estudo destas fotografias, carregando as múltiplas possibilidades que estas imagens trazem para estudos da área da História da Educação e Cultura Escolar. Considerando que as escolas estão inseridas em contextos maiores, como as cidades, o acesso e a pesquisa sobre esses documentos podem revelar outras facetas da escola, da cidade e de todos os que por esses espaços transitam.

Dessa forma, a fotografia, interpretada como resultado do trabalho social a partir da compreensão dos códigos convencionais culturalmente estabelecidos na

época, traz mensagens eleitas para permanecerem no tempo. Tais mensagens trazem funções “sígnicas” diferentes de acordo com o contexto que a imagem está sendo trabalhada e vinculada (MAUAD, 1996, p. 11).

No trato com as fotografias que nos deparamos no decorrer da pesquisa, exercitamos a alfabetização do olhar ao questioná-las sobre a realidade que representavam. No tópico seguinte, discutiremos sobre a construção e a importância dos arquivos para a pesquisa no campo da História da Educação, tendo em vista que, no início da pesquisa, as fotografias se encontravam depositadas em uma casa no IBC, conforme já explicitado anteriormente, e o acervo está se construindo junto à dissertação.

3.3 DOCUMENTOS ESCOLARES EM SITUAÇÃO DE ARQUIVO: A PRESERVAÇÃO COMO CONDIÇÃO BÁSICA PARA A PESQUISA SOBRE AS HISTÓRIAS DAS ESCOLAS

Considerando a importância dos arquivos para a pesquisa no campo da Cultura Escolar, avançamos nos estudos com o intuito de compreender a importância da montagem e manutenção de arquivos com documentos escolares. Para isso, contaremos com os estudos de Iomar Barbosa Zaia (2005), Elizabeth Madureira Siqueira (2005), Wagner Rodrigues Valente (2005), Nailda Marinho da Costa Bonato (2005) e Maria João Mogarro (2005), disponíveis no dossiê “Arquivos escolares: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação”, organizado por Diana Gonçalves Vidal e publicado pela Revista Brasileira da História da Educação em 2005. Nos artigos, os autores trazem experiências de construção de arquivos, lidam com as questões de armazenamento e outras dinâmicas. Tais experiências são importantes para essa pesquisa, pois fornecem elementos para avançarmos quanto à organização e preservação dos documentos do acervo do MEL.

Os arquivos escolares, ainda que constituídos a partir de diferentes histórias, apresentam um objetivo: guardar o passado e assegurar que a documentação em estado de arquivo seja preservada e utilizada em pesquisas com as mais variadas temáticas. Zaia (2005, p. 156), nos anos de 1997 e 1998, a partir de uma pesquisa de Doutorado, organizou, em parceria com outros envolvidos, um projeto que recebeu financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), envolvendo nove escolas. As escolas que foram escolhidas e parte dos professores e alunos convidados a participar pensaram sobre o que guardar, onde

guardar e as formas de guardar os documentos escolares. O projeto foi encerrado no ano de 2001 e, antes mesmo do encerramento, a autora se envolveu em um segundo projeto, intitulado “Preservando a memória do ensino público paulista: a organização do Centro de Memória da Escola de Aplicação (1959-1999)”, sob orientação da Prof.^a Dra. Diana Gonçalves Vidal (ZAIA, 2005, p. 157). Este último projeto ocorreu ao longo de quatro anos (2000-2003). Um terceiro projeto, denominado “Lugares de memória: parceria entre o CEFAM de Santo André e o CME-FEUSP”, aconteceu entre agosto de 2003 e julho de 2004 (ZAIA, 2005, p.157). A autora, a partir do trabalho desenvolvido, argumenta que as pessoas que vivenciaram as experiências nos arquivos escolares dos projetos formulam ideias que:

[...] por um lado, servem como base para ampliação dos objetos da investigação e, portanto, corroboram com a ampliação dos usos do objeto dentro do acervo escolar, transformando tudo em documento significativo para a pesquisa em História da Educação, independentemente do seu formato, tipo e suporte; por outro, de não menor importância, essas idéias instigaram-nos a pensar sobre o desenvolvimento de procedimentos avaliativos da massa documental encontrada nas escolas, pois se não se pode guardar tudo, é possível, desde que estabelecidos critérios de conservação e eliminação, manter de forma mais adequada e acessível à pesquisa aqueles documentos esquecidos nos “cantos” da instituição (ZAIA, 2005, p. 161).

Zaia (2005) mostra a importância de destinar um espaço para o acervo escolar e enfatiza a necessidade de uma sala de consulta e de um espaço destinado à pesquisa com os alunos, estagiários e para realização das atividades pedagógicas. Complementa destacando a importância de uma sala para higienização e de um adequado acondicionamento para a melhor conservação do acervo. O que se identifica é que os três projetos viabilizaram a criação de centros de memórias dentro das escolas, que são usados para fins pedagógicos, tanto com crianças pequenas quanto com alunos mais velhos. São espaços de aprendizagem para toda a comunidade e também de pertencimento.

A pesquisa de Siqueira divulgada no dossiê apresenta o caso do Estado de Mato Grosso que, segundo a autora, foi considerado por muito tempo um Estado atrasado no campo da Educação. Nesta perspectiva de reescrever a História da Educação no Estado, o Grupo “Educação e Memória” (GEM) começou a atuar, valendo-se dos aportes metodológicos da Cultura Escolar.

A produção historiográfica mato-grossense no que concerne à História da Educação pode ser dividida em dois momentos pontuais: o primeiro datado da primeira metade do século XX, esteve a cargo de intelectuais de formação variada, que se dispuseram a traçar, pela vez primeira, a trajetória educacional mato-grossense; o segundo surgiu pós- 1995, quando se constituiu, no interior da Pós-Graduação em educação da UFMT, um grupo de pesquisa que, apoiado na produção historiográfica anterior, procedeu a avanços substantivos não só no que concerne à ampliação das fontes e teorias, mas, também, na formulação de inovadores questionamentos à empiria (SIQUEIRA, 2005, p. 126).

Desde 1996, o GEM trabalha na construção de um banco de dados no campo da História da Educação. O grupo inicialmente privilegiou a documentação manuscrita e impressa, catalogando e esclarecendo dados quanto à localização. Todas as informações estão disponibilizadas na Internet e o acervo vem contribuindo para amparar pesquisas da Pós-Graduação em Educação. A separação dos documentos nos catálogos foi feita por temáticas e também foi salva em vários CD-ROM. O grupo identificou a necessidade de ampliar e cuidar do acervo dos documentos orais, pois muitas matérias se perderam aos longos dos anos, tendo apenas o registro das memórias de professores e alunos. Assim: “A investida atual do GEM está centrada na constituição de um banco de vozes de antigos professores, ex-alunos e servidores dos estabelecimentos escolares de Mato Grosso utilizando o aporte da história oral” (SIQUEIRA, 2005, p. 145).

Valente (2005) contribui no Dossiê, discorrendo que, em sua análise, os documentos mais recentes dos arquivos escolares estão mais organizados que os mais antigos, pois muitas vezes não há lugar para guardá-los. Assim, os documentos mais antigos acabam sendo realocados. Segundo o autor, as escolas, obrigatoriamente, devem manter organizadas as pastas dos alunos por ordem alfabética e, dentro de cada pasta, geralmente, encontram-se exames, provas e outros documentos que constituem a vida escolar de cada aluno (VALENTE, 2005, p. 180). Todos esses documentos permitem estudos sobre o trabalho pedagógico e o cotidiano escolar, tratando, por exemplo, do tipo de avaliação dominante num determinado contexto e do estudo de como eram as notas e observações de desempenho em diferentes décadas.

O autor confere destaque para o exame de admissão, que era realizado como linha divisória entre o Ensino Primário e Secundário e que por muito tempo marcou um rito de passagem para os alunos (VALENTE, 2005, p. 180). Os documentos

sobre os exames de admissão, de 1931-1969, estão num conjunto de três CD-ROM, que abrigam em torno de três mil provas digitalizadas que se realizaram em escolas da cidade de São Paulo. É possível observar que um grande volume documental requer um espaço pequeno quando se utiliza da tecnologia para armazenamento do acervo. Por outro lado: “a disponibilização de bases de dados em CD-ROM, ou pela internet, coloca em tela questões para a prática da pesquisa histórica, que lança mão de documentação digitalizada” (VALENTE, 2005, p. 187). É fato, porém, que a preservação do patrimônio documental esbarra em problemas como a deterioração do tempo. Nesse sentido, iniciativas como a elaboração de bibliotecas e acervos virtuais possibilitam estudos para futuras pesquisas, somadas ao fato de que a consulta a um arquivo virtual é mais fácil de ser efetivada (VALENTE, 2005, p. 187).

Outra questão que demanda atenção, de acordo com Valente (2005 p.188), quanto aos documentos digitalizados, é sobre a plataforma na qual ficam armazenadas. Um dos problemas é que os sistemas operacionais são substituídos por versões mais modernas e os arquivos podem se perder. Assim, Valente conclui que os documentos digitalizados são mais frágeis que os de papel, que podem durar séculos a depender das condições de guarda.

Infelizmente, a organização e disponibilização de bases digitalizadas de documentos não tem status de produção acadêmica, isto é, não confere grau de Mestrado, por exemplo. Esse é um elemento que, também, não estimula procedimentos como o de organização dos dados para uso de outrem. Assim, as fontes descartadas depois do uso, com o dispêndio de grande quantidade de horas de trabalho para terem sido encontradas e organizadas, são perdidas ou deixadas à própria sorte, no lugar onde foram encontradas originalmente (VALENTE, 2005, p.190).

Os arquivos, muitas vezes, não contêm condições básicas para a preservação documental, contudo, é fundamental colocar em discussão a importância desses arquivos para manter e preservar as fontes da História da Educação Brasileira. Apesar dos problemas indicados por Valente (2005), o autor ainda aponta aos grupos interessados que a construção de bases de dados virtuais é um caminho que deve ser trilhado para a preservação dos documentos escolares (VALENTE, 2005, p. 190).

De acordo com o conceito trazido por Bonato (2005), “arquivo escolar” diz respeito a conjuntos de documentos produzidos e recebidos pelas escolas, públicas

e particulares. Bonato (2005) aponta que:

O acervo arquivístico de uma escola é formado, essencialmente, em decorrência de atividades administrativas e de suas práticas pedagógicas formais e informais. As primeiras produzem documentos de secretaria, porém é no cotidiano da sala de aula, lócus principal das atividades pedagógicas, onde são “produzidos” materiais diretamente relacionados ao processo ensino-aprendizagem (BONATO, 2005, p. 200).

A Escola produz uma ampla gama de material e, na organização dos arquivos escolares, é preciso pensar como se organizará um acervo composto por documentos diversos. A autora aborda sobre a importância de envolver vários atores no processo de seleção dos documentos para compor os arquivos. Para ela, se o estudante, o professor e outras referências da comunidade escolar perceberem a importância dessa documentação para a memória da Escola, provavelmente ajudarão na sua preservação e compreenderão a importância da gestão documental e da implantação do “arquivo permanente” dentro das condições existentes. Bonato (2005), a partir de sua trajetória dentro das pesquisas em História da Educação, ressalta que muitas pesquisas já avaliadas se referem à dificuldade de encontrar arquivos ou relatam sobre a desorganização do acervo. Todavia, destaca que, mesmo com essas dificuldades, os pesquisadores relatam sobre a sensação de gratificação quando encontram as fontes necessárias.

As escolas possuem dois tipos de arquivos: os “ativos” e os “inativos”, denominações que, segundo Bonato (2005, p. 207) desconhecem a importância científica destes arquivos, pois não há documento inativo. A autora, ancorando suas análises na pesquisa realizada por Ribeiro (1992), prossegue relatando que dois terços dos espaços onde se guardam documentos escolares são inadequados, tendo problemas de iluminação, ventilação e umidade. A maior parte dos documentos encontra-se guardada em caixas de papelão, pastas ou sem qualquer proteção (BONATO, 2005, p. 209). É fato que não há incentivo do poder público para a constituição dos arquivos escolares e tampouco pessoas especializadas em organização (BONATO, 2005, p. 209).

Para Mogarro (2005, p. 77), os arquivos escolares são repositórios de fontes de informações que se relacionam com unidades escolares. E essas fontes em estado de acervo possibilitam a socialização de conhecimentos e potencializam futuras investigações em Educação.

Para a autora, as escolas em seu interior se estabelecem como um espaço de estruturas complexas e são lugares de transmissão e produção de culturas. Os espaços escolares são universos específicos e, ao longo do tempo, produzem documentos e testemunhos que possibilitam estudar e aprender como funciona esta estrutura (MOGARRO, 2005, p. 79).

Mogarro expõe um quadro de investigações possíveis e destaca os documentos que podem ser encontrados nos acervos e suas possíveis investigações.

O arquivo, constituindo o núcleo duro da informação sobre a escola, corresponde a um conjunto homogêneo e ocupa um lugar central e de referência no universo das fontes de informação que podem ser utilizadas para reconstruir o itinerário da instituição escolar. O cruzamento que se estabelece entre os dados obtidos, através da análise dos documentos de um arquivo escolar, permite realizar correlações estreitas entre as diversas informações (também obtidas em fundos documentais externos à escola), revelando um elevado índice de coerência e lógica internas do fundo arquivístico e o papel central dos seus documentos para a compreensão da organização e funcionamento da instituição que os produziu. Mas essas inteligibilidades só são estabelecidas pelos processos de investigação (MOGARRO, 2005, p.77-78).

Os arquivos escolares estão em situação de silêncio, esperando que o investigador os interroge com seus problemas. As novas vertentes de pesquisa historiográficas com a amplificação teórico-metodológica, já tratada em seções anteriores, trouxeram novos olhares aos documentos. As escolas são estruturas complexas, sendo que cada escola tem suas especificidades na construção de sua história. Por meio das pesquisas nos arquivos escolares, é possível escrever parte da vida de uma determinada instituição.

Mogarro (2005) coloca que os arquivos escolares ganharam visibilidade em Portugal, onde a preocupação de preservação e a valorização dos patrimônios históricos educativos são consensuais (pela política pública e pelas escolas). Um levantamento feito por António Nóvoa, no ano de 1996, mostrou que grande parte do acervo se encontrava em condições razoáveis:

Os documentos de arquivo (manuscritos e dactilografados, no caso dos mais recentes) reflectem a vida da instituição que os produziu. No entanto, as informações fornecidas por esses documentos têm, necessariamente, de ser cruzadas com os dados que se encontram em fontes de outra natureza, apresentando-se em suportes variados

e sob formas diversificadas. Muitas dessas fontes de informação encontram-se no exterior da escola a que respeitam (e, conseqüentemente, do seu arquivo), sendo parte integrante de um universo que hoje é múltiplo e complexo. Esse universo engloba as fontes de informação mais tradicionais e consagradas, assim como aquelas que conquistaram recentemente o seu lugar nesse contexto; integra fontes produzidas no interior das instituições, mas outras que lhes são exteriores; muitos dos seus documentos estão marcados pela materialidade dos seus suportes, outros pela oralidade com que os actores educativos expressaram os seus discursos (MOGARRO, 2005, p. 81-82).

Finalizamos essa seção que buscou discutir a Cultura Escolar como aporte teórico no auxílio interpretativo para a compreensão da escola. Por meio dos autores que dialogam sobre o tema da Cultura Escolar, realizamos uma contextualização sobre o tema, para, assim, avançar na relação do conceito de Cultura Escolar e o campo da História da Educação. Discutimos acerca da importância dos acervos e dos documentos para preservação e realização de pesquisas sobre a história das escolas.

Os autores e a reflexão ajudaram-nos a compreender que documentação armazenada só se torna fonte quando questionada, os documentos precisam ser organizados e armazenados para que investigações possam ser feitas. A Cultura Escolar possibilitou uma multiplicidade de fontes para se constituir as relações presentes na escola: a arquitetura, currículo, manuais de inspetores, cadernos de alunos, entre outros. A presente pesquisa se consolidou na fonte fotografia, em que Souza (2000) faz uma reflexão de sua utilização na Cultura Escolar. Contudo, buscaremos na próxima seção trazer mais sobre nossa investigação por meio das ações escolares.

4. AS AÇÕES REGISTRADAS NAS FOTOGRAFIAS: POSSIBILIDADES E

ANÁLISES

Existem seleções de tipologia que são feitas e definidas durante a pesquisa e, segundo Kossoy (2007), no momento em que as fotos passam do acervo para a pesquisa, já se tem uma seleção partindo da intencionalidade do pesquisador. Todavia, existem duas seleções que o pesquisador poderá executar: a primeira será elencando fotos que estejam de acordo com o objetivo da pesquisa, fazendo o questionamento dessas imagens, que podem ser de épocas diferentes e retratando grupos diferentes; a segunda será a partir do conjunto definido do acervo, isto é, selecionando o agrupamento realizado pelo organizador.

As fotografias trabalhadas expõem várias ações de práticas escolares, tanto da Prefeitura Municipal de Londrina quanto de várias escolas municipais da cidade. Segundo Barthes (1984), a fotografia é inclassificável, contudo, é devido ao trabalho do historiador que, a cada novo olhar sobre as fotografias, promove separações e as organiza por temáticas, que estudos aprofundados podem ser realizados a partir de diversas referências teóricas.

A partir das análises e reflexões teóricas e de investigações nas fotografias, as conclusões feitas é que se elegeu representações para registrar, um imaginário foi construído. As escolas, em um determinado momento, escolheram o que seria registrado, na organização decidiam como seria colocado. Em uma das imagens que se apresentará mais adiante (Figura 12: Presidente da escola e responsáveis pela limpeza) temos alguns meninos (alunos) em uma ação e registra-se na legenda que são “funcionários da limpeza”. Não podemos aferir tal fato, mas o que nos importa é concluir que essa ação era entendida como importante e, portanto, eleita para ser registrada por meio da fotografia.

Kossoy (2007), analisando as imagens que constroem a fotografia, ressalta que a fonte fotográfica é uma prova tangível de que aquele fato existiu. Nesse sentido, mesmo existindo a necessidade dos questionamentos e perguntas, um registro fotográfico já possibilita uma resposta: a de que o evento aconteceu. Kossoy (2007) trabalha então o conceito de primeira e de segunda realidade: a primeira realidade é a história particular do objeto de registro; a segunda realidade é sobre as datas, o tempo e tudo que compreende o momento que a fotografia foi registrada. A primeira realidade é fruto do fotógrafo e depende da percepção e da interpretação do pesquisador, podendo representar ou não um objeto histórico, pois este também

traz os filtros culturais. A segunda realidade é o contexto.

As interferências que ocorrem na foto, segundo Burke (2004), começam pelo próprio fotógrafo. Primeiro, no posicionamento e na seleção do que seria fotografado. A segunda ocorre em seus fins, toda fotografia contém uma finalidade que deve ser contextualizada. Imagens contribuem para a reconstrução das culturas materiais passadas, mostrando parte do cotidiano das pessoas. Por meio das imagens, a reconstrução de paisagens de cidades, os interiores de casa, as roupas da época e tradições escolares podem ser analisados.

Burke (2004) mostra a evolução das imagens e como foram usadas em estudos em relação às crianças e mulheres em diferentes sociedades. O autor mostrou como historiadores sociais usaram as fotografias para documentar a infância e a história das mulheres, visto que a escrita da história privilegiava os homens. As imagens têm diferentes tipos de significado, podendo ser sagradas, políticas ou publicitárias. Burke (2004) mostra que a imagem tem um enfoque: “Eu os chamo de enfoques e não de métodos pelo fato de que eles representam não tanto procedimentos novos de pesquisa quanto novos interesses e novas perspectivas” (2004, p. 214).

Nos dias atuais, tem-se uma conscientização com relação à preservação do patrimônio histórico. Os acervos estão sendo reconhecidos e valorizados como espaços para manter esses documentos, pois são locais seguros, que fornecem condições adequadas para que pesquisas sejam realizadas. Cada vez mais, ações que possibilitam a manutenção de museus e de seus acervos têm sido organizadas na defesa da proteção e uso desses espaços (TEIXEIRA; GHIZONI 2012).

Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou máquinas] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar (BLOCH, 2001, p. 54).

Le Goff (1990) analisa um trabalho feito com fotografias de Pierre Bourdieu, mostrando o uso da imagem fotográfica como recordação social e expando a necessidade de conservação desta memória social. Le Goff (1990) diz que não há nada que estabeleça mais confiança do que um álbum de família, em que o individual se extrai, dando lugar a uma narrativa em conjunto. As coleções trazidas buscam isso, não o que aconteceu individualmente em cada foto, com cada sujeito,

mas, sim, escrever sobre um conjunto de pessoas e ações que formam uma escola. A fotografia muda a compreensão da História, segundo o autor Jacques Le Goff (1990): “(...) a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (p. 447).

Boris Kossoy (2001) disserta sobre a fotografia como um importante documento para análise. A fotografia pode não ter uma mensagem preestabelecida de intencionalidade direta produzida pelo fotógrafo, mas sempre se coloca como registro da cultura daquele determinado tempo. Kossoy (2007) afirma que a fotografia é um patrimônio, permitindo descobertas e questionamentos que não aparecem nos textos escritos.

Sendo assim, a remoção, limpeza e cuidado com este material é de extrema importância para compreender a História.

A informação registrada visualmente configura-se num sério obstáculo tanto para o pesquisador (...). O problema reside justamente na sua resistência em aceitar, analisar e interpretar a informação quando esta não é transmitida segundo um sistema codificado de signos em conformidade com os cânones tradicionais da comunicação escrita (KOSSOY, 2001, p. 30).

O Centro de documentação do MEL, que está se constituindo enquanto um importante centro de pesquisa e, como sua construção está em andamento, a dificuldade de realizar a pesquisa em meio a esse processo foi lidar com a dinâmica do arquivamento de vários documentos, dentre os quais encontram-se as fotografias.

Nesta seção, expomos os resultados da análise das fotografias realizada com o objetivo de responder à questão central da investigação: “Quais são as tipologias de ações fotografadas e quais as possibilidades para o estudo da Cultura Escolar?” As imagens foram exploradas seguindo um roteiro de perguntas elaboradas pela pesquisadora a partir dos conhecimentos advindos dos estudos sobre fotografia, Cultura Escolar e arquivos, apresentados nas seções anteriores (Apêndice).

Conhecemos duas formas de trabalho com imagens, mais propriamente relacionadas ao processo de catalogação das mesmas, sendo que ambas estão em

uso experimental no MEL. A primeira trata-se de uma tabela de classificação⁵, composta por vinte e uma colunas para entrada dos dados, a saber: Código Digital, Título, Data(s) da produção do documento, Mini resumo, Nível de descrição, Dimensão, Suporte, Gênero, Produtor/Acumulador, Entidade custodiada, Conteúdo, Classificação, Condições de acesso, Condições de reprodução, Características físicas e requisitos técnicos, Nomes relacionados, Identificador da instituição, História Arquivística, Data(s) da descrição, Nota do arquivista e Código de referência. O uso dessa tabela proporciona uma leitura horizontalizada dos dados da imagem, o que nos leva a conhecer em detalhes cada uma delas. E, a partir de uma leitura verticalizada, pode-se comparar diferentes imagens, o que favorece a composição de conjuntos a partir de temas, datas, características físicas e outros.

A segunda forma de trabalho com as imagens recorre a um formato mais descritivo, possibilitando conferir destaque para as especificidades de cada imagem. Tal formato define a coleta de dados sobre a imagem de forma mais descritiva e proporciona um maior detalhamento sobre o conteúdo da fotografia. No entanto, essa forma de trabalho não favorece a composição de grupos, pois isola a imagem.

Na construção do instrumento a ser utilizado para classificar as imagens nesta pesquisa⁶, optamos por uma junção dos dois modelos e criamos uma tabela para cada coleção analisada, que contém dados sobre todas as fotografias da coleção. Tal material foi a base para a construção dos resultados que apresentamos nesta seção.

Esta seção se divide em duas subseções que correspondem aos estudos realizados. A primeira, intitulada “As coleções: o que se elege para ser registrado por meio da fotografia?” expõe os resultados das análises realizadas no conjunto de fotografias que compõem cada coleção. Na segunda, que recebeu o nome de “Legendas: indícios e análises”, estreita-se o estudo para as legendas identificadas nas coleções. O objetivo, a partir dos dois estudos aqui apresentados, é identificar quais são as ações registradas nas fotografias e quais as possibilidades que anunciam para o estudo da Cultura Escolar.

⁵ Tabela elaborada pela equipe do MEL, adequações foram realizadas na tabela.

⁶ Como já abordado, o centro de documentação do MEL está em construção. Portanto, a catalogação das imagens está em processo de elaboração e, após o término, será disponibilizada para consulta pública.

4.1 AS COLEÇÕES: O QUE SE ELEGE PARA SER REGISTRADO POR MEIO DA FOTOGRAFIA?

Na seção introdutória deste texto, informamos que nossa pesquisa foi realizada a partir de uma caixa com 1.123 fotografias, que atualmente pertence ao Centro de Documentação do MEL. Destas, 737 imagens encontravam-se agrupadas em 12 coleções. É importante informar que a nomenclatura “coleções” foi formulada pela pesquisadora durante o processo de construção da investigação. As coleções foram agrupadas pela identificação de um padrão que se repetia na forma de organização, e, assim, foram analisadas as formas de se guardar as imagens em pastas, tipo de material usado, tipologias, cores, álbuns e aspectos. Esses indícios forneceram elementos plausíveis para apontar a existência de coleções e assumir esses agrupamentos fotográficos na pesquisa. Assim, o corpo documental desta pesquisa se limitou às 737 fotografias distribuídas nas 12 coleções. Dentre as 12 coleções, 11 apresentavam um título exposto ou presente na capa do álbum e somente em uma coleção não constava nenhuma titulação, como já mencionado anteriormente. Essa coleção recebeu o nome de “Álbum 0”, pois já havia uma coleção nomeada por “Álbum 1”. Nossa intenção é propor que as demais coleções localizadas no MEL sejam assim catalogadas: por nome, quando existente, e, quando não, por Álbum X, mantendo uma sequência numérica.

Para facilitar a apresentação das coleções, repetimos aqui o quadro com os dados das mesmas, constante também na Introdução deste texto.

Tabela 1: Dados das coleções

Coleções	Quantidade de fotos	Com legendas
Coleção 1 - Álbum 0	16	16
Coleção 2 - Álbum 1	75	8
Coleção 3 - Carlos de Almeida	73	0
Coleção 4 - Inaugurações Zona Rural	136	132
Coleção 5 - Diversos	51	51
Coleção 6 - Álbum 5	19	19
Coleção 7 - Reformas escolares	17	17

Coleção 8 - Álbum 4	15	15
Coleção 9 - Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Cultura	42	42
Coleção 10 - Prefeitos Fernandes Sobrinho e Milton Menezes	178	71
Coleção 11 - Promoções da S.E.C	47	47
Coleção 12 - Pessoal da SEC ⁷	68	67
TOTAL	737	485

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Fonte: Elaborada pela autora.

4.1.1 COLEÇÃO 1: ÁLBUM 0

O Álbum 0 pode ser uma das coleções mais completas do Centro de Documentação do MEL no que se refere a um registro de ações cotidianas não vinculadas a eventos comemorativos. Encontra-se sem capa, mas, graças ao cuidado da organização, as fotografias estão em excelente estado de conservação. Antes de cada página de papel-cartão na cor cinza-escuro, que já apresenta o amarelado do tempo em suas bordas, há uma folha de papel de seda, sendo que as fotos não foram coladas no papel, mas presas em cantoneira de papel. Algumas fotografias estão desgastadas e corroídas em suas bordas, o que enfatiza a necessidade da preservação.

O número total de páginas desta coleção é 7, nas quais se distribuem 16 fotografias, sendo que há 2 e 3 fotografias em cada folha. As imagens representam a vista geral das classes que compreendemos, por inferência, ser de uma escola da zona rural. São registros de situações de aula: alunos e alunas sentados em carteiras com a professora desenvolvendo uma ação. Como todas as fotografias estão acompanhadas de legendas, podemos concluir que se trata de aulas de Aritmética, de leitura, de centro de interesses, de uma atividade denominada “floricultores”, do time de futebol da escola, “Os Magos da Bola”, atividades com uma aluna vestida de enfermeira, dentre outras.

As análises que podem ser feitas a partir das imagens começam a partir das semelhanças e diferenças do espaço que compreendemos como escola. As crianças

⁷ A 12ª coleção não será trabalhada nessa pesquisa devido a questão de limitação de acesso provocada pelo fechamento do Centro de Documentação decorrente da pandemia.

vestem branco: as meninas, em algumas ocasiões, usam um vestido branco; em outras, um avental ou guarda-pó branco e os meninos usam o mesmo estilo de jaleco branco em formato de camisa. Uma observação que pode ser feita é que todas as crianças estão bem-arrumadas, com as roupas extremamente limpas e alinhadas. As professoras também vestem esse jaleco, que possui mangas compridas e comprimento abaixo do joelho. As carteiras são de madeira e, pelas informações contidas no álbum, podemos concluir que, nessa escola, funcionavam turmas separadas entre meninos e meninas e turmas mistas, pois quando havia meninos e meninas nas fotos, a legenda trazia o termo “mistas”.

Todas as fotografias contêm legendas, porém nenhuma faz inferência em relação à data. Podemos supor pelo estilo das roupas, do álbum e do mobiliário que se trata de imagens da década de 1950 ou de 1960⁸. Infere-se que houve uma preparação para a sessão de fotos, pois está tudo muito organizado e todas as crianças trajam uniformes perfeitos. Apenas uma menina se encontra de chinelo, as demais estão calçadas com sapatos.

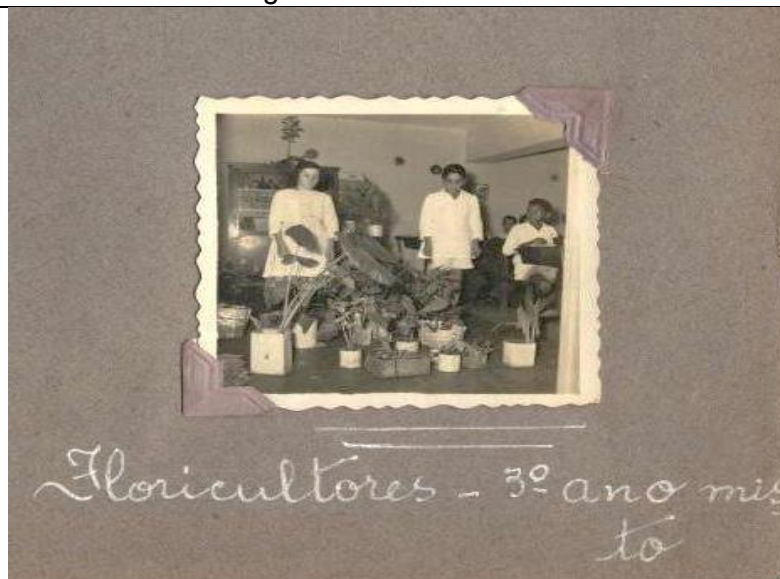
A coleção mostra a realidade de uma única escola, pois nela estão retratados os mesmos professores, ambientes e alunos, mostrando ser um registro daquele lugar específico. A escola funcionava em dois períodos e na coleção havia registro do período matutino e vespertino. Grande parte das fotografias buscou retratar o cotidiano da escola, pois não havia nenhum evento. Nesse sentido, as poses foram clicadas para mostrar as ações cotidianas deste ambiente.

Uma especificidade que pode ser registrada é o grande número de plantas nas salas de aula, estando todas em vasos e sendo de variedades diferentes. As crianças na fotografia “Floricultores” (Figura 8) são registradas cuidando das plantas que estão nas salas de aula. No acervo fotográfico com o qual trabalhamos, encontramos diversos registros de atividades com plantas, como o cuidado com hortas e jardins, o que nos leva a supor a importância significativa de tais atividades no cotidiano das escolas. Precisa-se avançar em investigações posteriores para se verificar se tais registros são mais constantes nas escolas rurais ou se também são presentes nas escolas urbanas. O que podemos concluir até o momento é que várias fotografias registram atividades escolares realizadas fora do âmbito da sala de

⁸A data se confirmou. No final do mês de setembro de 2021, foi localizada em uma pasta o restante do álbum no qual consta anotada a data: 1950 1960. As imagens encontradas são a continuação da coleção em que se entraram novas fotografias, datas e informações.

aula e, como estamos tratando de um período no qual o acesso ao registro fotográfico não era tão facilitado a todos, podemos inferir acerca da importância conferida a tais atividades.

Figura 8: Floricultores.



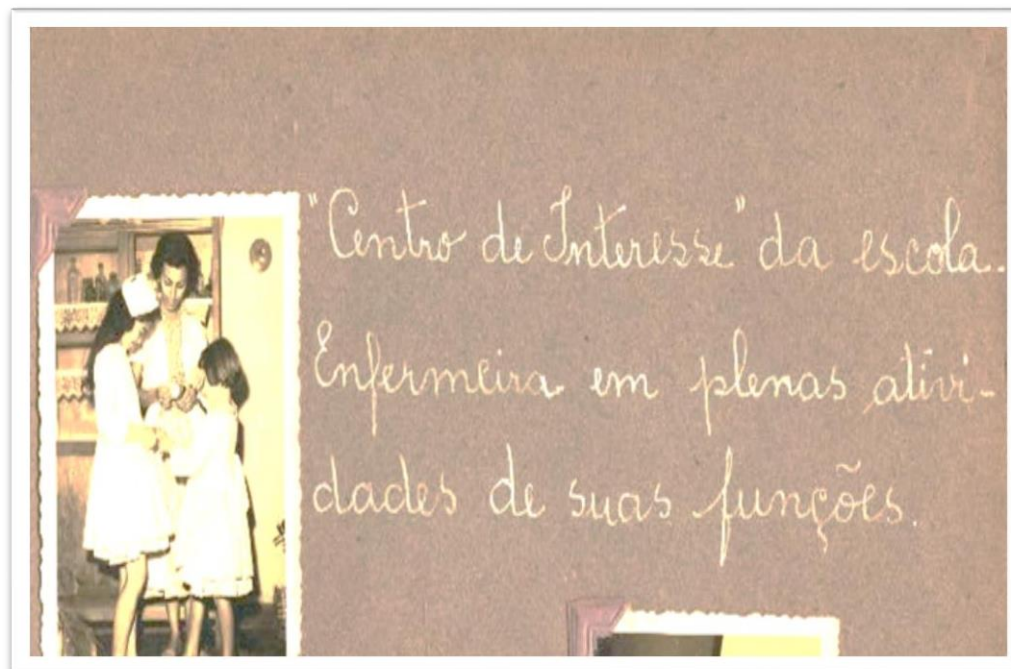
Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 01, p. 5.

O registro fotográfico cuja legenda traz “centro de interesses” (Figura 9) é importante, pois nos remete aos pressupostos pedagógicos da Escola Nova, principalmente a Ovide Decroly (1871 – 1932), defensor da metodologia baseada nos centros de interesse. Decroly:

[...] elaborou a idéia de “centros de interesse” que seriam uma espécie de idéias-força em torno das quais convergem as necessidades fisiológicas, psicológicas e sociais do aluno. Para Decroly, existiriam 6 centros de interesse que poderiam substituir os planos de estudo construídos com base em disciplinas: a) a criança e a família; b) a criança e a escola; c) a criança e o mundo animal; d) a criança e o mundo vegetal; e) a criança e o mundo geográfico; f) a criança e o universo. Foram as pesquisas em psicologia infantil de Decroly que levaram o educador à criação de um novo sistema de ensino primário, cuja finalidade seria preparar a criança para a vida. Dessa forma, concebeu a escola ideal, que deveria se situar num ambiente que tornasse possível à criança observar, diariamente, os fenômenos da natureza e as manifestações de todos os seres vivos (MENEZES, 2001, s/p).

No Brasil, essa metodologia foi aplicada nas escolas no contexto das renovações advindas com o movimento da Escola Nova na década de 1930.

Figura 9: Centro de interesses.



Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 01, p. 7.

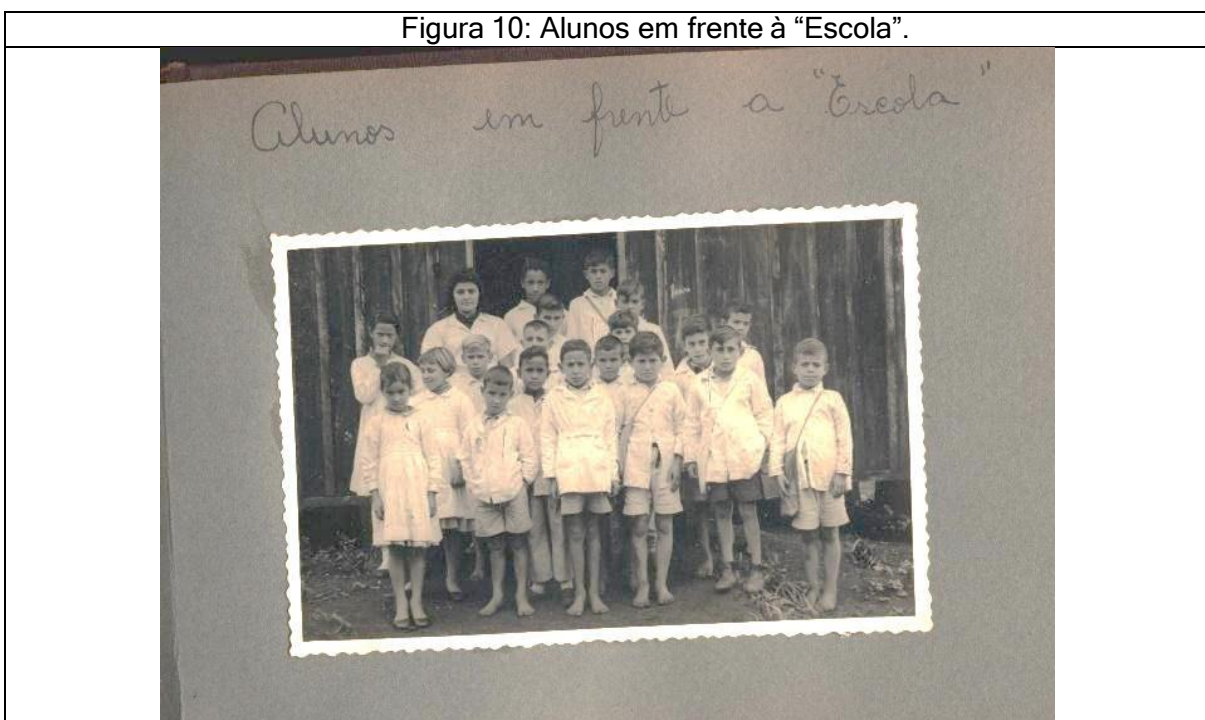
4.1.2 COLEÇÃO 2: ÁLBUM 1

A Coleção 2, intitulada "Álbum 1" (nomenclatura escrita em etiqueta colada na capa do álbum), contém 38 páginas e 75 imagens. Há páginas com uma única imagem, outras com dois, três e até quatro registros. Destas imagens, 9 contêm legendas. Infere-se que os anos de registros das imagens sejam na década de 1950, pois na legenda de duas fotografias consta registro do ano: uma em 1959 e outra em 1955. As fotos foram distribuídas de uma a quatro fotos por folha, sendo todas em preto e branco. O álbum se assemelha aos álbuns tradicionais que as famílias guardavam em casa, porém, nesse caso, era utilizado para guardar os registros das escolas. A ação do tempo se fez presente nesta coleção, pois as folhas estão se desprendendo e a primeira foto sofreu prejuízos em sua imagem, visto que está bem deteriorada. Algumas folhas estão separadas por papel de seda, o que ajudou a preservar muitas fotografias, mas em outras o papel de seda não existe mais. As fotografias foram coladas nas páginas que compõem esse álbum, o que impede de visualizá-las em seu verso, que podem ou não conter informações.

As fotografias dessa coleção registram escolas em momentos e situações específicas, com destaque para a quantidade de registros realizados em eventos considerados importantes. Na época, o Prefeito de Londrina era Antônio Fernandes Sobrinho (1955-1959), sendo uma personagem em grande parte das fotografias, principalmente em ocasiões comemorativas, como a entrega de certificados aos alunos. Os estudantes, em tais cerimônias, estão bem vestidos: meninos de terno e gravata e meninas de vestidos rodados, mostrando uma preocupação com o evento que está transcorrendo.

As principais atividades registradas na coleção “Álbum 1” foram dos alunos em frente à escola com a professora e as cerimônias de certificação com entrega de papéis que inferimos ser diplomas. Concluimos, a partir das análises feitas, que as fotografias não foram realizadas em uma sequência, mas de forma pontual, pois localizamos poucas repetições de pessoas ou cenários. A fotografia em frente à escola, reunindo os alunos com a professora (Figura 10), sugere-nos ser um registro importante e para o qual todos se prepararam. A Figura 10, conforme aponta Rosa (2000), trata-se de imagem clássica que se registrava em ambiente escolar, uma fotografia montada com os alunos e o professor. Na foto, os alunos estão com roupas brancas, meninas de vestido e meninos de camisa. Algumas crianças estão com sapatos, outras estão descalças.

Figura 10: Alunos em frente à “Escola”.

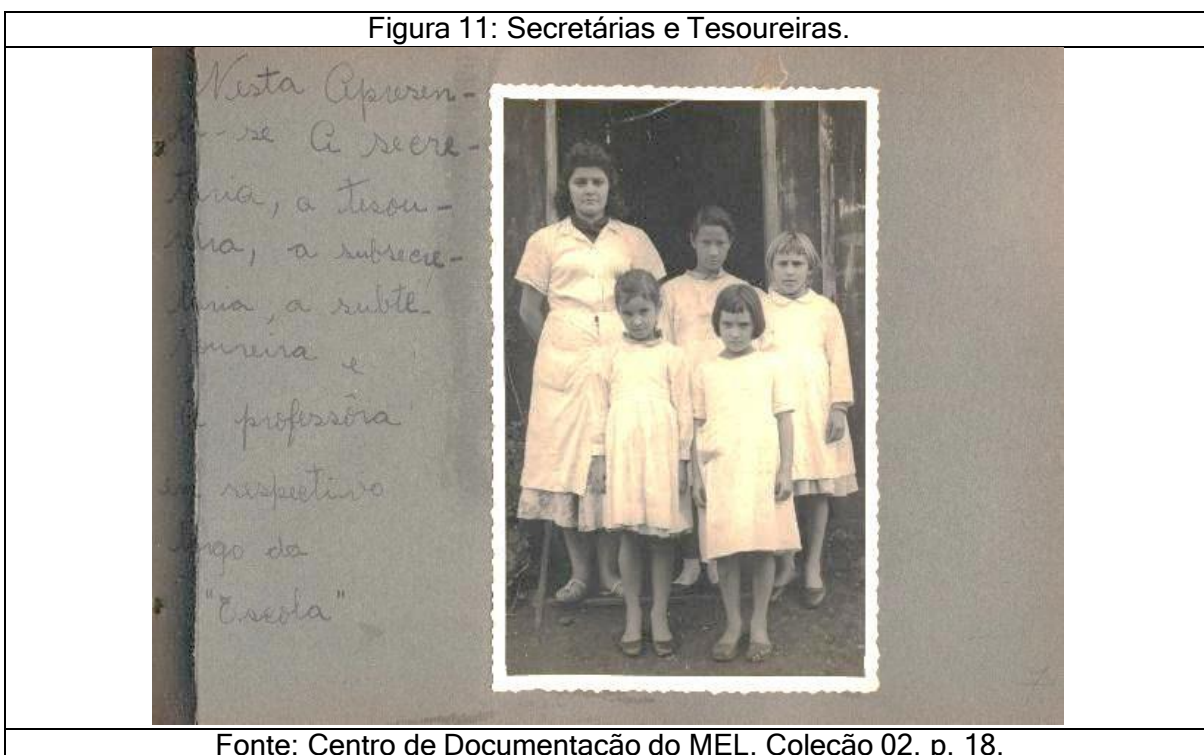


Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 02, p. 7.

Nesta coleção, nas fotografias da escola em questão, meninos e meninas aparecem, na maioria das vezes, separados e os registros enfatizam o sexo dos alunos como “alunos masculinos”. Uma das peculiaridades é o registro das atividades religiosas. Atualmente, essa dinâmica tem se alterado com questionamentos sobre a importância da diversidade religiosa de nosso país ser ensinada nas escolas. Há registros de eventos cívicos como o Dia da Bandeira, desfiles e vários registros feitos em frente à escola, o que nos leva a elaborar a ideia de que o lugar, a escola em sua materialidade, era entendido como importante, respeitado e digno de registro.

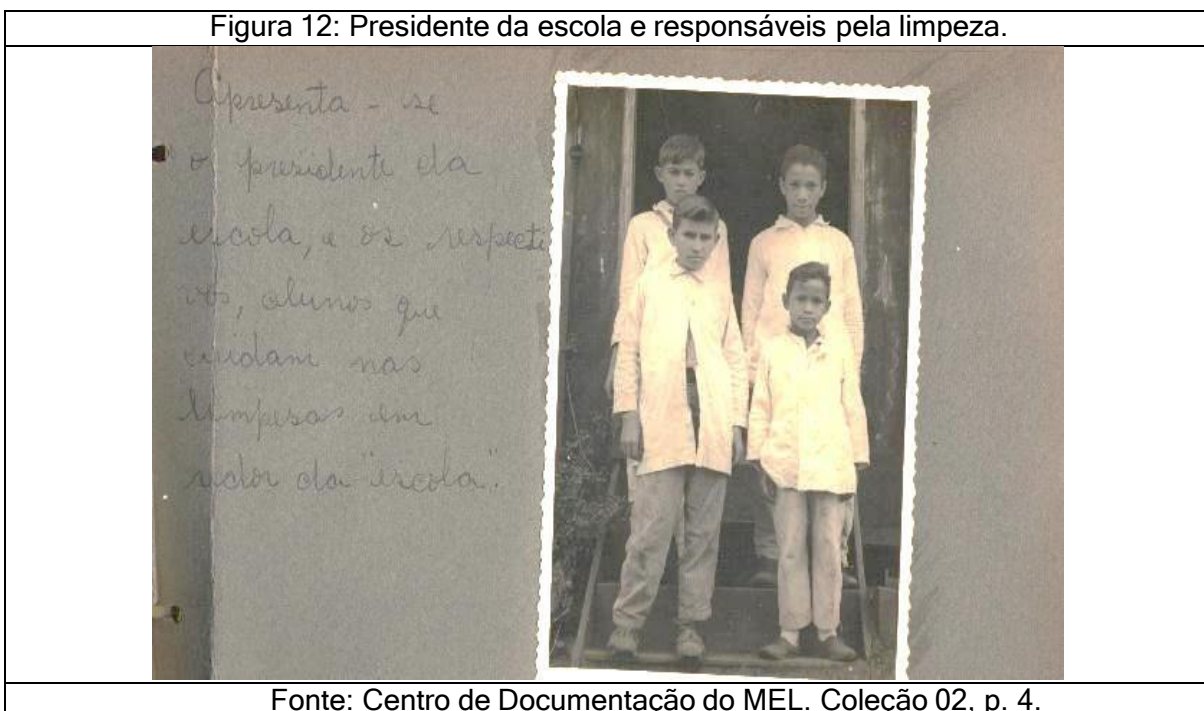
A especificidade que observamos a partir dos registros fotográficos desta coletânea está relacionada à gestão. Podemos definir que a imagem quer passar para nós, espectadores, que os alunos participam ativamente da gestão escolar, pois uma foto (Figura 11) registra a secretária, a subsecretária, a tesoureira e a subtesoureira junto com a professora. E uma outra fotografia (Figura 12) traz o registro do aluno que seria o presidente da escola junto com os alunos responsáveis pela limpeza.

Figura 11: Secretárias e Tesoureiras.



Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 02, p. 18.

Figura 12: Presidente da escola e responsáveis pela limpeza.



Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 02, p. 4.

4.1.3 COLEÇÃO 3: CARLOS DE ALMEIDA

A Coleção 3 se refere à escola “Carlos de Almeida” e está separada em dois álbuns com capa dura, espiralados e com folhas autoadesivas cobertas por um plástico grosso transparente, que manteve as fotografias preservadas. Contém 73 fotografias e nenhuma das fotos possui legenda. Dessa forma, todas as descrições e análises foram realizadas a partir das investigações das mensagens transmitidas pelas imagens. Trata-se do grupo fotográfico mais novo de todas as coleções com as quais estamos trabalhando na pesquisa, com fotografias coloridas datadas de 1985, 1986 e 1987. O registro da data consta nas laterais da fotografia, o que nos remete à data de impressão, mas não à data de tomada da imagem. No entanto, ao considerar o conjunto de dados analisados da coleção, entendemos que tais datas podem também ser estendidas para o momento do registro.

As principais atividades registradas são os eventos vivenciados na escola, como festas juninas, passeios escolares e apresentações de alunos. Tem-se o registro fotográfico completo de uma festa junina realizada na escola com imagens, principalmente, das danças realizadas. Outras comemorações com apresentações também foram registradas, como a de ginástica rítmica. No final de um dos álbuns

foram incluídas 8 imagens em preto e branco da inauguração da Escola “Carlos de Almeida”. Nesses registros, visualizamos pessoas da comunidade que estão à espera da inauguração da escola. Na placa, podemos identificar o ano de inauguração, 1984, estando presente o então Prefeito de Londrina, Wilson Moreira (Figura 13). Assim, observamos que os registros mostram a escola em seus primeiros anos de funcionamento.

Figura 13: Cerimônia de inauguração da Escola “Carlos de Almeida”.



Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 03, Album 1, p. 21.

A especificidade que identificamos foi que se trata de uma escola que pode ser compreendida como um ambiente no qual havia a preocupação de registrar os momentos do seu cotidiano entendidos como especiais. No segundo álbum da coleção, há registros de passeios nas ruas e atividades realizadas no pátio. Por meio dos registros clicados na Escola “Carlos de Almeida” ainda podemos perceber parte do cotidiano escolar e concluir que as escolas conferem destaque para algumas ações como as festas juninas, formaturas e saídas para atividades externas, dentre outras (Figura 14).

Figura 14: S/L - Crianças no ônibus da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Londrina.



Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 03, Album 1, p. 2.

4.1.4 COLEÇÃO 4: INAUGURAÇÕES NA ZONA RURAL

A coletânea 4 contém 136 fotografias, sendo 132 fotografias com legendas. O álbum se organiza em uma pasta catálogo de capa preta. Dentro dela, estão sacos plásticos com as fotografias coladas em folhas sulfite e com a legenda abaixo da imagem. As legendas foram escritas em máquina de datilografia e algumas contêm pequenos erros de ortografia que se tentou corrigir datilografando a letra certa por cima da errada. O álbum é intitulado pelo organizador de “Inauguração na Zona Rural” e as imagens retratam as escolas no ambiente rural, trazendo, inclusive, uma escola indígena.

Percebe-se que foi uma coletânea bem organizada, pois houve o cuidado de descrever com legendas bem completas a situação de cada imagem. Os registros, em grande parte, são de escolas que estão sendo inauguradas. Pelos dados encontrados, podemos delimitar a periodicidade como sendo dos anos compreendidos entre 1969 e 1975 (Figura 15).

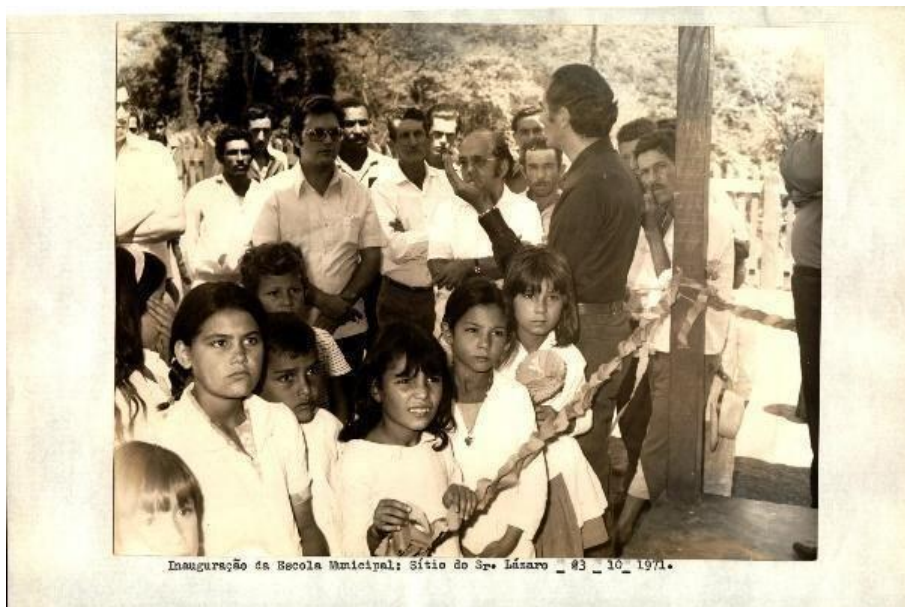
Figura 15: S/L - Pessoas em frente à Escola Municipal “Joaquim Bernardes Martins”.



As escolas inauguradas eram de construções pré-fabricadas e, nos seus registros, muitas se assemelham em sua arquitetura. As fotos também enfatizam as reformas e ampliações que eram feitas nas escolas, assim como as construções novas. Por meio dessas representações, as escolas registram suas festividades e é possível observar que a coleção não pertence a uma única escola, pois são registros reunidos de várias escolas municipais. Tal fato nos leva a inferir que se trata de um álbum organizado na SMED.

A Escola pode ser percebida como uma instituição que estava em fase de ampliação na cidade de Londrina nos anos de 1970, pois há diversos registros de inaugurações. Observa-se, nas imagens, as pessoas da comunidade com seus filhos, o que sugere que estavam ansiosos por esses novos espaços. Os rostos das crianças são registrados em vários momentos olhando para a estrutura escolar. As autoridades políticas são representadas diversas vezes nessas fotografias, denotando a clara intenção de quem fotografou em registrar essas pessoas nesses momentos. As fotografias, em tais situações, foram realizadas com interesses bem delimitados, como a marcação do evento para o leitor/observador entender a ação que estava registrada.

Figura 16: Inauguração de escola municipal: Sítio do Sr. Lázaro.



Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 04, p. 89.

4.1.5 COLEÇÃO 5: DIVERSOS

A Coleção 5, intitulada “Diversos”, apresenta as mesmas características da Coleção 4. Trata-se de um álbum montado em uma pasta organizadora, seguindo o padrão das fotografias coladas em folhas sulfite com legenda abaixo. A coleção conta com 51 fotos e 51 legendas, distribuídas em 57 folhas. Algumas folhas trazem subtítulos que apresentam as imagens em seguida. A coleção registra atividades que datam das décadas de 1960 e 1970, mas registramos que nem todas as fotografias contêm referência sobre a data. Em alguns momentos, seguindo a lógica das folhas de apresentação, algumas fotos parecem estar no local errado, então não sabemos se, em algum momento, foram trocadas ou se foram inseridas outras fotografias posteriormente à montagem. No momento em que a digitalização foi realizada, tomou-se o cuidado de respeitar a organização encontrada.

Nesta coleção, são retratadas as posses das primeiras supervisoras das escolas, sendo um acontecimento que ocorreu no gabinete do Prefeito a reunião com as diretoras e o que se registra como sendo a primeira reunião delas com o Secretário de Educação. Os registros mostram também visitas feitas nas escolas municipais e os primeiros Concursos para professores normalistas. Em uma sequência de fotografias, foram registradas aulas de Corte, Costura e Culinária, que

eram ofertadas pelas normalistas na Escola Municipal do Jardim do Sol. O álbum apresenta imagens dos cursos de treinamento e especialização oferecidos pela prefeitura aos professores. Em uma legenda, confere-se destaque para uma aula de Matemática em um desses cursos.

Uma fotografia que chama a atenção nessa coleção é o registro de uma professora „adoentada“. Ela está deitada em uma cama e, ao que parece, algumas gestoras levam flores para a professora. Na legenda, explicita-se que o motivo da mulher estar naquela situação é que ela teve um parto. Outra foto que destacamos são as aulas de educação sanitária que foram oferecidas na Escola “Machado de Assis”.

Figura 17: Professora adoentada (parto) durante o Curso de Treinamento.



Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 05, p. 46.

As escolas podem ser entendidas a partir das fotografias como um espaço que estava se consolidando em padrões, com os primeiros Concursos, posse das primeiras diretoras e supervisoras e cursos de treinamento, o que mostra uma intenção do município em alinhar os interesses e construir a base desta estrutura. Os vários Concursos realizados mostram também o aumento da demanda de professores, que segue a proporção da grande quantidade de registros de escolas sendo inauguradas em outras coleções.

4.1.6 COLEÇÃO 6: ÁLBUM 5

A Coleção 6 foi composta por um álbum que tem uma etiqueta na frente, intitulada “Álbum 5”. Apenas três pastas contêm essa marcação com os números 1, 4 e 5, o que nos leva a pressupor que existam as pastas contendo os Álbuns 2 e 3 que esperamos serem localizadas no processo de construção do arquivo. A Coleção 6 está disposta numa pasta organizadora de capa preta, não tendo qualquer título, mas apenas a etiqueta na qual está escrito “Álbum 5”. É composta por 20 fotografias, acompanhadas de 19 legendas, sendo que, em 18 delas constam as datas, o que nos possibilitou delimitar sua periodicidade como sendo da década de 1970.

As ações registradas na Coleção 6, em grande maioria, são de festas do Dia da Criança, tendo 7 registros feitos em três anos diferentes: em 1971, 1972 e 1976. Outro registro encontrado em grande número é o da inauguração da Escola Municipal “Bento Munhoz da Rocha Neto”, em 1976.

O registro fotográfico que chama a atenção é dos cursos de Corte e Costura oferecidos pela Escola Municipal do Jardim do Sol para as mães, tendo em vista que as outras imagens deste grupo estão na Coleção 5 no Álbum “Diversos”. A foto da Figueira do Rebojo do Tibagi, que abre a coleção, também chama bastante a atenção por parecer deslocada (outra foto da figueira é trazida na Coleção 10). Destaca-se também as campanhas de matrículas realizadas nos bairros de Londrina, nas quais foi utilizado um Fusca personalizado para alertar quanto à necessidade de se matricular as crianças na escola.

Figura 18: Campanha de matrículas antecipadas nos bairros de Londrina - dezembro de 1970.



Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 06, p. 2.

Podemos supor que esta coleção foi organizada posteriormente à realização dos eventos retratados na mesma. O que nos leva a essa conclusão é o agrupamento de situações similares, mas realizadas em datas diferentes, fato que sinaliza que quem organizou a coleção aproximou os temas relacionados. A escola que podemos conhecer por meio dos registros dessa coleção pode ser entendida como um espaço de integração com a comunidade, com um calendário escolar pautado nas datas comemorativas, como as festas de Dia das Crianças, que eram realizadas em um espaço denominado de “Colossinho”, o ginásio de esportes do Instituto Filadélfia, demolido no início dos anos de 1980. Conforme mostram os registros, podemos entender que tais eventos demandam ações prévias que imprimam um movimento especial na cidade.

Figura 19: Festa do Dia da Criança realizada na Associação dos Funcionários Municipais em outubro de 1972.



4.1.7 COLEÇÃO 7: REFORMAS ESCOLARES

A Coleção 7 se coloca como um grupo de 17 fotografias, todas com legendas, distribuídas em 19 folhas. O álbum tem capa preta e é uma pasta organizadora com folhas de plástico e fotografias coladas em folhas sulfite acompanhadas das legendas. As ações registradas mostram construções sendo realizadas a partir de convênios com o Estado, como a construção do Grupo Escolar do Jardim do Sol e do Grupo Escolar “Benjamin Constant”.

As imagens registram os materiais que eram comprados para as reformas da escola numa espécie de galpão e uma das fotos registra a escola antes de sua reforma (Figura 20). Há também os registros de ampliações nas construções, como no caso da Escola “Anita Garibaldi”. O Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral Cultural do galpão do Lago Igapó também é registrado nas imagens.

Figura 20: Embarque de material para reforma de escolas.



Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 07, p. 2.

O que chama a atenção nessa coleção é a preocupação em se registrar as obras, os materiais comprados e como estavam sendo realizados os feitos do município. Concluímos que as fotos foram feitas com um determinado fim: a preocupação de registrar as ações feitas nas escolas. A Coleção 7 se mostra bem organizada, sendo uma coleção pequena comparada com as outras encontradas nesse formato de pasta de arquivo.

A coleção não retrata o ambiente cotidiano das escolas, mas retrata as políticas envolvendo a construção e melhoramento das escolas na década de 1970. Os projetos com o governo estadual são retratados e enfatizados, mostrando que o organizador queria dar ênfase para esta ação. Encontram-se também registros dos mutirões pela educação feitos na Escola “Jardim Paraíso”.

4.1.8 COLEÇÃO 8: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA E CULTURA

A Coleção número 8, intitulada pelo organizador como “Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Cultura”, é um álbum com uma característica bem específica. Enquanto grande parte dela é organizada em pastas de capa preta, este álbum é organizado numa pasta de capa azul, porém segue o mesmo padrão das

outras coleções, ou seja, uma pasta organizadora com folhas plásticas junto às fotos coladas em folhas de sulfite com legenda. A coleção traz um número razoável de legendas datadas e inferimos que seja um álbum de registro dos anos 1970. São 42 fotografias distribuídas em 54 folhas, sendo que algumas folhas estão vazias, não contendo nenhum tipo de papel informativo ou fotografias, sendo apenas folhas plásticas soltas.

Compreende-se a partir de informações coletadas do site da Prefeitura de Londrina que, no ano de 1949, a Lei Nº46/49 cria o Departamento de Educação e Assistência Social. No ano de 1969 se cria a Lei Nº1578/69, que institui a Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Cultura, ocorrendo a modificação apenas em 1992 com a Lei Nº 4945/92 que cria a Secretaria de Cultura. A Secretaria de Educação e Cultura passa a denominar-se “Secretaria de Educação”.

As ações registradas começam com a posse do então secretário da SMEC, Daniel Hatti. Outro registro interessante por parte da legenda é o II Concurso do Jogral, em que o organizador inicial indica ser uma ação envolvendo as escolas municipais da zona urbana. É marcante na coleção a característica de separação das escolas entre a zona urbana e zona rural. Encontram-se fotos sobre cursos de treinamento administrativo para as escolas e homenagens aos colaboradores no momento de aposentadoria, tendo também ações de confraternização entre o próprio pessoal da SMEC, no evento por ocasião da Páscoa. A visita de um pintor turco também é registrada em algumas fotografias, evento no qual ele dá uma de suas pinturas como um presente.

Esta coleção tem algo que se destaca que são as fotografias da visita da Família Imperial japonesa a Londrina, trazendo-a em situações cotidianas e destacando o nome da realeza como, por exemplo, na legenda “Sua alteza imperial, a princesa Nori, praticando sua lição de piano, enquanto sua Alteza Imperial, a princesa Herdeira, observa atentamente”. Observa-se que o organizador teve todo um cuidado em colocar o nome de quem estava representado nas fotografias e suas ações. Encontram-se também registros da visita do Secretário de Educação de Kioto, no Japão, ao Colégio Canadá. Segundo o jornal “Tribuna Paraná”, as visitas da Família Real Japonesa ocorreram pela primeira vez em 1958 e depois em 1978⁹.

⁹ Disponível em: <https://tribunapr.uol.com.br/noticias/brasil/visitas-da-familia-imperial-japonesa-ja-se-tornaram-tradicao/>. Acesso em: 14 jul. 2021.

Figura 21: Posse do Secretário de Educação e Cultura, professor Daniel Hatti.

Figura 21: Posse do Secretário de Educação e Cultura, professor Daniel Hatti.



- POSSE DO SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA - PROF. DANIEL HATTI -

- 02/fevereiro/1977 -

Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 08, p. 54.

Figura 22: Visita do Secretário de Educação de Kioto (no Japão) à gráfica do Colégio Canadá.



Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 08, p. 27.

4.1.9 COLEÇÃO 9: PREFEITOS FERNANDES SOBRINHO E MILTON MENEZES

A Coleção de número 9, intitulada pelo organizador como “Prefeitos Fernandes Sobrinho e Milton Menezes”, tem como característica ser um dos maiores álbuns em número de fotografias, num total de 178, sendo que elas estão distribuídas em duas fases: uma da gestão do Prefeito Fernandes Sobrinho (1955-1959) e outra da gestão de Milton Menezes (1951-1955). As gestões são separadas por uma folha de título. A coleção está organizada em um álbum de capa preta, no formato de pasta organizadora com folhas plásticas. Muitas fotografias não contêm legendas, porém as representações de ações são fáceis de serem definidas pelo observador.

O total de fotografias registradas são 178, distribuídas em 68 folhas. Esse álbum contém algumas particularidades, pois algumas das fotografias encontradas no Álbum 1, Coleção 2, também são encontradas nesta coleção, porém as fotos estão um pouco maiores. Parte das fotografias é de um tamanho menor comparado com o restante das fotografias das coleções. As ações que se registaram são aulas ministradas por professores, cursos de férias ofertados para os professores, desfiles,

bem como fotografias das alunas do Colégio “Mãe de Deus” nos anos de 1950, 1951, 1952 e 1954. Estão registrados os momentos de Primeira Comunhão de crianças, por meio dos quais podemos supor que eram todos alunos.

Os desfiles compõem parte desta coleção, por isso pressupomos que as fotografias deste desfile sejam do mesmo dia. Isto porque o piso do desfile é o mesmo e algumas crianças estão representadas em duas ou mais fotos. O que chama atenção nesta coleção é que as meninas dançam Balé (Figura 22), pois o cenário não aparenta ser da escola. A imagem se destaca por ser a única entre todas as coleções a trazer tal ação.

Figura 23: S/L - Meninas dançam Balé.



Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 09, p. 26.

Figura 24: S/L - Evento com mesa posta e discurso.



Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 09, p. 30.

4.1.10 COLEÇÃO 10: PESSOAL DA SEC

A Coleção 10, intitulada “Promoções da SEC”, está contida em uma pasta organizadora preta, separada por folhas de plástico, sendo que em cada folha, nos dois versos, se encontram fotos nas folhas sulfite. São 68 fotografias, 67 com legendas distribuídas em 66 folhas. Conforme descrito no título do álbum, a coleção em si registra ações da Secretaria de Educação e Cultura (SEC). As ações desenvolvidas pela Secretaria de Educação são diversas, indo desde cursos, certificação, exposições, Concursos, cerimônias de posse, bem como passeios e são as representações que a coleção mais carrega.

As ações registradas nessa coleção, conforme é possível averiguar, trazem as fachadas da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e de outros prédios, como o da Biblioteca. Encontra-se um grande número de imagens de uma exposição intitulada “Exposição da SEC na 1ª Fanep”, em que se registra a própria exposição e as pessoas observando essa exposição, sendo que depois, há o registro de uma certificação aos alunos que contribuíram com a pintura.

A coleção também registra outra foto do Fusca utilizado nas campanhas de matrículas antecipadas de 1970 pela Prefeitura Municipal de Londrina. As fotografias mostram a entrega de certificados para alunos, Concurso de professores e passeios na zona rural para o pessoal da SEC. Outras ações escolhidas são algumas posses, como, por exemplo, a posse da professora Hylceia V. Boas como Secretária de

Educação e Cultura (Figura 25). A equipe SEC é registrada na inauguração da Escola “Rui Barbosa”, em Paiquerê, mostrando uma preocupação da Secretaria em participar dos eventos propostos e registrá-los.

As imagens que saem do padrão, tendo em vista a coleção do álbum, são as visitas ao Apucarantina, onde podemos supor que são professores visitando o local. Porém, não se tem qualquer tipo de referência ou ligação com atividades relacionadas à Educação e ao município de Londrina nesta fotografia. A outra fotografia da Figueira já mencionada se encontra nessa coleção, conforme podemos observar na Figura 26.

Figura 25: Posse da professora Hylceia V. Boas de Oliveira, como Secretária de Educação e Cultura.



Posse da Professora Hylceia V.Boas de Oliveira,como Secretária de Educação e Cultura.

Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 10, p. 63.

Figura 26: Figueira do Rebojo Tibagi.



Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 10, p. 65.

4.1.11 COLEÇÃO 11: PROMOÇÕES DA SEC

A Coleção 11, intitulada pelo organizador como “Promoções da SEC”, está organizada numa pasta de capa preta, como folhas plásticas, sendo que as fotografias se encontram dentro de folhas sulfite maiores com legendas. A coleção apresenta 47 imagens distribuídas em 42 folhas, com legendas e algumas separações. No início, já temos uma dessas separações com uma folha onde está escrito “festas promovidas pela SEC”. Na coleção, encontramos a representação sobre a comemoração do Dia do Professor, sendo que posteriormente temos um coquetel oferecido aos Secretários de Educação e um espetáculo ao que parece intitulado “Holiday on ice”, em que 5.000 crianças das escolas municipais puderam assistir, conforme Figura 27.

Figura 27: S/L - Evento com mesa posta e discurso.



Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 09, p. 30.

As festas expostas, além das já mencionadas, trazem também a festa do Dia da Criança. Em parte das legendas, menciona-se o local em que essa festa se realizou, como, por exemplo, na Associação dos Funcionários Municipais. A outra festa do Dia da Criança aconteceu no Colossinho. A comemoração do dia 31 de março também está representada em parte das fotos e da Semana da Pátria. Há duas imagens de homenagem feita ao Prefeito Dalton Paranaguá na ocasião de seu aniversário em 14/07/1971. O registro de um piquenique realizado pela Associação dos Servidores Municipais para comemorar o Dia do Professor também é registrado e organizado nesta coleção. O álbum guarda o registro das certificações dos alunos, o que é uma tendência das outras coleções: trazer as imagens de entrega dos certificados aos alunos da escola municipal. Neste caso, há duas situações: um dos certificados é entregue na Escola “Zacarias de Goes e Vasconcelos”, sendo outra situação a entrega de certificados do patrimônio Guairacá.

As fotografias que se destacaram em meio a essa coleção por não serem relacionadas à SMEC ou às escolas são as intituladas “Enlace matrimonial de um casal indígena, posto indígena Dr. Xavier da Silva em Tamarana”, sendo uma pequena série no final da coleção em que mostra um casamento de dois representantes dos povos originários. Desde o primeiro momento, essas imagens chamam a atenção, talvez pela fisionomia da índia, conforme se observa na Figura

28.

Figura 28: Enlace matrimonial de um casal indígena, posto indígena “Dr. Xavier da Silva”, em Tamarana.



Fonte: Centro de Documentação do MEL. Coleção 11, p. 42.

4.2 LEGENDAS: INDÍCIOS E ANÁLISES

O trabalho com legendas se realizou pela instigação em se perceber que alguns registros de determinados períodos tinham a preocupação de situar a fotografia. Os indícios percebidos foram de que a organização das legendas partia de determinadas administrações municipais. Dessa forma, as fotos com datação foram separadas na dissertação pelo ano de gestão dos Prefeitos de Londrina. O ato de colocar legenda pressupõe que pessoas olhem as fotos, portanto, o organizador desses pequenos textos quer explicar aquela determinada foto, o que estava acontecendo, detalhando o ano e o local para situar o leitor da imagem. Uma parte das fotografias não contém legendas e não sabemos exatamente o motivo disso. Já em relação às fotografias com legendas, podemos concluir que foram elencadas como importantes para receberem a descrição e serem organizadas nos álbuns das coleções, já apresentadas na seção anterior.

As fotografias com legendas, de acordo com Barthes (1990), ficam a cargo do jornal, em que “a foto é o centro, mas de que os contornos são constituídos pelo

texto, título, legenda” (BARTHES, 1990, p.1). A fotografia por si carrega uma autonomia estrutural, sendo que quando se insere a legenda, acaba tendo duas estruturas diferentes e convergentes:

[...] mas como suas unidades são heterogêneas, não podem se misturar; aqui (no texto) a substância da mensagem é constituída por palavras; ali (na fotografia), por linhas, superfícies, tonalidades. Além disso, as duas estruturas da mensagem ocupam espaços reservados, contíguos, mas não "homogeneizados", como, por exemplo, num enigma figurado que funde numa só linha a leitura de palavras e figuras (BARTHES, 1990, p.1).

Na fotografia de imprensa, as representações sempre vêm acompanhadas de legendas, porém, segundo Barthes, a análise deve ser feita separadamente, pois cada estrutura carrega determinadas informações que se complementam no resultado final.

Para Lusvarghi e Zarattini (2012), a legenda fotográfica é um elo entre a fotografia e o texto com uma função de descrição, reforçando a imagem escolhida para ser clicada e guardada.

Nas legendas apresentadas na dissertação das coleções, o que se percebe é a legenda com a função de descrever as ações, colocar o ano, o local, qual era a escola ou quem eram as pessoas e suas funções. A palavra “significação” vem da palavra “signo”. Os signos sociais estão presentes no nosso cotidiano, muitos sendo transmitidos ao longo do tempo. Dessa forma, as legendas trazem signos de marcação, sejam espaciais, temporais ou registros de pessoas. Isto é, podemos concluir de maneira breve que os signos estão em toda a parte na escola, sendo que as significações trazem uma interpretação, um jogo de palavras e nuances. A imagem é fruto do seu tempo, mas que parte dos estigmas sociais que se mantêm.

O paradoxo fotográfico seria então a coexistência de duas mensagens, uma sem código (seria o análogo fotográfico) e outra com código (seria a "arte" ou o tratamento ou a "escritura" ou a "retórica" da fotografia); estruturalmente, o paradoxo não é evidentemente a colusão de uma mensagem denotada e de uma mensagem conotada: provavelmente é esse o *status* fatal de todas as comunicações de massa; é que a mensagem conotada (ou codificada) se desenvolve aqui a partir de uma mensagem *sem código* (BARTHES, 1990, p. 3).

Lusvarghi e Zarattini afirmam que quando a busca é analisar uma fotografia, o pensador anseia por uma reflexão “neutra”, tentando descrever de forma minuciosa os elementos trazidos.

As legendas foram analisadas e separadas conforme o ano de gestão de cada Prefeito do município de Londrina, pois na organização inicial do acervo, parte das fotografias já seguia um padrão de agrupamento de gestões municipais em álbuns próprios. As fotos, em seus indícios, mostram a preocupação em apresentar as realizações de determinados Prefeitos, destacando ações relacionadas à merenda, à chegada de material para a escola, aos cursos de formação de professores, aos Concursos realizados pelos professores e às campanhas de incentivo à Educação.

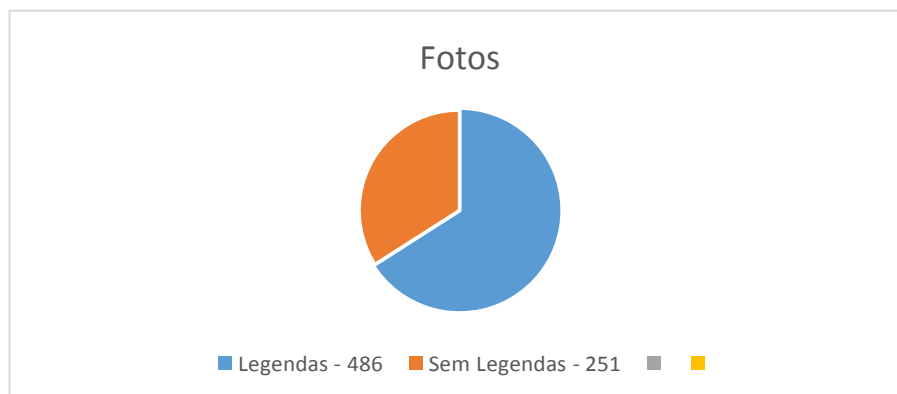
A opção por colocar legenda nas fotos mostra que, segundo Isaac Camargo (2001), a edição remete a pensar sobre a imagem através do que está escrito.

Edição vem do latim, *Edere*, cujo sentido é trazer à luz; mostrar, expor, dar a ler. Nesta linha de raciocínio, editoração é o procedimento através do qual se mostra, se expõe ou se faz ver algo que queremos comunicar, neste caso, editoração pode ser entendida, grosso modo, como enunciação, conseqüentemente, o editor é um enunciador que se complementa por um enunciatário que, em última instância, é o leitor (CAMARGO, 2001, p. 1).

As legendas em fotografias são descrições criadas e usadas com o intuito de dar contexto para a foto. Os álbuns de família podem não ter legendas e, caso alguém visite a casa da avó para olhar um álbum de fotografia, por mais que o neto conheça as pessoas da foto, a narrativa da avó apresenta as histórias, sendo que a avó se torna a primeira legenda. Se este álbum é perdido ou outra pessoa olha aquelas pessoas da foto, não fará mais sentido, pois falta a contextualização das imagens.

Dentre as 737 fotografias, as imagens com legenda e data foram separadas novamente no gráfico a seguir:

Gráfico 1: Representação do percentual de fotografias com e sem legendas.



Fonte: Elaborada pela autora.

O trabalho com as legendas abriu margem para observar relações, como a estabelecida entre os Prefeitos e as obras em seus mandatos. Danton Fonseca Paranaguá, Prefeito de Londrina no período de 1963 a 1969, é o primeiro Prefeito representado diversas vezes nas fotos e os registros de seu mandato são os mais organizados quanto à descrição da legenda. Isso não aconteceu por acaso, pois foi no governo de Paranaguá que o fotógrafo Oswaldo Leite foi contratado como funcionário da Secretaria de Obras (UNFRIED, 2013). Não sabemos se as fotos com as quais trabalhamos são de Oswaldo Leite, mas podemos estabelecer uma relação causal entre a quantidade de fotografias da gestão de Dalton Paranaguá e a decisão do governo de contratar um fotógrafo. O ponto relevante é a importância que a fotografia começa a alcançar com a contratação do primeiro fotógrafo como funcionário da prefeitura da cidade.

Devemos pensar também que tipo de estratégia foi usada ao se escrever a legenda. Camargo (2001) nos auxilia na compreensão sobre a relação entre a foto e a legenda, sendo esta última a reafirmação da primeira. Ainda que o autor escreva considerando uma tipologia de imagem, é possível pensar a mesma relação na criação das legendas para as fotos estudadas. Para o autor:

A estratégia mais comum, quando se utilizam fotografias na editoração é a de fazer valer a especularidade, a iconicidade fotográfica. Neste caso o editor/enunciador baseia-se no simples fato de que se a imagem fotográfica parece-se com aquilo que vemos no mundo natural, assim, é de se esperar que acreditemos nelas como acreditamos nos eventos e fatos que experimentamos no mundo natural com os quais ela se parece. A base desta estratégia está centrada num contrato implícito, estabelecido entre o enunciador e o enunciatário cuja mola propulsora é o elemento veridictório existente entre o mundo natural e a imagem fotográfica que se transforma no valor mantenedor deste contrato (CAMARGO, 2001, p. 3).

SEC	31
Festa	29
Aula	26
Concurso	24

Fonte: Elaborada pela autora.

No mapeamento, as palavras evidenciam que parte do acervo com o qual estamos trabalhando nessa pesquisa pode ser da SMED e não das escolas, como era a nossa hipótese no início da investigação.

As fotografias são mudas, precisam da interpretação dos vestígios e signos, porém, por meio das legendas, as fotografias passam a falar, a contextualizar aquela imagem, não trazendo toda a vastidão e pluralidade que a imagem tem, mas auxiliando o pesquisador.

A seção buscou trazer a análise dos vestígios e ações registradas, compreendendo a funcionalidade da legenda em parte dessas fotografias. A conclusão a que se pode chegar é que a legenda tinha o papel de direcionar o olhar do leitor para a ação, o local e as pessoas representadas. O organizador inicial optou em escrever essas legendas para identificar as fotografias, sendo imagens importantes para a história de Londrina.

A leitura das imagens foi realizada por meio de tipologias que identificam as ações, buscando compreender o que tentavam registrar. A partir dos autores Boris Kossoy (2007) e Roland Barthes (1984), pode-se compreender que as imagens registradas são recortes de uma realidade maior. Compreende-se que as fotografias não foram feitas de forma espontânea, mas que continham um objetivo em seu registro. As fotografias tinham uma finalidade, eram feitas em eventos específicos ou registrando o cotidiano numa teatralização. A próxima seção discutirá as conclusões finais da dissertação, trazendo as reflexões realizadas pela pesquisa e respondendo à questão levantada durante essa caminhada: “Quais são as tipologias de ações fotografadas e quais as possibilidades para o estudo da Cultura Escolar?”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, o objetivo foi analisar um grupo de fotografias pertencentes ao Museu Escolar Londrinense para responder: quais as cenas registradas e as possibilidades que anunciam para o estudo da Cultura Escolar? A delimitação das imagens abordadas no presente estudo se fez de duas maneiras. Primeiramente, dentro do que hoje já sabemos ser um rico acervo fotográfico, optamos por trabalhar com as imagens depositadas em uma caixa de papelão. Justificamos esse recorte porque, no ano de 2019, quando iniciei o Mestrado, era desconhecido para toda a equipe de pesquisadores envolvidos na construção do MEL o conteúdo das caixas de arquivos depositadas na casa depósito do IBC. Por isso, naquele contexto, optamos por trabalhar com essa caixa, cuja importância das imagens quanto aos registros escolares já havia sido anunciada pela pesquisadora Bruna Yamashita (2019). O segundo recorte foi feito no processo de análise das fotografias da caixa ao identificarmos que, dentre as 1.094 fotografias, 737 estavam organizadas em álbuns. Compreendemos tais álbuns como coleções fechadas e optamos por avançar na pesquisa investigando as imagens contidas nas coleções e postergando para pesquisas futuras as investigações com as 357 fotografias soltas encontradas na caixa. Registramos que as fotografias datam do período de 1950 a 1985 e que, no decorrer da investigação, concomitantemente, trabalhamos na organização do arquivo de fotografias do MEL, que ficará disponível para pesquisas futuras.

A História Cultural foi o campo teórico selecionado e, tendo-o como ponto de partida, avançamos quanto ao estudo bibliográfico nos temas da História da Fotografia, da fotografia como fonte e da Cultura Escolar. Cientes de que o saber histórico é construído através do tempo com o auxílio das fontes e que a fotografia como fonte não é uma cópia da realidade e nem está subordinada a uma lógica de verdade incontestável, sendo sempre passível de investigação, buscamos compreender a forma como as imagens com as quais trabalhamos estavam organizadas na caixa, formando as coleções. Nestas coleções, identificamos várias atividades realizadas nas escolas, como ações de gestão, ações políticas, dentre outras. A tentativa de compreender a lógica da organização das fotografias nas coleções, pensada por um ou uma organizadora que não conhecemos, nos possibilitou entender tais agrupamentos como temas significativos para as escolas, pois foram eleitos para serem registrados por meio da imagem e alguns estavam

acompanhados de legenda, o que denota um cuidado ainda maior quanto à preservação da memória.

Organizamos os resultados da pesquisa neste texto em três seções. Após a Introdução, na seção 2 destacamos a importância do saber histórico, vinculando-o à História da Fotografia e avançando quanto ao entendimento da fotografia e suas finalidades como um instrumento rico para a análise da História, principalmente pelo viés da História Cultural. Apresentamos parte da História da Fotografia mostrando sua importância e buscamos estabelecer relações quanto ao acesso e uso no período delimitado da pesquisa.

Na seção três, analisamos a Cultura Escolar, campo do conhecimento que vem contribuindo com os estudos que almejam entender o universo escolar. Buscamos, ainda, aproximar as reflexões sobre a Cultura Escolar com as pesquisas que se voltaram para a análise de fotografias escolares ou para a construção de arquivos com a documentação escolar. Tendo em vista que a presente pesquisa foi desenvolvida em paralelo à construção do MEL, tais estudos foram significativos tanto para embasar os resultados apresentados no quarto capítulo como para o processo de formação da pesquisadora no âmbito da compreensão das particularidades de um arquivo escolar.

Na quarta seção, discorreremos sobre as características e os conteúdos das coleções, respondendo à questão principal desta investigação: “quais as cenas registradas e as possibilidades que anunciam para o estudo da Cultura Escolar?”. Nesta perspectiva, foi importante o estudo e detalhamento aprofundado de cada coleção, tendo por aporte as contribuições de Boris Kossoy (2001; 2007), que balizou nosso olhar quanto à leitura das fotografias, possibilitando, assim, compreender as especificidades das imagens, relacionando-as com os símbolos e signos de suas épocas. Por fim, ainda na quarta seção, analisamos as legendas coletadas e organizadas no Apêndice, que trazem um claro direcionamento para o observador ler a imagem, pois houve o cuidado de se escrever sobre a cena e sobre as pessoas, trazendo datas e locais.

Desse modo, queremos destacar as principais decorrências dessa investigação para além do que já foi apresentado na quarta seção. Registramos que o acervo fotográfico do MEL é um rico arsenal para pesquisas futuras. Nos limites impostos pelo recorte, tempo e condições de desenvolvimento deste estudo, concluímos que no período de 1950 a incidência maior das fotografias são as de

registro do cotidiano. Na década de 1960, começam os registros das novas fachadas e projetos da Secretaria de Educação. Em 1970, ocorre um aumento nos registros de inaugurações de escolas, eventos da prefeitura, bem como de cursos de formação e Concursos, mostrando uma ação política bem diretiva em registrar o quanto a Educação no município de Londrina estava em processo de expansão. Nas imagens de 1980, uma pequena parte destes registros relacionados ainda traz as mudanças nos espaços escolares em Londrina, porém existe uma diminuição de fotografias para fins “políticos”, isto é, concluímos que há uma menor preocupação em registrar os Prefeitos, secretários e as ações deles.

As fotografias são experiências que a escola decidiu registrar de seu cotidiano. Mesmo considerando uma possível teatralização, há a intencionalidade de guarda de tal ação. As imagens, desta forma, podem ser entendidas como práticas de discursos e a escola como sendo um instrumento político pois grande parte dos registros tinha fins políticos. Deste modo, as fotografias trazidas são atos políticos, representações de parte da política de Londrina.

As coleções trazidas possibilitam diversos direcionamentos e possibilidades para a Cultura Escolar pois as onze coleções podem ser exploradas e abordadas para estudos futuros. As fotografias podem ser classificadas e reclassificadas a partir de diversos gêneros, como, por exemplo, professoras e ações formativas, crianças em espaços fora da escola, as relações registradas da SME com as escolas e os gestores municipais nas festas de inauguração e de certificação.

Percebemos a permanência de algumas ações registradas ao longo das décadas, algumas fotografias clássicas do ponto de vista escolar, mostrando uma repetição desta ação como a festa do Dia da Criança, os desfiles cívicos e a fotografia dos alunos e da professora em frente ao colégio. Contudo, dentre as principais permanências em número de registros, destacam-se as que representam ações políticas, como inaugurações de escolas, e as ações relacionadas à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Londrina. Essas narrativas mostram uma necessidade da época em registrar suas ações e em dar ênfase, por meio da legenda, sobre o que foi aquele determinado evento.

A cidade de Londrina passou por uma transformação entre as décadas estudadas, sendo que isto se reflete nas ações de Educação, porque o município estava passando pela mudança de sua centralidade econômica da parte rural para a parte urbana. Dentre as modificações que ocorrem na cidade, a que primeiramente

se destaca é a organização das fotografias nas pastas pretas, sempre com fotos grandes e com grande parte delas legendada, sobre as ações, onde se destaca o aumento das escolas na zona urbana, o que é evidenciado nas imagens com as diversas inaugurações e Concursos.

Na perspectiva conceitual da História da Educação, o que se observou são as mudanças no cenário da Educação de Londrina com a contratação das primeiras diretoras, da primeira bibliotecária, dos primeiros Concursos de normalistas, das primeiras competições voltadas ao incentivo da Educação e dos cursos de formação de professores. Destacamos, assim, aspectos que consideramos relevantes, como, por exemplo, os registros dos Prefeitos, dando ênfase ao Prefeito Danton Paranaguá, que aparece em grande número de fotos, o que leva a perceber que as imagens tinham um fim de registro de ações políticas.

Embora parte das imagens registre ações cotidianas do universo escolar, um grande percentual se preocupa em registrar as ações da prefeitura em torno da escola. A interpretação histórica diz que parte das imagens é uma teatralização de um evento. Percebe-se, então, uma preocupação com certas gestões em mostrar suas ações políticas, dando ênfase às suas melhorias e mudanças na escola. Outro enfoque pode ser percebido quando problematizamos as organizações e para quem essas fotos foram tiradas e catalogadas. Não podemos inferir que fizeram parte de uma exposição ou de alguma ação de campanha, mas podemos concluir que elas não foram tiradas em vão, tendo um objetivo naquele momento e, atualmente, nesta dissertação, adquirem outra proposta. Ao comparar as fotografias ao longo das décadas estudadas, é notória a ênfase nas mudanças e nas ações da Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

Ademais, se ressalta as mudanças que ocorreram na forma de registro da prefeitura municipal de Londrina, principalmente na passagem de décadas de 1950 para 1960 e 1970. A investigação mostra que os primeiros registros, mesmo integrando um grupo de uma teatralização corriqueira, ainda sim são registros mais caseiros, com legendas escritas à mão, sobre escolas em específico e seus alunos no cotidiano. A partir da década de 1970, existe uma mudança pontual na forma de registros da fotografia e organização, como o padrão de legendas e organizações por gestões e eventos relacionados a comemorações ou que fugissem da rotina da escola, como inaugurações, certificações, visitas de pessoas ilustres, entre outros. Após o término da década de 1970, começamos o último período analisado das

fotografias que é de 1980 a 1985, coleção esta que contém as únicas representações coloridas estudadas. Nesta coleção, intitulada “Coleção 3 - Carlos de Almeida”, as imagens foram mostrando cenas importantes - como a inauguração da escola - e cenas cotidianas de uma escola recém-inaugurada, com a equipe pedagógica e as festas internas escolares, como a Festa Junina.

Outro elemento analisado durante a dissertação foram as legendas, que auxiliaram nos encaminhamentos da pesquisa, norteando parte das ações registradas, mostrando que em um determinado momento um organizador ou uma equipe se dedicou a organizar esse acervo fotográfico com parte da História da Educação de Londrina. As possibilidades de análises e ações que as fotografias da caixa possibilitam não se esgotam com essa dissertação. Buscou-se trazer e entender a organização das coleções e a importância da fotografia naquele momento e atualmente. Somente por meio do questionamento, das interrogações e reflexões bibliográficas torna-se possível interpretar e problematizar os registros encontrados para que assim as fotografias deixem de ser mudas e tragam todas suas possibilidades de conhecimento.

Por fim, concluímos que as fotografias analisadas nesta pesquisa possibilitam importantes estudos sobre a Cultura Escolar. As tipologias apresentadas por registros fotográficos têm a intenção de transmitir ações na escola e podemos dividir essas ações em quatro grupos. Um grupo no **retrato do cotidiano escolar**, porém não um cotidiano rotineiro, tendo em vista que o acesso à câmera fotográfica ainda era limitado, o custo da revelação das imagens também era alto e as imagens não podiam ser vistas em um *display*, precisando dos negativos e da revelação. Desta forma, o que se escolhia para ser registrado parte de um preparo, havia uma seleção das ações a serem registradas para compor as coleções. O outro grupo é com relação às fotos voltadas a **registrar ações políticas**, onde a escola pertence e responde à ordem política, sendo, assim, imagens que mostram ações de Prefeitos e de suas gestões com ênfase na escola.

O grupo que compõe fotos do cotidiano escolar é o local em que se encontram as imagens de trabalhos com hortas, as ações de gestão dos alunos dentro das unidades escolares, visitas de campo, aulas de Corte e Costura, aulas de Culinária e de Ginástica e as fotografias em frente à escola e das salas de aula.

O segundo grupo são os das comemorações oficiais e não oficiais voltadas para momentos específicos que podem se direcionar para gestão, como as

formaturas, inaugurações, posses, campanhas de matrículas, eventos culturais e visitas de pessoas importantes à escola. Diferente do primeiro grupo, são ações pontuais, sempre relacionadas ao cotidiano da escola, identificando-se, assim, uma preparação da escola para receber aquele determinado evento ou autoridade. Os registros ganham uma conotação política.

O terceiro grupo como sendo o das **datas comemorativas**, ações pontuais que se decidiram registrar. Colocamos neste grupo as ações clássicas das escolas até os dias atuais, como registros de festas juninas, desfiles do dia 7 de setembro, Dia das Mães e Dia das Crianças. Ações que não são presentes no dia a dia da escola, mas que fazem parte do calendário festivo e são rememorados todos os anos nas festividades. São ações que fazem parte da rotina escolar até os dias atuais. O quarto e último grupo como sendo o da **gestão municipal**. A gestão do município de Londrina passa por algumas mudanças ao longo dos anos. Dessa forma, há registros específicos das ações do SME. Dentre essas ações, destacam-se as reformas, inaugurações e ações de confraternização na SME. As legendas e as análises dos vestígios fotográficos apontam para a questão de gênero, a vinculação com a religião e a identificação de registros de ações que mostram “humanização”, como a Figura 17 mostra a professora sendo assessorada após o parto.

As ações, deste modo, são significativas e mostram o passado da História da Educação de Londrina, que amplifica as pesquisas que podem ser realizadas. O acervo do MEL possibilita uma infinidade de pesquisas que podem ser realizadas e as fotografias ampliam os aprofundamentos. As ações registradas nas fotografias contidas dentro de uma caixa no IBC (removida para o arquivo do MEL, que irá aumentar conforme o material for achado e catalogado) possibilitam interpretações e análises sobre a Cultura Escolar. Por meio das fotografias, podemos perceber as ações eventuais e de cotidiano que se realizam no município de Londrina como, por exemplo, o projeto “Horta” que foi retratado em mais de uma coleção e em diferentes escolas, mostrando uma constante presença no projeto. Apresentam também o momento em que grande parte das escolas de Londrina é inaugurada nas zonas urbanas, sendo um registro importante que reflete o início dessa nova fase na história londrinense.

A Cultura Escolar possibilita compreender a escola em suas dimensões mais complexas, isto é, por meio da percepção do que a escola guarda além do seu

currículo oficial. As imagens trazem parte disso. Pelas investigações dos vestígios, podemos perceber o que não se registra em documentos oficiais e possibilitaram uma abrangência maior na compreensão da História da Educação de Londrina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADVFN. **Evolução do Salário Mínimo no Brasil**. Disponível em: <http://br.advfn.com>. Acesso em: 23 abr. 2021.

ALBUQUERQUE, M.; KLEIN, L. **Pensando a fotografia como fonte histórica**. Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro, v. 3, n.3, jul./set. 1987. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0102-311X1987000300008. Acesso em: 16 dez. 2020.

ALDEROQUI, S. **La ciudad: un territorio que educa**. Caderno CRH, Salvador, v. 16, n.38, jan./jun. 2003.

BARBOSA, C. A. S. **História, Históricadores e Imagem: algumas notas introdutórias**. In: FERREIRA, Ricardo Alexandre; SEBRIAN, Raphael N. N.; PIRES, Ariel José; ANHEZINI, Karina (Org.). **Leituras do Passado**. 2ª Ed. Campinas: Pontes Editores, 2009.

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **A mensagem fotográfica**. 1990. Disponível em: <http://www.leden.uerj.br/wp-content/uploads/2019/05/49666238-A-Mensagem-Fotografica-Roland-Barthes.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

BASTOS, M. **Retratos do poder imperial no Brasil**. **FACOM (FAAP)**, v. 19, p. 42-51, 2008. Disponível em: http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_19/monicabastos.pdf. Acesso em: 28 fev. 2021.

BENITO, A. **A escola como cultura: experiências, memórias e arqueologias**. Campinas: Editora Alínea, 2017.

BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício de historiador** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

BONATO, N. Os arquivos escolares como fonte para a História da Educação. Revista Brasileira de História da Educação. In: VIDAL, D. (Org). **Dossiê: Arquivos Escolares: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação**. Revista

Brasileira de História da Educação, n. 10, jul./dez. 2005, p. 193-220. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1383>. Acesso em: 16 fev. 2021.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. **Testemunha ocular: o uso de Imagens Como Evidência Histórica.** Bauru: EDUCS, 2004.

CABRAL, D. **Ecossistema da memória: a re-construção da identidade em A misteriosa chama da rainha Loana, de Umberto Eco.** 2015. 104 f. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Araraquara - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2015.

CAMARGO, I. **A Construção do objeto noticioso na edição da mídia impressa: fotografia, legenda e texto.** COMPOS. Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2001. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1385.pdf. Acesso em: ?

CANABARRO, I. Fotografia e História Cultural: Uma janela aberta para o mundo. In: **Revista Mouseion.** Canoas: Editora Unilasalle, v. 21, 2015. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/viewFile/1981-7207.15.1/pdf_2. Acesso em: 10 out. 2020.

CANDOTI, E. A. **Projeto Conhecer Londrina: narrativas e saberes construídos pelas ruas da cidade.** Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

CASTRO, D. Photographos da Casa Imperial: A Nobreza da Fotografia no Brasil do Século XIX. IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem I. In: **Encontro Internacional de Estudos da Imagem,** Londrina, 2013.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações,** Lisboa: DIFEL, 1990.

DELEUZE, G. **Cinema I: A imagem-movimento.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 44, 1992.

ECO, H. **A misteriosa chama da Rainha Loana: romance ilustrado.** Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2005. 453 p.

Faria, I.; Gonçalves, I.; Vidal, D.; Paulilo, A. **A Cultura Escolar como categoria de análise e como campo de investigação na História da Educação brasileira. Educação e Pesquisa,** São Paulo, v.30, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/gWnWZd8C5TxsxYc7d6KzbTS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

FORQUIN, J. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRAGO, A.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GUEDES, S. **O calçadão de Londrina no ensino de história: pluralidades e apropriações de professores**. 197 p. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - Ipeadata. **Dados macroeconômicos e regionais**. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br>. Acesso em: 06 jul. 2008.

JULIA, D. A Cultura Escolar como objeto historiográfico. Tradução de Gizele de Souza. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 1, 2001.

KINCHELOE, J.; BERRY, K. **Pesquisa em Educação: Conceituando a bricolagem**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

_____. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KOSSOY, B. **História & Fotografia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LUSVARGHI; ZARATTINI. A função informativa da legenda fotográfica: o massacre de Realengo. In: **Discursos fotográficos**. Londrina, v.8, n.12, jan./jun. 2012, p.53-78.

MAUAD, A. Através da imagem: fotografia e história interfaces. In: **Tempo**. Rio de Janeiro, vol.1, n.2, 1996, p.73-98. Disponível em: https://codecamp.com.br/artigos_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf. Acesso em: 20 mai. 2021.

_____. **Fotografia e história**. Rede da memória virtual brasileira, 2006. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/rede-da-memoria-virtual-brasileira/artes/fotografia-e-historia/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MENEZES, L. 'Apenas aperte o botão...': prática fotográfica amadora em Belo Horizonte. In: **ANAIS DO MUSEU PAULISTA**, v. 26, 2018, p. 1-51.

_____. **Entre apertadores de botão e aficionados - Prática fotográfica amadora em Belo Horizonte (1951-1966)**. 2013. 168f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal Fluminense - UFF - Rio de Janeiro, 2013.

MOGARRO, M. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. **Revista Brasileira de História da Educação**. In: VIDAL, D. (Org). **Dossiê: Arquivos Escolares: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação**. Revista Brasileira de História da Educação, n. 10, jul./dez. 2005, p. 193-120. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1383>. Acesso em: 16 fev. 2021.

OGAWA, V. Barracões do IBC- Símbolos do Auge do Café. **Folha de Londrina**, 2019. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/barracoes-do-ibc--simbolos-do-auge-do-cafe-2937177e.html>. Acesso em 14 jun. 2021.

OLIVEIRA, E. M. Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital. **BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. Portugal, 2006. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2021.

OLIVEIRA, M.; TAMBARA, E. A imagem fotográfica como fonte para a pesquisa em História da Educação. **III Congresso brasileiro de História da Educação**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, v.1, 2004. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo1/252.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2020.

OLIVEIRA, R.; BITTENCOURT JUNIOR, N. **A fotografia como fonte de pesquisa em História da Educação: usos, dimensão visual e material, níveis e técnicas de análise**. VII Congresso Brasileiro de História da Educação. Sociedade Brasileira de História da Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. 2013. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/03-%20FONTES%20E%20METODOS%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/A%20FOTOGRAFIA%20COMO%20FONTE%20DE%20PESQUISA%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO.pdf>. Acesso em 12 jul. 2020.

PESAVENTO, S. Apresentação do dossiê "História Cultural & Multidisciplinaridade". **Revista de História e Estudos Culturais**. Out./Nov./Dez. Vol. 4, ano IV, 2007.

_____. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ROSA, P. Re-construindo a identidade esquecida: memória, Literatura e história em 'A misteriosa chama da rainha Loana', de Umberto Eco. In: **XIII Seminário Nacional de Literatura, História e Memória**. Cascavel: Unioeste, 2017.

RUBIM, S.; OLIVEIRA, T. **A imagem como fonte e objeto de pesquisa em História da Educação**. Seminário de pesquisa do PPE. Universidade Estadual de

Maringá, p. 1-13, abril, 2010. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/037.pdf. Acesso em: 18 dez. 2020.

SILVA, R. **Entre o SIM e o NÃO: história da emancipação política de Tamarana e seu ensino na escola**. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

SIQUEIRA, E. Reconstituindo arquivos escolares: A experiência do GEM/MT. In: VIDAL, D. (Org). **Dossiê: Arquivos Escolares: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação**. Revista Brasileira de História da Educação, n. 10, jul./dez. 2005, p. 193-120. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1383>. Acesso em: 16 fev. 2021.

SOUZA, R. Um itinerário de pesquisa sobre a Cultura Escolar. In: CUNHA, M. (Org.). **Ideário e Imagens da Educação Escolar**. Autores Associados, Araraquara: PPGEE/FCL UNESP, 2000.

TEIXEIRA, I. A memória em “A misteriosa chama da rainha Loana”. **MÉTIS: história & cultura**, v. 6, n. 12, p. 65-87, jul./dez. 2007.

UNFRIED, R. O uso da iconografia e da iconologia para a análise de fotografias e recuperação da história de Londrina. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem (ENCOI)**, 2014, Londrina. Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação (ENCOI), 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT7/O%20USO%20DA%20ICONOGRAFIA%20E%20DA%20ICONOLOGIA.pdf>. Acesso em: jul. 2021.

VALENTE, W. Arquivos escolares virtuais: considerações sobre uma prática de pesquisa. In: VIDAL, D. (Org). **Dossiê: Arquivos Escolares: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação**. Revista Brasileira de História da Educação, n. 10, jul./dez. 2005, p. 193-120. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1383>. Acesso em: 16 fev. 2021.

VASQUEZ, P. **A Fotografia no Império (Descobrimo o Brasil)**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

VIÑAO, F. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

VISITAS da família imperial japonesa já se tornaram tradição. **Uol**, 2013. Disponível em: <https://tribunapr.uol.com.br/noticias/brasil/visitas-da-familia-imperial-japonesa-ja-se-tornaram-tradicao/>. Acesso em: 05 set. 2021.

YAMASHITA, B. **Poder municipal e educação na cidade de Londrina (1934-1960): ações de uma “autonomia autorizada”**. 215p. Dissertação de Mestrado em Educação -Universidade Estadual de Londrina, 2019.

ZAIA, I. O lugar do arquivo permanente dentro de um centro de memória escolar. **Revista brasileira de História da Educação**. In: VIDAL, D. (Org). **Dossiê: Arquivos Escolares: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação**. Revista Brasileira de História da Educação, n. 10, jul./dez. 2005, p. 193-120. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1383>. Acesso em: 16 fev. 2021.

ANEXO:

Anexo: Porta de entrada e mapa da bricolagem.

130 Joe L. Kincheloe e Kathleen S. Berry



Figura 5.1 Porta de entrada e mapa da bricolagem.

Fonte: KINCHELOE, J.; BERRY, K. **Pesquisa em Educação: Conceituando a bricolagem.** Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Apêndice: Catalogação das legendas contidas nas coleções.

Coleção 1			
Número	Página	Legenda ou descrição	Ano
1	1	Vista geral da classe do 1º ano - matutino	
2		Aula de leitura - 1º ano	
3	2	Vista geral da classe do 1º ano misto	
4		Aula de Aritmética - 1º ano misto	
5	3	Vista geral da classe do 1º ano misto	
6		Aula de Leitura	
7	4	Vista geral da classe do 2º ano misto	
8		2º ano misto	
9		Professoras da escola	
10	5	3º ano misto - vespertino	
11		Os "magos da bola" - 3º ano misto	
12		Floricultores - 3º ano misto	
13	6	Vista geral das classes de 2º e 4º anos - matutinos	
14	7	2º e 4º anos - matutinos	
15		"Centro de interesses" da escola. Enfermeira em plenas atividades de suas funções	
16		Professoras que lecionam na escola	

Álbum 1

Coleção 2			
Número	Página	Legenda ou descrição	Ano
1	1	S/L. Imagem com grupo de alunos e professores	19
2	2	Escola Municipal "André Rebouças" - Em época de funcionamento	
3	3	S/L. Alunos em diferentes situações	
4		S/L. Alunos em diferentes situações	
5		S/L. Alunos em diferentes situações	
6	4	Apresenta-se o presidente da escola e os respectivos alunos que cuidam da limpeza em redor da "Escola"	
7	5	S/L. Formatura	
8		S/L. Menina merendando	
9	6	S/L. Entrega de diploma	
10	7	S/L. Foto clássica, aluno com professora	
11	8	S/L. Cerimonial	
12		S/L. Dois homens	
13		S/L. Alunas com faixa "Marcilio Dias"	
14		S/L. Foto clássica, alunos com professora	
15	9	S/L. Apresentação de alunos	
16	10	S/L. Grupo de alunos com a bandeira do Brasil	
17		S/L. Fotografia da escola	

18	11	S/L. Formatura de meninos	
19		S/L. Grupos de professoras em frente ao ônibus	
20	12	Alunos em frente à “Escola”	
21	13	S/L. Aluna regando couve	
22		S/L. Alunos com animais	
23	14	Os alunos masculinos em frente à “Escola”	
24	15	S/L. Primeira Comunhão	
25	16	S/L. Reunião de professoras	
26		S/L. Fotos de alunas	
27		S/L. Fotos de alunas com regador	
28		S/L. Fotos de alunos com a bandeira do Brasil	
29	17	S/L. Casa da escola	
30		S/L. Foto de alunas - Educação Física?	
31	18	Nesta apresenta-se a secretária, a tesoureira, a subsecretária, a subtesoureira e a professora em respectivo logo da “Escola”	
32	19	S/L. Formatura de alunos	
33	20	S/L. Alunos em frente à escola com professora	
34		S/L. Alunas em frente à escola com professora	
35	21	S/L. Crianças	
36		Jardim Escolar nº1	19
37	22	S/L. Cerimônia cívica na praça	
38		Museu escolar 9/55 nº2	
39	23	Alunos presentes no pátio da escola na qual aparecem várias plantas do local	
40	24	S/L. Grupo de alunos no pátio da escola	
41		S/L. Grupo de alunos em frente à escola	
42	25	S/L. Formatura	
43	26	S/L. Formatura	
44	27	S/L. Formatura	
45	28	S/L. Comemoração	
46		S/L. Criança merendando	
47		S/L. Várias crianças merendando	
48	29	S/L. Formatura	
49		Desfile escolar	
50		S/L. Plantação de margarida	
51		S/L. Bicicletas	
52	30	S/L. Formatura	
53		S/L. Professoras conversando	
54		S/L. Time de Futebol - “Marcilio Dias”	
55		S/L. Meninas - Atividades de horta	
56	31	S/L. Formatura	
57		S/L. Atividade na Praça	
58	32	S/L. Formatura	
59		S/L. Criança merendando	
60	33	S/L. Formatura	
61		S/L. Crianças em volta de uma mesa	
62	34	S/L. Atividade na praça	

63		S/L. Passeio no cafezal - Com texto no verso da foto	
64	35	S/L. Meninas merendando	
65		S/L. Professores em frente a ônibus	
66		S/L. Reunião	
67		S/L. Atividade de horta	
68	36	S/L. Alunos em frente à escola	
69		S/L. Criança com quimono	
70		S/L. Cerimônia	
71	37	S/L. Professores em frente dentro do ônibus	
72		S/L. Professores - Atividade de horta	
73		S/L. Professores e alunos em frente à escola	
74		S/L. Exposição de objetos	
75	38	S/L. Alunos em frente à escola	

“Carlos de Almeida” -
“Carlos de Almeida”

Coleção 3 - “Carlos de Almeida”			
Número	Página	Legenda ou descrição	Ano
1	1	S/L. Crianças no ônibus da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Londrina	10.1985
2		S/L. Crianças em frente à escola	10.1985
3	2	S/L. Crianças em pose para foto	10.1985
4		S/L. Crianças em atividade na escola	10.1985
5	3	S/L. Crianças em atividade na escola	10.1985
6		S/L. Grupo de crianças. Obs: com Coca-Cola mãos	10.1985
7	4	S/L. Grupo de crianças. Obs: com Coca-Cola mãos	10.1985
8		S/L. Crianças em pose para foto	10.1985
9	5	S/L. Crianças em pose para foto	10.1985
10		S/L. Grupo de crianças. Obs: com Coca-Cola	10.1985
11	6	S/L. Grupo de crianças. Obs: com Coca-Cola	10.1985
12		S/L. Meninas dançando	10.1985
13	7	S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
14		S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
15	8	S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
16		S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
17	9	S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
18		S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
19	10	S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
20		S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
21	11	S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
22		S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
23	12	S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
24		S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
25	13	S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
26		S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
27	14	S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
28		S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985

29	15	S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
30		S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
31	16	S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
32		S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
33	17	S/L. Crianças dançando - Festa Junina	09.1985
34	18	S/L. Professoras (?)	05.1987
35	19	S/L. Apresentação Ginástica Rítmica - Festa	11.1986
36		S/L. Apresentação Ginástica Rítmica - Festa	11.1986
37	20	S/L. Apresentação Ginástica Rítmica - Festa	11.1986
38		S/L. Apresentação Ginástica Rítmica - Festa	11.1986

Coleção 3 - "Carlos de Almeida"			
Número	Página	Legenda ou descrição	Ano
1	1	S/L. Festa Junina	07.1986
2		S/L. Festa Junina	07.1986
3	2	S/L. Festa Junina	07.1986
4		S/L. Festa Junina	07.1986
5	3	S/L. Festa Junina	07.1986
6		S/L. Festa Junina	07.1986
7	4	S/L. Festa Junina	07.1986
8		S/L. Festa Junina	07.1986
9	5	S/L. Festa Junina	07.1986
10		S/L. Festa Junina	07.1986
11	6	S/L. Grupo de professores e funcionários da es	05.1987
12		S/L. Grupo de professores e funcionários da es	05.1987
13	7	S/L. Grupo de professores e funcionários da es	05.1987
14		S/L. Grupo de professores e funcionários da es	05.1987
15	8	S/L. Festa Junina	07.1986
16		S/L. Festa Junina	07.1986
17	9	S/L. Festa Junina	07.1986
18		S/L. Festa Junina	07.1986
19	10	S/L. Festa Junina	07.1986
20		S/L. Festa Junina	07.1986
21	11	S/L. Festa Junina	07.1986
22		S/L. Festa Junina	07.1986
23	12	S/L. Festa Junina	07.1986
24		S/L. Festa Junina	07.1986
25	13	S/L. Festa Junina	07.1986
26	14	S/L. Visita Prefeito José Richa P.B.	
27	15	S/L. Inauguração	
28	16	S/L. Inauguração - Wilson Moreira	
29	17	S/L. Inauguração - Wilson Moreira	
30	18	S/L. Inauguração - Wilson Moreira	
31	19	S/L. Inauguração - Wilson Moreira	1984
32	20	S/L. Inauguração - Wilson Moreira	
33	21	S/L. Inauguração - Wilson Moreira	
34	22	S/L. Inauguração - Wilson Moreira	
35	23	S/L. Festividades	

Inaugurações Zona rural

Coleção 4			
Número	Página	Legenda ou descrição	A
1	1	foto "Elvira Alegre"	
2		foto "Elvira Alegre"	
3	2	Escola Rural Indígena "Roseno Y. Cardoso"	
4		Escola Rural Indígena "Roseno Y. Cardoso"	
5		Escola Rural Indígena "Roseno Y. Cardoso"	
6	3	S/L - Pessoas em frente à Escola Municipal "Artur Da Costa e Silva"	
7	4	Reconstrução da Escola Municipal "Joaquim Bernardes Martins"	0 8 . 1 9 7 5
8	5	S/L - Pessoas em frente à Escola Municipal "Joaquim Martins"	
9	6	Vista de uma das modernas pré-fabricadas	
10	7	Reconstrução da Escola Municipal "Joaquim Bernardes Martins"	0
11	8	Reconstrução da Escola Municipal "Arthur da Costa e Silva" - Agosto de 1975	0
12	9	S/L. Pessoas em frente a escola rural	
13	10	Inauguração da nova sala de aula da Escola Municipal "Dario Vellozo"	0
14	11	Inauguração da ampliação da Escola Mun. "Ver. Odilom Gonçalves Nocette"	0
15	12	Inauguração da nova sala de aula da Escola Municipal "Dario Vellozo"	0
16	13	Inauguração da nova sala de aula da Escola Municipal "Dario Vellozo"	0
17	14	Inauguração da nova sala de aula da Escola Municipal "Dario Vellozo"	0
18	15	A supervisora Ercy dos Santos entrega flores para D. Arlete Richa	2
19	16	Inauguração da Escola "irmão Mansueto Buzzi" 22/02/75	2
20	17	Escola Municipal "Hikoma Udihara" - inauguração - 04/Maio -1975	0
21	18	Escola Municipal "Hikoma Udihara" - inauguração - 04/Maio -1975	0
22	19	Reforma da Escola Municipal "guia Lopes" - 29/junho -1975	2
23	20	Reforma da Escola Municipal "guia Lopes" - 29/junho -1975	2

24	21	Reforma da Escola Municipal "guia Lopes" - 29/junho -1975	2
25	22	Reforma da Escola Municipal "guia Lopes" - 29/junho -1975	2
26	23	Reforma e denominação da Escola Municipal "Samuel de Moura" - 22 de junho de 1975	2
27	24	Reforma e denominação da Escola Municipal "Samuel de Moura"	2
28	25	Reforma e denominação da Escola Municipal "Samuel de Moura"	2
29	26	S/L. Pessoas em frente à Escola "Vicente Machado"	
30	27	Equipe de reforma em ação na Zona Rural - Substituição de venezianas por vitrôs	
31	28	Terraplanagem para transferência da Escola Municipal "Cletári Portugal" - Distrito de Irerê	
32	29	Inauguração da Escola Municipal "Bento Munhoz da Rocha Netto"	1
33	30	Possa a ser reparada na Escola "Romário Martins" - Distrito de Irerê	
34	31	Inauguração da Escola Municipal "Bento Munhoz da Rocha Netto"	1
35	32	Inauguração da Escola Municipal "Bento Munhoz da Rocha Netto"	1
36	33	Inauguração da Escola Municipal "Bento Munhoz da Rocha Netto"	1
37	34	Inauguração da Escola Municipal "Bento Munhoz da Rocha Netto"	1
38	35	Entrega de certificados na Escola Municipal: Patrimônio Guairacá em Psiquerê	0
39	36	Inauguração da Escola Municipal "Bento Munhoz da Rocha Netto"	1
40	37	Entrega de certificados na Escola Municipal: Patrimônio Guairacá	1
41	38	Entrega de certificados na Escola Municipal: Patrimônio Guairacá em Psiquerê	1
42	39	Rua de recreio realizada no distrito de Warta	2
43	40	Entrega de certificados na Escola Municipal: Zacarias de Goes e Vasconcelos	
44	41	Escola Municipal "Munhoz da Rocha"	2
45	42	Inauguração da Escola Municipal "Munhoz da Rocha"	2
46	43	Inauguração da Escola Municipal "Munhoz da Rocha"	2
47	44	Escola Municipal "Munhoz da Rocha" - Inauguração	2
48	45	Escola Municipal "Munhoz da Rocha" - Inauguração	2
49	46	Aspecto da inauguração da Escola Municipal "Munhoz	2

		da Rocha”	
50	47	Inauguração na Escola Municipal “Vitorino Gonçalves Di	1
51	48	Inauguração na Escola Municipal “Vitorino Gonçalves Di	1
52	49	Inauguração da Escola “irmão Mansueto Buzzi” -	2
53	50	D. Mercedes Martins Madureira cumprimenta a Sra. Emílio Gomes - 22/02/75	2
	51	S/F. Inauguração da Escola Municipal “Irmãos Mansueto Buzzi” inaugurada (?)	2
54	52	Escola Municipal “Irmãos Mansueto Buzzi”	2
55	53	Inauguração na Escola Municipal “Vitorino Gonçalves Dias” - Outubro de 1974	1
56	54	Inauguração na Escola Municipal “Terci Terezinha Kalik Miranda”	1
57	55	Inauguração na Escola Municipal “Humberto de Campos”	
58	56	Inauguração na Escola Municipal “Humberto de Campos” - 19/outubro/1974	1
59	57	Descerramento de placa na Escola Mun. “Tercy Terezinha Kalik Miranda” - 19/outubro/1974	1
60	58	Inauguração da ampliação da Escola Municipal “Humberto de Campos” - 19/outubro/1974	1
61	59	Inauguração da Escola Municipal “Tomé de Souza” -	1
62	60	Inauguração da ampliação da Escola Mun. “Tomé de Souza”	1
63	61	Inauguração da ampliação da Escola Mun. “Tomé de Souza”	1
64	62	Inauguração da ampliação da Escola Mun. “Tomé de Souza”	1
65	63	Hasteamento do Pavilhão Nacional da Escola Municipal “Vitorino Gonçalves Dias”	1
66	64	Inauguração da ampliação da Escola Mun. “Tomé de Souza”	1
67	65	Inauguração do novo prédio da Escola Mun. “Vitorino Gonçalves Dias”	1
68	66	Descerramento de fotografia na Escola Mun. “Vitorino Gonçalves Dias”	1
69	67	Inauguração da ampliação da Escola Mun. “Vitorino Gonçalves Dias”	1
70	68	Inauguração da ampliação da Escola Mun. “Vitorino Dias” (número artístico apresentado)	1
71	69	Inauguração do novo prédio da Escola Mun. “Vitorino Gonçalves Dias” - 19/outubro/1974	1
72	70	Inauguração da Escola Municipal “Gabriel da Cunha”	
73	71	Escola Municipal: Sítio Munareto - Sede zona rural	0
74	72	Escola Municipal: Ribeirão Gabriel da Cunha - Guaravera	0

75	73	Sítio do Sr. Lázaro	
76		Água do Inglês	
77		Carlos Gomes	
78		Silvio Romere	
79	74	Escola Municipal: Sítio Munareto - Sede zona rural	0
80	75	Inauguração de escolas municipais	
81		Inauguração de escolas municipais	
82		Inauguração de escolas municipais	
83		Inauguração de escolas municipais	
84	76	Inauguração de escolas municipais	
85		Inauguração de escolas municipais	
86		Inauguração de escolas municipais	
87		Inauguração de escolas municipais	
88	77	Inauguração de escolas municipais	
89		Inauguração de escolas municipais	
90		Inauguração de escolas municipais	
91		Inauguração de escolas municipais	
92	78	Inauguração de escolas municipais	
93		Inauguração de escolas municipais	
94		Inauguração de escolas municipais	
95		Inauguração de escolas municipais	
96	79	Inauguração de escolas municipais	
97		Inauguração de escolas municipais	
98		Inauguração de escolas municipais	
99		Inauguração de escolas municipais	
100	80	Inauguração de escolas municipais	
101		Inauguração de escolas municipais	
102		Inauguração de escolas municipais	
103		Inauguração de escolas municipais	
104	81	Inauguração de escolas municipais	
105		Inauguração de escolas municipais	
106		Inauguração de escolas municipais	
107		Inauguração de escolas municipais	
108	82	Inauguração de escolas municipais	
109		Inauguração de escolas municipais	
110		Inauguração de escolas municipais	
111		Inauguração de escolas municipais	
112	83	Inauguração de escolas municipais	
113		Inauguração de escolas municipais	
114		Inauguração de escolas municipais	
115		Inauguração de escolas municipais	
116	84	Inauguração de escolas municipais	
117		Inauguração de escolas municipais	
118		Inauguração de escolas municipais	
119		Inauguração de escolas municipais	
120	85	Inauguração de escolas municipais	
121		Inauguração de escolas municipais	

122		Inauguração de escolas municipais	
123		Inauguração de escolas municipais	
124	86	Professora Tereza Rosas de Castro do Inep Guanabara - Inauguração da Escola "Rio Branco" - Distrito de Tamarana	
125	87	Inauguração de escola municipal: Sítio do Sr. Lázaro	2
126	88	Inauguração de escola municipal: Sítio do Sr. Lázaro	2
127	89	Inauguração de escola municipal: Sítio do Sr. Lázaro	2
128	90	Inauguração de escola municipal: Sítio do Sr. Lázaro	2
129	91	Inauguração de escola municipal: Sítio do Sr. Lázaro	2
130	92	Escola Municipal: Sítio do Sr. Lázaro - Solenidade de Ina	2
131	93	Inauguração de escola municipal: Sítio do Sr. Lázaro	2
132	94	Inauguração da Escola Municipal "Padre Francisco de Batista"	
133	95	Escola Municipal: Fazenda Rio Preto - Distrito de Irerê - Reconstruída em ?	1
134	96	Escola Municipal: Fazenda Rio Preto - Distrito de Irerê - Reconstruída em ?	1
135	97	Inauguração da Escola Municipal "Antônio Rodrigues de	2
136	98	Escola Municipal: "Padre Américo" - Distrito de S. Inís	0

Diversos: 51 fotos

Ações na rua: 3

Coleção 5			
Número	Página	Legenda ou descrição	Ar
	1	Folha - Diretoras e Professoras - Reuniões	
1	2	Posse das primeiras supervisoras - Gabinete do Prefeit	
2	3	Reunião com as diretoras - SEC	
3	4	Posse das primeiras supervisoras - Gabinete do Prefeit	
4	5	Posse das primeiras supervisoras - Gabinete do Prefeit	
5	6	Reunião com as diretoras	
6	7	Posse das primeiras supervisoras - Gabinete do Prefeit	
7	8	Reunião das diretoras com o Sr. Secretário de Educaçã	
8	9	Primeiras diretoras de escolas municipais - primeira reunião com o secretário	
9	10	Primeiras diretoras de escolas municipais - primeira reunião com o secretário	
10	11	Primeiras diretoras de escolas municipais - primeira reunião com o secretário	
11	12	Secretária Municipal de Educação e Cultura	
	13	Folha Merenda Escolar	
12	14	Merenda escolar Escola "Anita Garibaldi"	19
13	15	Visita à Escola Municipal "Carlos Zewe Coimbra"	08

14	16	Visita à Escola Municipal "Carlos Zewe Coimbra"	08
15	17	1 ^{as} diretoras de escolas municipais - reunião com o Sr. Secretário	08
16	18	Escola municipal do Igapó - Prefeito visita as hortas	06
17	19	Reunião pedagógica de professores de zona rural	06
	20	Folha Concursos Realizados pela SEC	
18	21	Posse da candidata aprovada no 1º Concurso para cargo de Bibliotecária promovido pela SEC	
19	22	2º Concurso Público para normalista	
20	23	Professores aguardam os resultados do 2º Concurso para Magistério realizado em 1971	19
21	24	Professores Municipais em curso de treinamento	19
22	25	Revisão das provas pelas candidatas do 3º Concurso realizado	19
23	26	2º Concurso Público para o Magistério primário sec - prim	
24	27	Posse da candidata aprovada no 1º Concurso para o cargo de Bibliotecária pela Secretaria de Educação	
25	28	Concurso para funcionário municipal em 1972	19
26	29	IIIº Concurso - professores municipais - 1972	19
27	30	Vista às provas do Concurso em janeiro de 1972	19
28	31	Banca examinadora primeiro Concurso - professor normalista	04
29	32	Concurso de professores municipais no Colégio "Prof. Vicente Rijo" em 1972	19
30	33	Primeiras diretoras de escolas municipais	
31	34	Escola Municipal "Leonor Maester de Held" - Jardim Santa Rita	
32	35	2º Concurso Público- Entrada Segundo Concurso Público	
	36	Folha - Professores em Cursos	
33	37	Curso audiovisual pela SEC para professores estaduais e municipais	
34	38	Curso audiovisual pela SEC para professores municipais e estaduais	
35	39	Professores municipais em curso de Especialização Matemática - Prof. Erval	19
36	40	Professores municipais em curso de Especialização - Secretária	19
37	41	Professores municipais em curso de treinamento	19
38	42	Professores municipais em curso de treinamento	19
39	43	Curso de treinamento de professores	07
40	44	Normalistas saindo para a zona rural	
41	45	Professores municipais em curso de treinamento	19
42	46	Professora adoentada (parto) durante o curso de treinamento	19
	47	Folha Clube das Mães DNERU nas escolas	
43	48	Aula de Corte e Costura ministrada pelas normalistas da Escola de Educação Familiar. Escola Municipal do Jardim do Sol - Clube das Mães	

44	49	Escola Municipal do Jardim do Sol - Clube das Mães. Aula de Culinária, ministrada pelas normalistas da Escola de Educação Familiar	
45	50	Escola Municipal do Jardim do Sol - Clube das Mães. Aula de Corte e Costura, ministrada pelas normalistas da Escola de Educação Familiar	
	51	Folha Professores e Alunos	
46	52	Escola Municipal do Jardim do Sol - Clube das Mães. Aula de bordado e crochê, ministrada pelas normalistas da Escola de Educação Familiar	
47	53	Educação Sanitária - D.N.E.R.U. Escola "Machado de Assis"	
48	54	Educação Sanitária - DNERU. Escola "Machado de Assis"	
49	55	Visita à Escola Municipal "Pres. Artur da Costa e Silva" Agosto de 1975	08
50	56	Visita à Escola Municipal "Pres. Artur da Costa e Silva" Agosto de 1975	08
51	57	Visita à Escola Municipal do Jardim Leonor	31

Álbum 5

Coleção 6			
Número	Página	Legenda ou descrição	Ano
1	1	Figueira do Rebojo do Tibagi	
2	2	Campanha de matrículas antecipadas nos bairros d Londrina - dezembro de 1970	12.197
3	3	Festa do Dia da Criança, realizada na Associação dos Funcionários Municipais em outubro de 1972	10.197
4	4	Festa do Dia da Criança, realizada na Associação dos Funcionários Municipais em outubro de 1972	10.197
5	5	Festa do Dia da Criança, realizada na Associação dos Funcionários Municipais em outubro de 1972	10.197
6	6	Festa do Dia da Criança, realizada na Associação dos Funcionários Municipais em outubro de 1972	10.197
7	7	Festa do Dia da Criança, realizada em outubro de 1 no Colossinho	10.197
8	8	Festa da Criança, realizada na Associação dos Funcionários Municipais em outubro	12.10.1
9	9	Escola Municipal Jardim do Sol - Clube da Mães - Aula de Corte e Costura, ministrada pelas normalistas da Escola de Educação Familiar.	
10	10	Festa do Dia da Criança, realizada na Associação d Funcionários Municipais em outubro de 1972	10.197

11	11	Inauguração da Escola Municipal “Bento Munhoz da Rocha Neto” - 11 de abril de 1976	11.04.1
12	12	Inauguração da Escola Municipal “Bento Munhoz da Rocha Neto” - 11 de abril de 1976	11.04.1
13	13	Inauguração da Escola Municipal “Bento Munhoz da Rocha Neto” - 11 de abril de 1976	11.04.1
	14	Folha em Branco	
14	15	Inauguração da Escola Municipal “Bento Munhoz da Rocha Neto” - 11 de abril de 1976	11.04.1
15	16	Inauguração da Escola Municipal “Bento Munhoz da Rocha Neto” - 11 de abril de 1976	11.04.1
16	17	Inauguração da Escola Municipal “Bento Munhoz da Rocha Neto” - 11 de abril de 1976	11.04.1
17	18	Inauguração da Escola Municipal “Bento Munhoz da Rocha Neto” - 11 de abril de 1976	11.04.1
18	19	Inauguração da Escola Municipal “Bento Munhoz da Rocha Neto” - 11 de abril de 1976	11.04.1
19	20	Inauguração da Escola Municipal “Bento Munhoz da Rocha Neto” - 11 de abril de 1976	11.04.1

Reformas Escolas

Coleção 7			
Número	Página	Legenda ou descrição	Ano
	1	Folha Reformas em Escolas	
1	2	Embarque de material para reforma de escolas	
	3	Folha vazia	
2	4	Mobral cultural- galpão Igapó	
3	5	Mobral cultural- galpão Igapó	
4	6	Embarque de material para reforma de escolas	
	7	Folha em Branco	
5	8	Construção do Grupo Escolar do Jardim do Sol - convênio Prefeitura x Estado	
6		Construção do Grupo Escolar do Jardim do Sol - Prefeitura x Estado	
7		Construção do Grupo Escolar do Jardim do Sol - Prefeitura x Estado	
8		Construção do Grupo Escolar do Jardim do Sol - Prefeitura x Estado	
9	9	Reforma de escolas - embarque de material	
	10	Folha Vazia	
10	11	Escola “Carlos Cavalcanti” - era assim antes da reforma	
11	12	Escola Municipal “Jardim Castelo” - mutirão da Educação	
12	13	Cantina e Casa do Professor - Jardim Marabá	
13	14	Escola Municipal “Jardim Paraíso” - mutirão da Ed	
	15	Folha Vazia	

14	16	Construção da Escola Municipal “Carlos Zewe de Coimbra” - Jardim Marabá	
15	17	Ginásio Moraes de Barros. jardim Bandeirantes	1969.19
16	18	Grupo Escolar “Benjamin Constant”, construído pela PML em convênio com o Estado - ano de 1970	1970
17	19	Inauguração da ampliação da Escola Municipal “Anita Garibaldi”	06.10.19

Álbum 4 - 15 fotos

Coleção 8			
Número	Página	Legenda ou descrição	Ano
1	1	Inauguração da Escola Municipal “Mábio Gonçalves Palhano” - Parque Ouro Branco	31
	2	Folha em Branco	
2	3	Escola Municipal “José Garcia Villar”	
3	4	Escola Municipal “José Garcia Villar”	
4	5	O professor Daniel Hatti em visita à Escola “José Garcia Villar” - Fevereiro/1977	02
5	6	Escola Municipal “José Garcia Villar”	
6	7	Escola Municipal “José Garcia Villar”	
7	8	Escola Municipal “José Garcia Villar”	
8	9	Dia do Professor	19
9	10	Professores municipais em curso de treinamento	19
10	11	Entrega de certificados na Escola “Zacarias de Goes e Vasconcelos”	
11		Entrega de certificados na Escola “Zacarias de Goes e Vasconcelos”	
12	12	Entrega de certificados - Patrimônio Guairacá - 1970 - E. M. “Vitória Libardi” - Paiquerê	19
13	13	O professor Daniel Hatti em visita à Escola “José Garcia Villar”	14
	14	Folha em Branco	
14	15	Homenagem ao Prefeito Dalton Paranaguá, por ocasião do seu aniversário	14
15	16	Fachada da Secretaria de Educação e Cultura da PML	
	17	Folha em Branco	

Secretaria Municipal de Educação e Cultura - 42
Ações na rua: 4

Coleção 9			
Número	Página	Legenda ou descrição	Ano
1	1	Secretário Municipal de Educação e Cultura - Prof. Daniel Hatti - 02 de fevereiro de 1977	02.02.1977
	2	Folha Vazia	

	3	Folha Vazia	
2	4	II Concurso de jogral para alunos das escolas municipais - zona urbana - 1979	1979
3	5	II Concurso de jogral para alunos das escolas municipais - zona urbana - 1979 Escola Municipal "David Dequech"	1979
	6	Folha em Branco	
4	7	Curso de Administração nas escolas. De: 24.08.79	1979
5	8	Sua Alteza Imperial, a princesa Nori, praticando sua lição de piano, enquanto sua Alteza Imperial, a princesa Herdeira, observa atentamente	
6	9	Sua Majestade Imperial, o príncipe herdeiro, devotado aos seus estudos de Ictiologia (classificação de gobiões)	
7	10	Reunião da Família Imperial no jardim da residência de Sua Majestade, o Imperador	
8	11	A família de Sua Alteza Imperial, o príncipe herdeiro no jardim de sua residência	
9	12	Suas Altezas Imperiais, o príncipe herdeiro e a princesa, visitam a casa de uma criança mentalmente atrasada e observam-na trabalhando na fazenda de aves domésticas	
10	13	Suas Altezas Imperiais, o príncipe herdeiro e a princesa, falando com esportistas na competição nacional de Atletismo para os inválidos	
	12	Folha escrita: Visita dos príncipes Akihito e Michiko, herdeiros da coroa Japonesa, ao Par (Londrina, em 20/06/78)	20.06.1978
11	13	Suas Altezas Imperiais, o príncipe herdeiro e a princesa do Japão	
12	14	Reunião de integração entre cursistas, autoridades locais e gerência regional do projeto Logos II, presidida pelo Sr. Longino Lucknann, no Salão Nobre da SMEC	26.07.1978
13	15	Reunião de integração entre cursistas, autoridades locais e gerência regional do projeto Logos II, presidida pelo Sr. Longino Lucknann, no Salão Nobre da SMEC	26.07.1978
14	16	Reunião de integração entre cursistas, autoridades locais e gerência regional do projeto Logos II, presidida pelo Sr. Longino Lucknann, no Salão Nobre da SMEC	26.07.1978
15	17	Reunião de integração entre cursistas, autoridades locais e gerência regional do projeto Logos II, presidida pelo Sr. Longino Lucknann, no Salão Nobre da SMEC	26.07.1978
16	18	Ginástica = Centro Cultural Igapó	07.1978
17	19	Ginástica/Artes = Centro Cultural Igapó	07.1978
18	20	Entrega dos prêmios aos primeiros	04.1978

		colocados no Concurso Nacional para o símbolo da Semana da Pátria	
19	21	Entrega dos prêmios aos primeiros colocados Concurso Nacional para o símbolo da Semana da Pátria	04.1978
20	22	Apresentação do coral infantil dos alunos das escolas municipais – comemoração da Páscoa - 1978	1978
21	23	Homenagem ao Sr. Santiago Moreno (guarda da S.M.E.C.) quando foi aposentado	22.03.1978
22	24	Comemoração da Páscoa na S.M.E.C.	22.03.1978
23	25	Apresentação do coral da S.M.E.C. nas comemorações da Páscoa	22 03 1978
24	26	Visita do Secretário de Educação de Kioto – Japão à sala de computação do Colégio Canadá	16.08.1977
25	27	Visita do Secretário de Educação de Kioto – Japão à gráfica do Colégio Canadá	16.08.1977
26	28	Viação urbana londrinense doou em 18 maio de 1977 um ônibus à Secretaria Municipal de Educação e Cultura que será transformado em biblioteca ambulante	18.05.1977
	29	Folha em Branco	
	30	Folha em Branco	
27	31	Aula de Artes - Centro Cultural Igapó	1977
28	32	Visita do Secretário de Educação de Kioto - Japão à Biblioteca de Londrina - 16 agosto de 1977	16.08.1977
29	33	Visita do Secretário de Educação de Kioto – Japão à Secretária Municipal de Educação e Cultura	16.08.1977
30	34	Visita do pintor persa à Prefeitura Municipal de Londrina	07.1977
31	35	Visita do pintor persa à Prefeitura Municipal de Londrina	07.1977
	36	Folha em Branco	
32	37	Visitantes da missão japonesa do município de Nishinimiya a Londrina	11.05.1977
33	38	Visitantes da missão japonesa do município de Nishinimiya a Londrina	11.05.1977
34	39	Visita do Sr. Prefeito Antonio Belinati ao I.L.E.S (Instituto Londrinense de Educação de Surdos) - maio 1977	05.1977
	40	Folha em Branco	
35	41	A Páscoa na Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Cultura	04.1977
	42	Folha em Branco	
36	43	A Páscoa na Secretaria Municipal de Educação e Cultura - “repartir o pão”	04.1977

37	44	A Páscoa na Secretaria Municipal de Educação e Cultura	04.1977
38	45	Palestra aos funcionários da Prefeitura Municipal de Londrina sobre "interpretação de previdência social" - 18 a 25 de abril de 1977	04.1977
	46	Folha Vazia	
	47	Folha Vazia	
	48	Folha Vazia	
	49	Folha Vazia	
39	50	Primeira visita das chefias da Secretaria Municipal de Educação e Cultura ao Prefeito Sr .Antônio Belinati - março 1977	03.1977
40	51	Visita ao Sr. Prefeito Antonio Belinati Do pessoal beneficiado com o Projeto de Lei de incorporação de função gratificação aos vencimentos - 16/março/1977	16.03.1977
41	52	Leitura do termo de agradecimento pela incorporação de função gratificada aos vencimentos pela Profª Suely S. Nascimento Correa - 16/março/1977	16.03.1977
	53	Folha em Branco	
42	54	Posse do Secretário de Educação e Cultura Professor Daniel Hatti	02.02.1977

Prefeitos Fernandes Sobrinho e Milton Menezes - 1951- 1959 - 178 fotos

Coleção 10			
Número	Página	Legenda ou descrição	Ano
1	1	S/L- Alunos e professora em frente a prédio	
	2	Folha - Gestão: Prefeito Antonio Fernandes Sobrinho	
2	3	S/L- Alunos sentados de costas e grupo de professores (?) na frente da lousa	
3	4	A Farmácia e a Biblioteca na Escola Municipal "D. Pedro I"	
4	5	S/L- Alunos em mesa, com grupo de professores (?) supervisionando	
5	6	S/L- Alunos em cotidiano em sala de aula com professor	
6	7	S/L- Alunos em frente à escola	
7		S/L- Alunos e um homem posam para a foto	
9		S/L- Homem discursa ao lado de professoras (?)	
10	8	Escola Municipal "Rui Barbosa"	
11		S/L Fachada de escola	
12		Escola Municipal - Santos Dumont	
13	9	S/L- Reunião, tendo presente um	

		representante religioso	
14		S/L- Mulheres reunidas, tendo presente uma representante religiosa	
15		S/L- Reunião entre cinco pessoas, o representante religioso com a palavra	
16	10	S/L- Pessoas reunidas	
17	11	Museu montado em uma escola municipal	
18	12	Movimento de horta em uma escola municipal	
19	13	Período de Recreio em uma escola municipal	
20		Período de Recreio em uma escola municipal	
	14	Folha em Branco	
21	15	Escola Municipal "D.Pedro I" - museu escolar	
22		Escola Municipal "Padre Nóbrega" - museu escola	
23		S/L- Garota lendo	
24		S/L- Enfermeira olhando aluna	
25	16	S/L- Alunos da Escola "Gabriel Martins" reunidos	
26		S/L- Mulheres reunidas em carteiras	
27		S/L- Crianças brincando em frente ao prédio	
28	17	S/L- Certificação/ Comemoração de alunos	
29	18	S/L- Crianças reunidas para assistir a um teatro de bonecas	
30		S/L- Certificação/ Comemoração de alunos	
31		S/L- Crianças e professores reunidos em frente ao prédio	
32	19	S/L- Certificação/ Comemoração de alunos	
33	20	S/L- Certificação/ Comemoração de alunos	
34	21	S/L- Certificação/ Comemoração de alunos	
35	22	S/L- Evento com mesa posta e discurso	
36		S/L- Entrega de certificação para alunos	
37		S/L- Entrega de certificação para alunos	
38	23	S/L- Certificação/ Comemoração de alunos	
39		S/L- Sala de aula com alunos estudando e profess explicando	
40		S/L- Entrega de certificação para alunos	
41	24	S/L- Entrega de certificação para alunos	
42		S/L- Crianças e professores reunidos em frente ao prédio	
43		S/L- Entrega de certificação para alunos	
44	25	S/L- Evento com mesa posta e discurso	
45		S/L- Entrega de certificação para alunos	
46		S/L- Alunos reunidos em volta de uma mesa	
47	26	S/L- Reunião entre cinco pessoas, o representante religioso com a palavra	
48		S/L- Cerimônia, pessoas reunidas em torno de uma mesa	
49		S/L- Meninas dançam Balé	
50	27	S/L- Menina se apresenta	
51		S/L- Menino bem trajado discursa	

52		S/L- Meninas se apresentam	
53	28	S/L- Homem corta uma faixa de inauguração (?)	
54		S/L- Alunos reunidos com certificados	
55	29	S/L- Alunos desfilando	
56		S/L- Alunos desfilando	
57		S/L- Alunos desfilando	
58		S/L- Alunos desfilando	
59	30	S/L- Alunos merendando	
60		S/L- Alunos cobrindo o rosto do sol em um pátio	
61		S/L- Evento com mesa posta e discurso	
62		S/L- Professoras (?) desfilando	
63	31	Escola Municipal "Felipe Camarão"	
64		Escola Municipal "Pedro Américo"	
65		Escolares com o Professora Maria Jarcilia Stecca	
66	32	Festa na Escola Municipal "Frederico Ozanan"	
67		S/L- Alunos desfilam	
68		S/L- Crianças em cerimônia religiosa	
69	33	S/L- Crianças desfilando com bicicleta	
70		S/L- Crianças desfilando, Escola "Frei Caneca"	
71		S/L- Crianças desfilando, Escola "Fernão Dias"	
72		S/L- Crianças desfilando, Escola "Benjamin Const	
73		S/L- Grupo de pessoas reunidas, homem assina p (?)	
74		S/L- Crianças desfilando com bicicleta	
75		S/L- Crianças desfilando reunidas bebendo água	
76	34	S/L- Alunos desfilam	
77		S/L- Alunos desfilam	
78		S/L- Alunos desfilam	
79		S/L- Alunos homens desfilam	
80		S/L- Alunos desfilam, placa "José de Alencar" a	
81	35	S/L- Alunos desfilam, placa "Humberto de Barros"	
82		S/L- Alunos desfilam, placa "Barão do Rio Branco"	
83		S/L- Alunos desfilam	
84		S/L- Alunos desfilam, placa "Frederico Ozanan"	
85		S/L- Alunos desfilam, placa "Tomé de Souza	
86		S/L- Alunos meninos desfilam	
87	36	Escola Municipal "Pedro Alvares Cabral" - Horta	
88		Escola Municipal "Pedro Alvares Cabral" - Horta	
89		Escola Municipal "Pedro Alvares Cabral" - Horta	
90		Escola Municipal "Pedro Alvares Cabral" - Horta	
91		Escola Municipal "José de Alencar"- Horta	
92		Escola Municipal "José de Alencar"- Horta	
93	37	Dia da 1ª Comunhão realizado	14.06.19
94	38	S/L- Alunos e professoras (os) reunidas (os) fora da escola	
95		S/L- Alunos e professora da Escola "Gabriel Martins" em frente à escola	

96		S/L- Alunos e professora em frente à escola	
97	39	Curso de Férias para professores municipais	
98		Curso de Férias para professores municipais	
99		Curso de Férias para professores municipais	
100		Curso de Férias para professores municipais	
101	40	Curso de Férias para professores municipais	
102		Curso de Férias para professores municipais	
103		Curso de Férias para professores municipais	
104		Curso de Férias para professores municipais	
105		Curso de Férias para professores municipais	
106		Curso de Férias para professores municipais	
107	41	Aulas práticas dadas para professores municipais	
108		Aulas práticas dadas para professores municipais	
109		Aulas práticas dadas para professores municipais	
110		Aulas práticas dadas para professores municipais	
111	42	S/L- Professoras (?) no campo	
112		S/L- Professoras (?) no campo	
113		S/L- Professoras (?) no campo	
114		S/L- Professoras (?) no campo	
115	43	Curso de Férias para professores municipais	
116		Curso de Férias para professores municipais	
117		Curso de Férias para professores municipais	
118	44	Aulas práticas dadas para professores municipais	1955
119		Aulas práticas dadas para professores municipais	1955
120		Aulas práticas dadas para professores municipais	1955
121		Aulas práticas dadas para professores municipais	1955
122		Aulas práticas dadas para professores municipais	1955
123		Aulas práticas dadas para professores municipais	1955
124	45	Trabalhos realizados em uma escola municipal de zona rural	
125		Trabalhos realizados em uma escola municipal de zona rural	
126		Trabalhos realizados em uma escola municipal de zona rural	
127	46	S/L- Alunos que aparentam ser da comunidade japonesa (?) desfilam	
128		S/L- Desfile das escolas municipais de Londrina	
129		S/L - Alunos desfilam	

130	47	S/L- Crianças merendando	
131		S/L- Crianças merendando	
132	48	S/L- Professoras com chapéus, reunidas	
133		S/L - Alunos em frente à escola, aparentam ser da comunidade japonesa (?)	
134		S/L - Alunos em frente à escola, aparentam ser da comunidade japonesa (?)	
135		S/L- Alunos reunidos, aparentam ser da comunidade japonesa (?)	
136	49	S/L- Hasteamento da Bandeira	
137		S/L- Pessoas reunidas em mesa ao ar livre	
138		S/L - Alunos em frente à escola, aparentam ser da comunidade japonesa (?)	
139		S/L - Alunos em frente à escola, aparentam ser da comunidade japonesa (?)	
140	50	S/L- Alunos reunidos, aparentam ser da comunidade japonesa (?)	
141		S/L- Alunos reunidos trabalhando no campo, aparentam ser da comunidade japonesa (?)	
142		S/L- Alunos reunidos, aparentam ser da comunidade japonesa (?)	
143	51	Comemoração do Dia 7 de Setembro	
144		Dia da Primeira Comunhão	23.10.19
	52	Papel: Gestão: Prefeito Milton Ribeiro Menezes	
145	53	Estrada da Fazenda "Moema", do Dr. Oscavo - viagem para Tamarana	18.03.19
146	54	S/L- Alunos em frente a prédio com certificação em mãos	
147	55	S/L- Alunos em frente a prédio com certificação em mãos	
148	56	Colégio "Mãe de Deus"	1950
149	57	Colégio "Mãe de Deus"	1952
150	58	Colégio "Mãe de Deus"	1951
151	59	Colégio "Mãe de Deus"	1954
152	60	O governador Paulo Pimentel despachando do Sercomtel, na instalação do governo em Londrina	
153	61	S/L- Pessoas reunidas, crianças em fileiras, mulher com buquê	
154		S/L- Pessoas reunidas, crianças em fileiras, mulher com buquê	
155		S/L- Homens se cumprimentando	
156		S/L- Pessoas reunidas em torno de uma mesa	
157	62	Turma de examinadores	12.1954
158	63	S/L- Crianças estudando e professor explicando	
159	64	Escola Municipal "Miguel Blasi"	
160	65	Frederico Ozanan	
161		Frederico Ozanan	

162		Horta "Gabriel Martins"	
163		"Olavo Bilac"	
164		Dia da Árvore- "Olavo Bilac"	
164		S/L- Crianças reunidas	
165	66	A horta, em uma escola municipal de zona rural	
166		Crianças em recreio na mesma escola	
167	67	S/L- Professoras (?) reunidas	
168		S/L- Professoras (?) em barco	
169		Inspetora	
170		S/L- Professores (?) reunidos	
171		S/L- Professores (?) reunidos	
172		S/L- Três professoras (?) em sala de aula	
173	68	"André Rebouças" nº1	
174		"Frei Caneca" - Irerê nº1	
175		"Marcilio Dias" nº1	
176		"Gabriel Martins"	
177		"José Bonifácio"	
178		"Casemiro de Abreu" nº1	

Promoções da S.E.C
Fotos na rua: 66

Coleção 11			
Número	Página	Legenda ou descrição	A
	1	Folha: festas promovidas pela SEC	
	2	Folha em branco	
1	3	Festa em comemoração ao Dia do Professor	1
2	4	Festa em comemoração ao Dia do Professor	1
3	5	Festa em comemoração ao Dia do Professor	1
4	6	Festa em comemoração ao Dia do Professor	1
5	7	Festa em comemoração ao Dia do Professor	1
6	8	Festa de 1ª Comunhão dos alunos da Escola Municipal "Tiradentes"	
7	9	Festa em comemoração ao Dia do Professor	1
8	10	Coquetel oferecido, pela Secretaria de Educação, no dia 04 de maio de 1973, aos integrantes de "Holiday On Ice"	0
9	11	"Holiday On Ice" - espetáculo oferecido à 5000 crianças de escolas municipais	0
10	12	Festa em comemoração ao Dia do Professor	1
11	13	Entrega de certificados aos alunos que concluíram o 4º ano primário nas escolas municipais da zona urbana, local Moringão, 1972	1
12	14	Entrega de certificados aos alunos que concluíram o 4º ano primário nas escolas municipais da zona urbana, local Moringão, 1972	1
13	15	Comemoração ao Dia da Criança na Associação dos Funcionários Municipais	

14	16	Festa do Dia da Criança, realizada na Associação dos Funcionários Municipais	1
15	17	Festa oferecida às crianças na Associação dos Funcionários Municipais	1
16	18	Festa do Dia da Criança, realizada em outubro de 1972, na Associação dos Funcionários Municipais	1
17	19	Comemoração ao Dia da Criança na Associação dos Funcionários Municipais	
18	20	Festa oferecida às crianças na Associação dos Funcionários Municipais	1
19	21	Comemoração de 31 de Março	
20	22	Comemoração de 31 de Março	
21		Comemoração de 31 de Março	
22	23	Comemoração à Semana da Pátria	
23	23	Comemoração à Semana da Pátria	
24	24	Festa do Dia da Criança, realizada em outubro de 1971, no Colossinho	1
25	24	Festa do Dia da Criança, realizada no Colossinho, em outubro de 1971 (Bandas rítmicas)	1
26	25	Festa do Dia da Criança, realizada no Colossinho, em 10 de outubro de 1971	1
27	26	Festa do Dia da Criança, realizada no Colossinho, em outubro de 1971	1
28	27	Festa do Dia da Criança, realizada em outubro de 1971 no Colossinho	1
29	28	Festa de final de ano de 1971, realizada na SEC	1
30	29	Homenagem ao Prefeito Dalton Paranaguá, por ocasião do seu aniversário a 14 de junho de 1971	1
31	30	Homenagem ao Prefeito Dalton Paranaguá, por ocasião do seu aniversário a 14 de junho de 1971	1
32	31	Associação dos Servidores Municipais, Dia do Professor 1970, piquenique	1
33	32	Associação dos Servidores Municipais, Dia do Professor 1970, piquenique	1
34	33	Associação dos Servidores Municipais, Dia do Professor 1970, piquenique	1
35	34	Associação dos Servidores Municipais, Dia do Professor 1970, piquenique	1
36	35	Festa de 1ª Comunhão dos alunos da Escola Municipal "Tiradentes" e "Marcílio Dias"	
37	36	Festa de 1ª Comunhão dos alunos da Escola Municipal "Tiradentes" e "Marcílio Dias"	
38	37	Entrega de certificados na Escola "Zacarias de Goes e Vasconcelos"	
39	38	Entrega de certificados Patrimônio Guairacá	
40	39	Entrega de certificados Patrimônio Guairacá - 1970	1
41	40	Festa em comemoração ao Dia do Professor	1
42	41	Folha em Branco	
	42	Enlace matrimonial de um casal indígena -	

		posto indígena Dr. Xavier da Silva, em Tamarana	
43		Enlace matrimonial de um casal indígena - posto indígena Dr. Xavier da Silva, em Tamarana	
44		Enlace matrimonial de um casal indígena - posto indígena Dr. Xavier da Silva, em Tamarana	
45		Enlace matrimonial de um casal indígena - posto indígena Dr. Xavier da Silva, em Tamarana	
46		Enlace matrimonial de um casal indígena - posto indígena Dr. Xavier da Silva, em Tamarana	
47		Enlace matrimonial de um casal indígena - posto indígena Dr. Xavier da Silva, em Tamarana	

Pessoal da S.E.C - 68 fotos

Ações na rua: 15

Coleção 12			
Número	Página	Legenda ou descrição	A
	1	Papel: Pessoal da Secretaria Municipal de Educação e Cultura	
1	2	S/L: Fachada da PML/ Secretaria de Educação e Cultura	
2	3	Fachada da Secretaria de Educação e Cultura	
3	4	Fachada da Secretaria de Educação e Cultura	
4	5	Posse da Secretária de Educação e Cultura	
5	6	Pessoal da Secretaria Municipal de Educação e Cultura Cultura	
6	7	Biblioteca Municipal Pública	
7	8	Pessoal do setor de Estatística da SEC	
8	9	Sala de orientação pedagógica	
9	10	Pessoal do Departamento de Educação e Cultura - Divisão de Orientação Pedagógica e Educativa	
10	11	Entrega de brinde aos alunos que pintaram o painel na SEC - 1973	1
11	12	SEC - Divisão de Orientação Pedagógica	
12	13	Biblioteca Municipal anexa à SEC	
13	14	Biblioteca Municipal anexa à SEC	
14	15	SEC - Depósito de material escolar a ser distribuído	
15	16	SE - Depósito de material escolar a ser distribuído	
16	17	SEC - Divisão de Assistência Escolar	1
17	18	SEC - Divisão de Orientação Pedagógica	
18	19	Posse do Diretor do Departamento de Cultura Dr. Oliveira Junior	1
19	20	Sala de Leitura da Escola Municipal "Carlos Kraemmer"	
20	21	Inauguração do Painel: "O Brasil que eu conheço" - Abril de 1973	0
21	22	Inauguração do Moringão	
22	23	Curso Audiovisual promovido pela SEC aos	

		professores estaduais e municipais - Exposição	
23	24	Exposição do Curso Audiovisual promovido pela SEC aos professores estaduais e municipais de Londrina	
24	25	Exposição da SEC na 1ª Fanep	
25	26	Exposição da SEC na 1ª Fanep	
26	27	Exposição da SEC na 1ª Fanep	
27	28	Exposição da SEC na 1ª Fanep	1
28	29	Salto do Apucarantina	1
29	30	Passeios e visita - Apucarantina	
30	31	Exposição da SEC na 1ª Fanep	
31	32	Exposição da SEC na 1ª Fanep	
32	33	Usina Apucarantina	
33	34	Exposição da SEC na 1ª Fanep	
34	35	Exposição da SEC na 1ª Fanep	
35	36	Exposição da SEC na 1ª Fanep	
36	37	Professores municipais em Curso de Treinamento	1
37	38	Professores municipais em Concurso de Especialização	1
38	39	Exposição da SEC na 1ª Fanep	
39	40	Biblioteca Municipal Pública	
40	41	Professores municipais em Curso de Treinamento	1
41	42	Campanha de matrículas antecipadas nos bairros de Londrina - Dezembro, 1970	1
42	43	Professores municipais aguardam o resultado do Concurso para o Magistério realizado em 1971	1
43	44	Reunião pedagógica de professores da zona rural	0
44	45	Curso de Treinamento de Professores	0
45	46	Professores municipais em Curso de Treinamento	1
46	47	Professores municipais em Curso de Treinamento	1
47	48	Posse das primeiras supervisoras - Secretaria de Educação e Cultura	
48	49	Segundo Concurso Professor Normalista	
49	50	Professores municipais em Curso de Treinamento	1
50	51	IIº Concurso de Professores - 1972	
51	52	Reunião de professores da zona rural	0
52	53	Curso de Treinamento de Professores – Aula de Português - Professora Wilma - Curso de Treinamento de Professores	0
53	54	Posse das primeiras supervisoras - Gabinete do Prefeito	
54	55	Entrega de certificados aos alunos que concluíram o 4º ano primário nas escolas municipais da Zona Urbana em 1972 - local: Moringão	1
55	56	IIIº Concurso de Professores	1
56	57	IIIº Concurso de Professores	1
57	58	IIIº Concurso de Normalistas realizado no Colégio Estadual “Professor Vicente Rijo”	1
58	59	Reunião das diretoras com o Sr. Secretário de Educação	1

59	60	Reunião de Diretoras	1
60	61	Posse da professora Hylceia V. Boas de Oliveira como Secretária de Educação e Cultura	
61	62	Equipe da SEC na inauguração da Escola "Rui Barbosa" em Paiquerê	1
62	63	Posse da professora Hylceia V.VBoas de Oliveira como Secretária de Educação e Cultura	
63	64	Passeio na zona rural. Pessoal da SEC	
64		Passeio na zona rural. Pessoal da SEC	
65		Passeio na zona rural. Pessoal da SEC	
66		Passeio na zona rural. Pessoal da SEC	
67	65	Figueira do Rebojo Timbagí	
68	66	Visita ao Salto do Apucarantina	